

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



**Relatório de Estágio na *Ayr Consulting*:  
Reflexão sobre questões de tradução**

**Sofia Micaela Calças Duarte**

MESTRADO EM TRADUÇÃO

2013



UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



**Relatório de Estágio na *Ayr Consulting*:  
Reflexão sobre questões de tradução**

**Sofia Micaela Calças Duarte**

Relatório orientado por:

Professora Doutora Madalena Colaço

MESTRADO EM TRADUÇÃO

2013



## **Agradecimentos**

Gostaria de agradecer a todos os que me apoiaram e ajudaram na realização deste relatório:

À orientadora, a Professora Doutora Madalena Colaço, pelo constante apoio, empenho e disponibilidade que foram fundamentais para a conclusão deste trabalho.

Ao Dr. Nelson Pinheiro, orientador na *Ayr Consulting*, a empresa de acolhimento, pela atenção e ajuda prestada.

Aos restantes funcionários da empresa de acolhimento, pela ajuda na calendarização da entrega das traduções aos clientes.

Ao meu amigo e colega de Mestrado e de estágio, Pedro Almeida Rocha, pela cooperação durante o estágio.

Às pessoas da minha família que me apoiaram e contribuíram de alguma forma para a conclusão deste trabalho.

Aos meus amigos, pela paciência demonstrada.



## Resumo

Este relatório de estágio tem como objetivo apresentar os problemas de tradução surgidos aquando do trabalho realizado no estágio profissionalizante, realizado na *Ayr Consulting*, uma empresa de consultoria sediada no Estoril.

Este relatório está dividido em três partes distintas. Num primeiro momento, iremos apresentar o trabalho efetuado durante o estágio, em que descrevemos a empresa de acolhimento e o modo como o estágio foi conduzido. De seguida são apresentados os tipos de textos trabalhados no âmbito do estágio. Em relação a cada um, são referidas as suas características gerais, o modo com o tradutor deve trabalhá-los e é apresentada uma descrição dos textos traduzidos durante o estágio. Para os textos que tiveram uma maior carga, são apresentadas questões que considerámos importantes referir. Estas têm, sobretudo, como objetivo evidenciar que o seu prévio conhecimento é importante para a elaboração de uma tradução em conformidade. São, ainda, referidos os tipos textuais referentes a cada texto trabalhado, já que estes apresentam características próprias que devem constar nas traduções. Apresenta-se, finalmente, um conjunto de glossários construídos a partir dos termos encontrados nos textos traduzidos.

Numa segunda parte, apresentamos algumas questões gerais de tradução que nos pareceu relevante investigar e mencionar, uma vez que estão relacionados com problemas com que nos deparámos durante o estágio.

Finalmente, na terceira parte, apresentamos e analisamos alguns problemas concretos que surgiram durante a realização do nosso trabalho. São, então, apresentados os problemas de tradução que foram mais significativos e que considerámos mais importante referir num relatório de final de Mestrado. Foi, nesta parte, estabelecida uma distinção entre problemas de natureza sintática e problemas relacionados com aspetos lexicais. Em cada caso, os fenómenos referidos são ilustrados com alguns exemplos retirados dos textos traduzidos, acompanhados com a justificação para a nossa escolha de tradução.

**Palavras-chave:** tipologia textual, glossários, questões de tradução, problemas de sintaxe, problemas de léxico.



## **Abstract**

This internship report aims to present the translation problems that emerged during the work carried out during the internship in *Ayr Consulting*, a consulting firm headquartered in Estoril.

This report is divided in three different parts. At first, we present the work accomplished during the internship, where we describe the firm as well as the way the internship was conducted. Then we present the types of texts worked during the internship. With regard to each type of text, we refer their general characteristics, the way the translator should work on them and the description of the texts translated at the internship. For those texts that had a greater work load we present some questions that were considered important. These questions aimed to show that their prior knowledge is important to perform a translation accordingly. We also refer the textual types concerning each type of translated text, since they have characteristics that must appear in the translations. Finally, we present several glossaries. These were built from terms that we found in the translations.

In the second part we present several translation issues. We found these important to investigate and to mention, since they are related with some problems that we had to deal with during the internship.

Finally, in the third part, we present and analyze problems that we came across with during our work. We show the problems that were more meaningful and that we considered worth mentioning in a master's degree final report. Here, we established a distinction between problems of syntactic nature and problems related with lexical problems. On each case, the phenomena are illustrated with some examples from the translated texts, along with the justification for our choice.

**Keywords:** textual typology, glossaries, translation issues, syntax problems, lexical problems.



# Índice

**Introdução, 1**

**Capítulo I: O Estágio, 3**

1. Caracterização do Estágio, 3

1.1 A empresa de acolhimento, 3

1.2 Descrição do estágio, 4

2. Caracterização geral dos textos traduzidos, 9

2.1 O texto técnico, 9

2.1.1 Características gerais, 10

2.1.2 A tradução do texto técnico, 12

2.1.2.1 Os dogmas da tradução técnica, 13

2.1.2.2 A importância do estilo no texto técnico, 15

2.1.2.3 A gestão da terminologia especializada, 16

2.1.3 As características do tradutor técnico, 18

2.1.4 Descrição dos textos traduzidos, 21

2.2 O texto literário, 23

2.2.1 Características gerais, 24

2.2.2 A tradução literária, 26

2.2.3 A multiplicidade de escolhas da tradução literária, 28

2.2.4 As características do tradutor literário, 32

2.2.5 Tom, estilo e registo, 33

2.2.6 Estratégias de tradução literária, 36

2.2.7 Descrição do texto traduzido, 38

2.3 O texto científico, 42

2.3.1 Características gerais, 43

2.3.2 A tradução do texto científico, 44

2.3.3 Descrição dos textos traduzidos, 46

- 2.4 O texto publicitário, 47
  - 2.4.1 Características gerais, 48
  - 2.4.2 A tradução do texto publicitário, 49
  - 2.4.3 Descrição dos textos traduzidos, 51
  
- 2.5 A tipologia dos textos traduzidos, 52
  - (a) Os textos expositivos, 53
  - (b) Os textos instrucionais, 54
  - (c) Os textos descritivos, 55
  - (d) Os textos narrativos, 56
  - (e) O diálogo, 56
  - (f) Os textos argumentativos, 57
  
- 3. Construção de Glossários, 59
  - 3.1 Objetivos dos Glossários, 59
  - 3.2 Apresentação dos Glossários, 59
    - 3.2.1 Glossário de termos de Informática e Tecnologias de Informação, 60
    - 3.2.2 Glossário de termos de Gestão e Marketing, 66
    - 3.2.3 Glossário de termos de Gestão de Empresas, 68
    - 3.2.4 Glossário de termos Acadêmicos, 70

## **Capítulo II: Questões gerais sobre tradução, 71**

1. O que é a tradução, 71
2. Objetivos e importância da tradução, 73
3. Tradução e cultura, 74
4. A questão da intraduzibilidade e da tradução por equivalência, 77
5. Fases da tradução e métodos de traduzir, 79
6. Tipos de tradução e estratégias utilizadas, 81
7. A utilização de ferramentas de apoio à tradução, 84
8. As características do tradutor, 86
9. A tarefa do tradutor, 87
10. Tradutor vs autor, 89

## **Capítulo III: Problemas e dificuldades de tradução, 91**

### **1. Problemas de sintaxe, 91**

1.1 O artigo, 92

1.2 Orações relativas, 97

1.3 Ordem de palavras, 104

1.4 A construção ativa e a construção passiva, 107

1.5 Clíticos, 111

1.6 Sujeito nulo e sujeito realizado, 119

### **2. Problemas de léxico, 123**

2.1 Acrónimos, siglas e abreviaturas, 124

2.2 Empréstimos e estrangeirismos, 129

2.3 Sinonímia, 138

2.3.1 Sinonímia Intralinguística, 138

2.3.2 Sinonímia Interlinguística e Tradução por Equivalência, 141

2.4 Tradução por Perífrase, 147

2.5 Colocações, 149

2.6 Unidades Fraseológicas, 152

2.7 Termos, 158

### **3. Outros problemas, 161**

3.1 Sinais de pontuação, 161

3.2 Símbolos, 166

3.2 Questões culturais, 168

**Conclusão, 173**

**Bibliografia, 175**

**Anexos, 185**



## Introdução

O presente relatório tem como objetivo apresentar o trabalho realizado durante o estágio na empresa *Ayr Consulting*, que teve lugar entre setembro de 2012 e março de 2013. Trata-se de um estágio profissionalizante de final de Mestrado em Tradução, opção escolhida por me permitir aplicar os conhecimentos e competências obtidos ao longo do mestrado, num ambiente profissional. A oportunidade que me foi dada, de fazer traduções num contexto empresarial, foi muito importante e enriquecedora, pois pude ver como funciona o quotidiano de uma empresa e dar o meu contributo, traduzindo os textos que a empresa me facultou, a pedido de empresas externas. Durante o estágio, eu e o meu colega de estágio, Pedro Rocha, pudemos, ainda, experimentar diversas “velocidades” de trabalho. No primeiro semestre de estágio, traduzimos textos provenientes de um *site* online, estando essa tarefa, por vontade da empresa externa, sujeita a uma calendarização muito rígida. Assim, neste primeiro semestre, tornou-se, então, necessário adequar a nossa velocidade de tradução às exigências do cliente. No segundo semestre, tal já não aconteceu, pelo que pudemos trabalhar a um ritmo mais calmo e ter mais tempo disponível para a revisão dos textos traduzidos, antes da sua entrega ao cliente.

O relatório que apresentamos seguidamente está dividido em três capítulos.

Num primeiro capítulo, será apresentada a empresa de acolhimento na qual foi realizado o estágio e será descrito o trabalho efetuado. Seguidamente, serão apresentados os tipos de textos traduzidos. Nesta secção, referiremos as características de cada tipo de texto e o modo como o tradutor deve traduzi-los. Faremos, ainda, uma descrição dos textos trabalhados. Uma vez que cada um destes textos contém sequências correspondentes a distintos tipos textuais, considerámos pertinente apresentar os tipos textuais que ocorreram em cada texto, referindo, igualmente, as suas características lexicais e gramaticais, tendo este sido um aspeto que esteve presente durante o trabalho de tradução. Para finalizar este primeiro capítulo, serão apresentados os glossários construídos a partir das traduções, elemento fundamental para realizarmos traduções utilizando uma terminologia constante e coerente. Estes glossários apresentam também a vantagem de poderem vir a ser utilizados em traduções futuras.

No segundo capítulo, apresentaremos uma reflexão sobre algumas questões gerais de tradução que consideramos importantes e relevantes para a tarefa do tradutor. Estas questões englobam aspetos que vão desde a definição do próprio conceito de tradução até à caracterização do papel do tradutor no processo de tradução, bem como à descrição de algumas das estratégias que podem ser por ele usadas, com a finalidade de produzir um texto formalmente correto e adequado aos seus objetivos.

Finalmente, no terceiro capítulo, serão apresentados e discutidos os principais problemas e dificuldades encontrados ao longo da tarefa de tradução. Esta parte do trabalho está dividida em duas secções centrais: uma primeira sobre questões de sintaxe e uma segunda sobre problemas relacionados com o léxico. Em cada uma destas secções, serão apresentados vários exemplos retirados dos textos trabalhados, com o objetivo de ilustrar os aspetos referidos, e serão apresentadas propostas de tradução, devidamente justificadas. O capítulo finaliza com uma breve secção em que são mencionadas questões relacionadas, por um lado, com a pontuação e, por outro lado, com a ocorrência de símbolos nos textos traduzidos.

# Capítulo I – O Estágio

## 1. Caracterização do estágio

### 1.1 – A Empresa de acolhimento

O estágio, a partir do qual este relatório foi realizado, decorreu na empresa *Ayr Consulting*, uma Consultora de Inovação Estratégica que trabalha na área das Tendências e da Mentalidade do Consumidor. A empresa analisa e valida as tendências emergentes, através de uma rede mundial de *Coolhunters* – profissionais cujo trabalho consiste em identificar futuras tendências, antecipando-as para as empresas – e especialistas em Tendências, aplicando-as depois para a criação de *insights* de inovação através da metodologia da empresa, a *innovAyr*. A empresa tem como objetivo criar ideias inovadoras, inspiradas nas tendências, de modo a criar projetos rentáveis para as empresas, tais como ideias para novos negócios e produtos; novos conceitos de comunicação; estratégias inovadoras de produtos, *marketing* e negócios; e novas formas de relacionamento entre as empresas e os seus clientes. A *Ayr Consulting* trabalha no sentido de ajudar a construir novos modelos de negócios, de modo a acrescentar valor às estratégias e ações dos clientes.

A *Ayr Consulting* é a primeira e única empresa em Portugal especializada em tendências e inovação. A empresa é apoiada pela sua rede internacional, um grupo de mais de 400 *Cool Hunters* e 3.000 Observadores de Tendências na sua rede mundial da *Science of the Time* – uma das primeiras, e das mais reputadas, empresas do mundo da área das tendências e da inovação. Produz ainda, de dois em dois meses, relatórios sobre tendências e inovação na Europa, América e Ásia. Esta empresa tem sede em Portugal e escritórios em São Paulo, no Brasil, e em Miami, nos Estados Unidos da América.

## 1.2 – Descrição do Estágio

Este relatório foi realizado no âmbito do estágio curricular do Mestrado em Tradução. Das várias opções disponíveis de trabalho final de mestrado, preferimos fazer o estágio para termos uma noção do trabalho do tradutor em contexto empresarial. O estágio foi bastante útil e elucidativo, pois tivemos a oportunidade de pôr em prática os conhecimentos que adquirimos durante as aulas do mestrado. Tivemos também de lidar com a pressão a que os tradutores estão sujeitos, especialmente em relação ao calendário de entrega das traduções e, portanto, tivemos de treinar a velocidade de tradução de modo a satisfazer as exigências dos clientes, cada vez mais altas, num mercado de trabalho cada vez mais exigente.

O estágio, realizado em conjunto com um colega, decorreu no Estoril, na empresa *Ayr Consulting*. A nossa função na empresa, que até à data não possuía um departamento específico de tradução, era a tradução, de inglês para português, de documentos a pedido dos clientes ou de textos da própria empresa. No decorrer do estágio, tivemos o apoio do nosso coordenador de estágio, o Dr. Nelson Pinheiro Gomes, bem como do Dr. Eduardo Garcia, Vice-Presidente Sénior, e do Dr. João Alves, também Vice-Presidente Sénior, que se mostraram à nossa disposição para nos ajudarem tanto na tradução de determinados termos dos textos traduzidos, como na revisão dos mesmos, antes de serem enviados para os clientes. Também de referir que os nossos trabalhos recebiam um constante *feedback*, o que foi muito importante, especialmente no início do estágio, por sabermos, assim, se as nossas traduções correspondiam às expectativas do cliente e, em casos de traduções incorretas, por sermos confrontados com os nossos erros, de modo a que estes não se repetissem de futuro. Parte do *feedback* foi-nos dada através do Dr. Eduardo Garcia, pois era quem estava em constantes diálogos com o cliente. Para os documentos internos da empresa *Ayr*, o *feedback* chegava-nos através do Dr. Nelson Gomes, o nosso coordenador de estágio. Durante o nosso estágio, foi-nos facultado o acesso à internet e, quando necessário, à biblioteca da empresa.

Durante este período, decidimos que os documentos a traduzir, sempre que possível, seriam divididos igualmente pelos dois e que, antes de entregues, as traduções seriam revistas por ambos. Esta opção teve como finalidade dois objetivos principais: tentar detetar algum erro ou lapso que poderia ter passado despercebido ao tradutor e

tentar uniformizar os termos e a linguagem utilizada, de modo a não ser perceptível o facto de os textos terem sido traduzidos por duas pessoas.

O estágio curricular teve a duração total de 240 horas, divididas pelos dois semestres, numa proporção de 180 horas no primeiro semestre e as restantes 60 horas no segundo semestre. Inicialmente, o calendário proposto pela empresa de acolhimento estava dividido em quatro fases, sendo que a primeira fase do estágio decorreria entre os dias 17 e 28 de setembro de 2012, a segunda fase entre os dias 5 e 30 de novembro de 2012 e, já no segundo semestre, entre os dias 4 e 22 de março e 8 e 26 de abril de 2013, com um horário de 4 horas diárias. No entanto, no fim da primeira fase do estágio, devido às exigências do trabalho que estava em curso, foi-nos pedido que alterássemos o calendário proposto e que continuássemos o trabalho até 26 de outubro, de modo a trabalharmos as 120 horas relativas ao primeiro semestre sem a pausa sugerida inicialmente. Durante este período, e devido à extensão das semanas de trabalho, foi sugerido o aumento das horas de trabalho diário de 4h para 6h, pelo que o horário passou a ser das 9h às 15h, no meu caso sem pausa para almoço, por opção própria. Um pouco antes de completarmos as 120 horas correspondentes ao primeiro semestre, o período de estágio do primeiro semestre foi alargado para 180 horas, de modo a terminarmos a tarefa de tradução em curso, e também a termos mais tempo para a elaboração do relatório de estágio. A segunda parte do estágio, referente às restantes 60 horas, decorreu de 4 a 18 de fevereiro, com pausa de Carnaval no dia 12 de fevereiro, num horário diário de 6 horas. De referir ainda que nos foi dada alguma liberdade para gerirmos o nosso horário consoante as nossas necessidades.

O trabalho realizado durante o primeiro semestre do estágio esteve centrado na tradução de textos técnicos, nomeadamente na tradução de um *site* sobre tecnologias de informação. Este trabalho de tradução já tinha sido iniciado por uma pessoa da empresa de acolhimento, pelo que, quando chegámos, tivemos de receber informação sobre o que estava já traduzido e o que ainda faltava, bem como sobre todas as exigências do cliente relativamente a este trabalho. Tivemos ainda de trabalhar no sentido de tentar manter ao máximo a estrutura do texto e o tipo de linguagem utilizada, para que não fosse visível que o *site* tinha sido traduzido por várias pessoas. Também no primeiro semestre, e ainda no que se refere ao *site*, traduzimos uma lista de termos e pequenas frases. Estes diziam respeito a um conjunto de comandos que seriam também introduzidos no *site* por programadores.

Nesta primeira fase, e com respeito às ferramentas utilizadas, recorreremos à internet e às *Newsletters* oficiais do cliente para efetuar todas as pesquisas de termos. Em relação aos *sites* da internet, utilizámos bases de dados terminológicas, como o *IATE*, dicionários bilíngues, como a *Infopédia*, dicionários monolíngues, como o *The Free Dictionary* e sites de corpora paralelos, como o *Linguee*. Devido à inexistência de informação necessária para efetuar certas traduções, tive também de recorrer a alguns *sites* e *blogs* da especialidade, como o *blog portugal-a-programar.pt* e o *site zetes.pt*, por exemplo. À medida que íamos traduzindo, fomos construindo um glossário de termos da área das tecnologias da informação, glossário esse que será apresentado mais à frente no relatório. A construção dos glossários, ao longo de todo o estágio, teve como finalidade uniformizar o léxico utilizado tanto nestes textos como em traduções futuras e evitar perdas de tempo desnecessárias, que poderiam ocorrer futuramente caso o termo em questão ocorresse várias vezes.

Foi combinado, no início do estágio, que a tradução seria dividida entre os dois, ou seja, cada um faria a tradução de um separador do *site*, para evitar repetições de textos traduzidos. Contudo, fomos nos apercebendo, ao longo do nosso trabalho, de que alguns textos ou excertos de textos ocorriam em vários separadores. Nestes casos, de modo a evitar traduções diferentes dos mesmos textos, optámos por utilizar, como modelo, a primeira tradução que já se encontrasse feita. Para que tal acontecesse, teve de haver uma comunicação constante entre nós.

De referir que o *site* que traduzimos pertence a uma empresa portuguesa, denominada *IBT (Internet Business Technologies)*, que, por motivos de competitividade, construiu o seu *site* em inglês. Também por exigência do mercado, foi necessário traduzir todo o conteúdo do *site* para português, nomeadamente português do Brasil. O trabalho que nos foi pedido foi o de traduzir todos os conteúdos dessas páginas de internet para português europeu e, posteriormente, o Dr. Eduardo Garcia faria a revisão dos textos por nós traduzidos, adaptando-os para português do Brasil. Contudo, a dado momento do nosso estágio, foi-nos pedido que, com a ajuda de uma pequena lista de termos de português europeu e brasileiro que nos foi facultada, traduzíssemos utilizando alguns termos já no seu correspondente em português do Brasil. A razão para tal pedido foi facilitar o trabalho do revisor, devido à quantidade de páginas que traduzimos e ao tempo de que dispúnhamos para entregar o nosso trabalho. De referir que esta lista de termos de português europeu e brasileiro será apresentada no

final deste relatório de estágio, na parte correspondente aos Anexos (Anexo 1). Note-se também que, pelo facto de termos de traduzir um *site* e de este estar, inevitavelmente, em constante mutação, houve diversos separadores desta página de internet que traduzimos, mas que, alguns dias depois, no momento da revisão dos mesmos, já não estavam *online*. Tivemos, pois, nestes casos, de fazer uma revisão dos documentos muito mais limitada, visto que não tínhamos como aceder aos textos originais. Estes acabaram por não ser utilizados pelo cliente, que os retirou definitivamente do *site*.

Já no segundo semestre, o trabalho realizado foi repartido pelas duas semanas de estágio restantes. Na primeira semana, traduzimos textos publicitários, na área da gestão e das tecnologias, e artigos académicos. Tal como no primeiro semestre, os textos a traduzir foram divididos entre os dois e, posteriormente, sujeitos a uma revisão conjunta. Tanto os textos científicos como os textos publicitários foram traduções efetuadas a pedido de clientes da *Ayr Consulting*. Como tal, tivemos, também, prazos a cumprir quanto à data de entrega das traduções. Os textos publicitários dizem respeito a uma metodologia de gestão do conhecimento nas empresas (*Knowledge Pills Methodology*). São textos informativos que explicam a forma de utilização, bem como as vantagens, de uma metodologia de formação de recursos humanos dentro das organizações. Já o texto científico, concretamente um artigo académico, relata um trabalho de investigação sobre a responsabilidade social em cursos de *Marketing*. Mais especificamente, é um relatório de um estudo realizado com base na análise do comportamento de alunos de uma universidade portuguesa. Para a tradução destes dois tipos de texto, recorremos a dicionários *online* bilingues e monolingues, como a *Infopédia* e o *The Free Dictionary*, a sites de *corpora* paralelos, como o *Linguee*, e a sites de bases de dados terminológicos, como o *IATE*. No caso dos textos publicitários, recorremos ainda ao *site* oficial do projeto que desenvolveu a metodologia referida, o *site pt.edupills.eu*, de modo a perceber melhor de que produto se tratava.

Ao longo do processo de tradução, fomos também construindo glossários temáticos para cada tipo de texto. Uma vez que estes textos eram mais pequenos do que os do primeiro semestre, também os glossários são de menores dimensões. O facto de não serem textos tão especializados como os tratados durante o primeiro semestre foi também um fator que contribuiu para a reduzida dimensão destes glossários.

Finalmente, na segunda e última semana de estágio, traduzimos um texto literário. Para a tradução literária, não dividimos os textos entre nós, mas cada um traduziu um texto diferente. O nosso coordenador de estágio pôs-nos à disposição um livro de Jane Austen e tivemos a oportunidade de escolher uma das suas obras. No meu caso, traduzi os três primeiros capítulos do livro “*Pride and Prejudice*”. Uma vez que o texto original data de inícios do século XIX, foi necessário ter em atenção o tipo de linguagem utilizada. Tentámos, portanto, traduzir utilizando uma linguagem mais formal e cuidada, utilizando também formas de tratamento, entre as personagens, mais cuidadas. Este último trabalho, como dito anteriormente, foi-nos proposto pelo Dr. Nelson Pinheiro Gomes, tendo como objetivo termos a oportunidade de traduzir diferentes tipos de texto. Para a realização deste trabalho, utilizámos, igualmente, os dicionários *online* bilingues e monolingues anteriormente referidos, bem como *blogs* ou outros recursos *online*, como o Ciberdúvidas da Língua Portuguesa, quando nos confrontávamos com alguma dúvida linguística ou de vocabulário. Ainda no que se refere às ferramentas utilizadas, optámos por não utilizar nenhuma memória de tradução. Embora tenhamos conhecimento do funcionamento e das vantagens destas ferramentas – nomeadamente o *Wordfast* e o *Plus Tools* – decidimos não as utilizar por não serem compatíveis com o computador com o qual trabalhámos. Isto é, uma vez instalados, os programas tornavam o computador mais lento e o mesmo desligava-se repentinamente. Como tal não ajudava na rapidez da tradução, decidimos não utilizar nenhuma destas ferramentas.

Relativamente ao número de páginas traduzidas durante o estágio, podemos afirmar que, como já foi referido, a maioria das traduções foram realizadas no primeiro semestre, tanto por termos trabalhado mais horas como pelo facto de o tipo de trabalho que nos foi dado ter exigido de nós uma maior velocidade de tradução. Assim, no primeiro semestre, traduzimos um total de 329 páginas Word. De referir, porém, que algumas destas páginas contêm imagens e tabelas, para uma melhor orientação nos conteúdos traduzidos, bem como partes de texto repetido. O texto repetido, embora só tenha sido traduzido uma vez, foi também alvo de revisão e, pela natureza do *site*, não pudemos deixar de o considerar no nosso trabalho. Em relação ao segundo semestre, traduzimos um total de 20 páginas, entre o texto científico, os textos publicitários e o texto literário. Como não tivemos um calendário de entrega das traduções tão rígido como no primeiro semestre, pudemos dar mais atenção à revisão dos textos traduzidos,

bem como fazer pesquisas mais profundas sobre os temas que traduzimos e sobre o vocabulário utilizado.

## **2. Caracterização geral dos textos traduzidos**

Como já foi referido anteriormente, no decurso do estágio na empresa *Ayr Consulting*, tivemos a oportunidade de traduzir vários géneros de textos, nomeadamente textos técnicos, textos publicitários, um texto científico e um excerto de um texto literário. Para traduzir estes géneros de textos, tivemos de ter em atenção as características específicas de cada um. Nas secções que se seguem, abordaremos algumas questões gerais relacionadas com os géneros de textos trabalhados. Assim, em primeiro lugar, trataremos dos textos técnicos e da especificidade da tradução técnica. Num segundo momento, debruçar-nos-emos sobre os textos literários, mencionando algumas questões que se levantam aquando da sua tradução. Seguidamente, referiremos as características específicas dos textos científicos e dos textos publicitários. Finalmente, apresentaremos uma caracterização dos diversos tipos textuais que identificámos nos textos trabalhados.

### **2.1 – O Texto Técnico**

O texto técnico caracteriza-se pela utilização de linguagem técnica e está, frequentemente, relacionado com as tecnologias de informação, isto é, com computadores, programas informáticos, manuais de utilização, instruções, entre muitos outros, embora possa estar igualmente relacionado com outras áreas. A tradução deste tipo de textos é considerada bastante complexa, pois requer elevados conhecimentos da área em que se insere, bem como da terminologia que lhe está associada, que tem uma presença muito marcada.

A distinção entre textos técnicos e textos científicos nem sempre se estabelece de uma forma clara. Williams e Chesterman (2002) – *apud* Durão (2007) –, por exemplo, consideram a tradução técnica como “*the translation of many kinds of specialized texts in science and technology, and also in their disciplines such as economics and medicine*”. Por sua vez, Albir (2001) – *apud* Durão (2007) – estabelece uma distinção entre tradução técnica e outros tipos de tradução, como a tradução jurídica, económica, literária, entre outras. Pinchuck (1977) – *apud* Durão (2007) – considera a tradução científica como a tradução que diz respeito às ciências puras e a tradução técnica como a tradução relacionada com as ciências aplicadas, nomeadamente as ciências naturais e as tecnologias. White (1996) – *apud* Byrne (2006) – define o texto técnico como “*communicating... specialized information in any field (particularly industry), read by technicians, technical managers, owner-operators of machines, and scientific researchers to perform a certain task*”. O autor acrescenta ainda que “*what makes texts technical is their ‘utilitarian, specialized focus’*”. Para Byrne (2006), o texto técnico está relacionado com tecnologia e com a forma como o conhecimento científico é posto em prática. A expressão “textos técnicos” é, pois, usada para os textos que utilizam linguagem técnica e que se inscrevem numa área do conhecimento técnico (Zethsen, 1999), ou seja, que estão associados a uma função utilitária. Por sua vez Tarutz (1992) – *apud* Cruz (2012) – afirma que:

*Technical writing explains technical concepts, describes processes, defines technical terminology, gives diagnostic information, instructs how to use a product, tells how to perform a task, and provides reference information.*

### **2.1.1 – Características gerais**

Os textos técnicos apresentam certas características que permitem distingui-los de outros géneros de textos. O conhecimento destas características ajuda o tradutor na realização da tradução.

Os textos técnicos apresentam, como características centrais, uma linguagem clara, rigorosa, precisa, objetiva e a presença de terminologia especializada da área a

que o texto pertence. Segundo Zethsen (1999), em termos gramaticais, estes textos apresentam frequentes nominalizações, expressões nominais com modificadores, e estão, geralmente, escritos na 3ª pessoa ou utilizando formas impessoais. Baakes (1994) – *apud* Zethsen (1999) – acrescenta ainda a economia, a concisão e a formalidade como características destes textos. Os textos técnicos são, tradicionalmente, textos informativos, cuja função fundamental é a transmissão objetiva de informação de uma matéria técnica:

*“So according to the traditional view, the purpose of a technical text is to transmit objective information on technical subject.”*

(Zethsen, 1999)

O texto técnico é, normalmente, escrito por especialistas. O estilo e a linguagem utilizados nos textos técnicos variam consoante o público a que se destinam, bem como consoante a função do texto. A linguagem usada nos textos técnicos será mais hermética se o público-alvo for especialista da área.

A terminologia é considerada uma das características que mais desafios lançam aos tradutores técnicos (Hoffmann, 1991 *apud* Zethsen, 1999). A tradução técnica, como afirma Newmark (1988), é distinta de outros tipos de tradução devido à presença de terminologia especializada, apesar de esta apenas constituir, em geral, cerca de 5 a 10% do texto. Assim, a presença de terminologia especializada, por si só, não é suficiente para classificar um texto como técnico. A questão da terminologia será abordada mais detalhadamente no ponto 2.1.2.3 deste trabalho.

Segundo Gamero (2001) – *apud* Cruz (2012) –, os textos técnicos são textos em que dominam a função expositiva e a função instrutiva. Os textos expositivos e os textos instrutivos apresentam algumas características específicas, que serão apresentadas no ponto seguinte. Como poderemos ver, as características sintáticas que estes textos apresentam variam, pois, consoante a sua função. O texto poderá ter também vários níveis de complexidade, objetividade, expressividade, formalidade, economia e precisão.

## 2.1.2 – A tradução do texto técnico

Durante muitos anos, a tradução técnica foi vista como “o patinho feio” da tradução (Byrne, 2006). Tal situação, refere o mesmo autor, devia-se ao facto de estes textos não serem, maioritariamente, particularmente atrativos nem terem a elegância nem a beleza de outros tipos de textos. A tradução técnica é muitas vezes vista como estando na base, no fundo, da atividade de tradução e é frequentemente considerada como sendo pouco mais do que um exercício de equivalência de terminologia especializada (Byrne, 2006). No entanto, a tradução técnica está ligada a uma investigação teórica muito promissora e as suas raízes na tradução comercial e na comunicação técnica tornaram-na uma área bastante rica e complexa. Estima-se que cerca de 90% do volume anual mundial de traduções pertençam à área da tradução técnica (Kingscott, 2002 *apud* Byrne, 2006). Não é um dado assim tão surpreendente, se tivermos em conta a importância da disponibilidade da informação técnica nas várias línguas, devido, sobretudo, à internacionalização de empresas e à legislação europeia. Cruz (2012) acrescenta, a este respeito, que a tradução técnica está presente na vida das empresas, dos manuais escolares, da publicidade, dos meios de transporte, entre muitos outros.

Com efeito, a tradução técnica, como referido anteriormente, não é apenas um exercício de equivalências de termos técnicos. O texto produzido pelo tradutor deve, para além de atender a todas as características do texto original, ser orientado para o leitor. O tradutor do texto técnico deve ter em conta a quem o texto alvo se dirige e adaptar a sua escrita ao seu público. Segundo Cruz (2012), o tradutor deve ter em mente que muitos textos técnicos que possa produzir, dada a sua natureza, podem ter efeitos diretos na vida de uma pessoa. O autor referido dá-nos o exemplo de instruções de montagem de máquinas ou cadeiras para crianças, ou instruções de utilização de diversos aparelhos, por exemplo. A má tradução destes textos pode pôr em risco a vida e a segurança dos utilizadores. Como afirma Cruz:

*A falta de inteligibilidade de um texto não é concebível quando põe em risco a segurança dos utilizadores de produtos ou serviços. O facto é que é possível que os utilizadores de um produto possam utilizá-lo mal devido à má compreensão do seu manual técnico ou, pior ainda, por desistirem da sua leitura por falta de adequação do texto à sua literacia.*

Assim, como podemos ver, o tradutor é diretamente responsável pelo texto que produz. Deve, portanto, produzir um texto que seja o mais claro possível.

Tendo em conta que um dos principais objetivos dos textos técnicos é transmitir informação completa e precisa, e apresentá-la de uma forma correta para que possa ser usada eficazmente, a partir da tradução, os leitores devem ser capazes de assimilar a informação que lhes é apresentada com o menor esforço possível (Byrne, 2006). Assim, de modo a facilitar a leitura e a assimilação de informação, Cruz (2012) refere que o texto técnico deve possuir uma estrutura:

- Clara e monossémica: clareza na utilização de palavras comuns e, monossémica no que respeita à utilização de apenas um termo para designar um mesmo conceito;
- Fluida e simples: principalmente ao nível da sintaxe e da construção frásica de modo a tornar o texto acessível a um público de baixa literacia;
- Célere na leitura e breve na extensão: de modo a facilitar a leitura de materiais técnicos ou outros textos de cariz utilitário. As frases curtas são mais eficazes na veiculação da informação do que frases longas de estrutura complexa.

Como faz notar Cruz (2012), embora haja mais traços dos textos técnicos, e, conseqüentemente, da tradução técnica, estes são *“os traços mais marcantes dos textos técnicos, que formam assim uma escrita simples, facilmente inteligível e acessível ao seu público-alvo”*.

### **2.1.2.1 – Os dogmas da tradução técnica**

Zethsen (1999) refere a existência daquilo que designa por dogmas da tradução técnica. Trata-se de ideias que ainda são frequentemente aceites como verdades caracterizadoras da tradução técnica, mas que, como veremos, este autor refuta. Eis os principais dogmas por ele referidos:

1. O objetivo da tradução é transmitir informação factual.
2. O grande desafio é a terminologia.

3. Não é necessária nenhuma estratégia de tradução em especial, desde que o tradutor esteja familiarizado com a terminologia e a sintaxe típica dos textos técnicos.

Zethsen (1999) apresenta uma reflexão sobre estes três dogmas, verificando se se trata de ideias válidas e corretas.

Relativamente ao aspeto referido em 1, certamente que um dos principais objetivos da maioria dos textos técnicos é transmitir informação factual. Contudo, este não é o único objetivo destes textos. O facto de dar continuamente importância apenas à sua função informativa desvia as atenções do tradutor para a presença de outras funções do texto, o que poderá prejudicar a tarefa de tradução.

Quanto à questão da terminologia, este é, sem sombra de dúvidas, um dos grandes desafios que se colocam à tradução técnica. A terminologia é um elemento da tradução que apresenta alguma dificuldade e que implica um grande investimento em termos de tempo. No entanto, o tradutor não pode, perante este facto, dedicar a sua atenção apenas à terminologia, esquecendo-se, assim, de ter em conta outros dispositivos linguísticos com igual importância para a adequação da tradução. Com efeito, como afirma Zethsen (1999), o texto técnico não deve ser visto como “*a collection of technical terms*”. Deve, antes, ser visto como uma entidade escrita que serve vários propósitos. Enquanto o tradutor estiver apenas focado na terminologia, não poderá prestar atenção a esses outros aspetos, igualmente relevantes. Como apontado pelo autor referido, o verdadeiro desafio para o tradutor de hoje em dia reside na capacidade de combinar a terminologia altamente especializada e as características expressivas. Contudo, esta questão não está livre de discórdia. Pinchuck (1977) – *apud* Byrne (2006) –, por exemplo, afirma que o vocabulário é a característica linguística mais significativa dos textos técnicos. Também Byrne (2006) defende que é mais importante saber como escrever o texto do que saber manipular a terminologia.

Por último, no que diz respeito ao aspeto mencionado em 3, é certo que o conhecimento das características associadas aos diferentes tipos de texto e das suas convenções é útil para o tradutor. Contudo, esse conhecimento não é suficiente para efetuar uma boa tradução. As estratégias de tradução podem e devem ser usadas para resolver problemas em qualquer tipo de texto que o tradutor tenha dificuldades em

traduzir. O facto de pertencer a uma ou a outra área de especialidade não inviabiliza o uso de estratégias de tradução. Estas devem ser utilizadas tanto para facilitar o trabalho ao tradutor como para facilitar a compreensão ao leitor.

### **2.1.2.2 – A importância do estilo no texto técnico**

É frequente a ideia de que, devido à sua função predominantemente utilitária, estão ausentes do texto técnico aspetos relacionados com a dimensão do estilo. No entanto, esta ideia é, quanto a nós, discutível.

O estilo, segundo Cunha e Cintra (1984), está relacionado com a individualidade do discurso. Estes autores afirmam o seguinte:

*Discurso é a língua no acto, na execução individual. E, como cada indivíduo tem em si um ideal linguístico, procura ele extrair do sistema idiomático de que se serve as formas de enunciado que melhor lhe exprimam o gosto e o pensamento. Essa escolha entre os diversos meios de expressão que lhe oferece o rico repertório de possibilidades, que é a língua, denomina-se estilo.*

Para Marouzeau (1946) – *apud* Cunha e Cintra (1984) –, estilo é o aspeto e a qualidade que resultam da escolha dos meios de expressão de que dispomos para formar o enunciado. Através desta definição de estilo, podemos ver que este é um elemento indissociável da própria escrita.

Na verdade, o estilo é também bastante importante para a tradução técnica. O modo como o texto está escrito é tão importante na área técnica como noutras áreas, já que o estilo pode ter uma razão subjacente e não servir apenas como forma de embelezar ou entreter, tal como afirma Byrne (2006):

*[But] if we regard style as the way we write things, the words we choose and the way we construct sentences, then style is equally, if not more, important*

*in technical translation than in other areas because it is there for a reason, not simply for artistic or entertainment reasons.*

O facto de o texto técnico, normalmente, não apresentar a expressão de emoções, conotações, efeitos sonoros ou metáforas não quer dizer que estes recursos não possam estar presentes em textos deste tipo. A frequente ausência de expressividade acontece porque o texto técnico deve ser objetivo, sem deixar espaço a ambiguidades ou segundas interpretações. Mas, como afirma Zethsen (1999) – *apud* Byrne (2006) – “*literary texts do not hold a monopoly on expressivity and creativity*”, algo que os tradutores necessitam de ter sempre em mente. Como tal, os tradutores não devem partir da ideia pré-concebida de que o texto técnico não apresenta marcas de estilo. Devem, antes, analisar o texto com atenção, para que esta característica, uma vez presente no texto original, possa manter-se na tradução.

### **2.1.2.3 – A gestão da terminologia especializada**

A frequente ocorrência de termos especializados é, como já vimos, embora não a única, uma das características fundamentais do texto técnico.

A terminologia, segundo Cruz (2012), é “*um vocabulário de palavras, termos e frases que são utilizados numa indústria, organização ou área científica específicas*”. Cruz (2012) acrescenta, a este respeito, que a “*terminologia pode ser interlíngua (isto é, bilingue ou multilingue) ou intralíngua (como o nome indica, dentro da mesma língua)*”. Por outro lado, a terminologia representa ainda a ciência que se ocupa do estudo desses termos (Lervad, 1999 *apud* Cruz, 2012). Por sua vez, Correia (2005) – *apud* Cruz (2012) – define termos como unidades lexicais que assumem significados específicos quando utilizadas em discurso especializado. Essas unidades permitem denominar conceitos científicos e técnicos. Como acrescenta Cruz (2012), os termos definem-se pelo contexto de utilização no discurso especializado, diferenciando-se da unidade lexical do discurso corrente, quando esta existe.

Segundo uma publicação da organização TermNet<sup>1</sup>, uma rede internacional sobre terminologia, a gestão terminológica está na base da comunicação técnica, visto que torna a comunicação mais clara, reduzindo a ambiguidade. Dentro de uma empresa, pode ainda reforçar a imagem e o desempenho de um negócio, aumentando a competitividade que poderia ser “perdida” através de informação inadequada ou incorreta. A gestão terminológica é definida como:

- A tradução de terminologia técnica para uma linguagem orientada para o consumidor, isto é, compreensível para o consumidor;
- Nomenclatura, monolíngue ou multilíngue, dos produtos de uma empresa, também com o intuito de apoiar a identidade de empresa;
- Definições exatas para requisitos legais, de modo a evitar ambiguidades e problemas legais;
- Padronização, isto é, a tentativa de manter uma terminologia constante, uniforme.

Como afirma Cruz (2012), a existência de um número cada vez maior de bases de dados terminológicas mostra a importância da utilização de terminologias adequadas para a realização de boas traduções. Há que levar em linha de conta que, sobretudo na área das tecnologias, muitos dos termos especializados já passaram para o domínio público. Contudo, tal não quer dizer que deixem de ser especializados. De facto, é frequente as pessoas utilizarem termos especializados na conversação diária. Como esses termos já estão inseridos no nosso quotidiano, muitas vezes esquecemo-nos de que pertencem a uma área de especialidade: *“o léxico do quotidiano está impregnado de terminologia técnica”* (Cruz, 2012). O mesmo autor dá como exemplos os utensílios, ferramentas e veículos. Por exemplo, os termos “alicate”, “busca-pólos”, “chaves de fendas” e “berbequim”, são todos termos que designam ferramentas utilizadas, sobretudo na construção, mas que já se tornaram de uso comum.

O trabalho do tradutor, refere Said (2011), ao nível da terminologia, está presente nas seguintes tarefas:

- Criação de glossários a partir de textos traduzidos
- Pesquisa de termos pertencentes a uma área específica

---

<sup>1</sup> Pode encontrar o documento acedendo ao seguinte endereço [http://www.termnet.org/downloads/english/about\\_us/what\\_is\\_terminology\\_2006\\_05.pdf](http://www.termnet.org/downloads/english/about_us/what_is_terminology_2006_05.pdf)

- Verificação do grau de dificuldade do texto a traduzir com base nos termos técnicos
- Organização de glossários já construídos para reaproveitamento futuro

A boa gestão terminológica torna o trabalho dos tradutores muito importante, pois ajuda a assegurar a coerência e a uniformidade da terminologia utilizada, bem como a partilha do vocabulário.

Relativamente aos textos trabalhados no âmbito do estágio, aqueles em que a terminologia foi mais significativa foram os textos sobre tecnologias da informação. Com efeito, esta, como afirma Cruz (2012), é “*a área tecnológica que mais terminologia produz nos dias de hoje*”. Podemos também observar que, nesta área, é predominante a utilização de termos provenientes da língua inglesa. Uma grande parte desses termos entram noutra língua através de um processo de empréstimo como é o caso de *hardware*, *software*, *browser* e *download*, por exemplo. Este assunto será abordado mais detalhadamente no capítulo III deste trabalho.

### **2.1.3 – As características do tradutor técnico**

A forma como se caracteriza o tradutor técnico difere consoante os autores. Segundo Zethsen (1999: 67), o tradutor técnico “*is a factual and objective engineer*”, atento ao público-alvo, e cujo único objetivo é transmitir a informação técnica do texto em questão. Fishbach (1998) – *apud* Byrne (2006) –, por outro lado, afirma que o tradutor deve escrever textos idênticos aos produzidos pelos escritores técnicos. Segundo o autor, escrever desadequadamente um texto técnico pode minar a credibilidade do texto, do autor e da informação contida no texto. Göpferich (1993) e Amman & Vermeer (1990) – *apud* Byrne (2006) – afirmam que o tradutor técnico é um “*intercultural or cross-cultural technical writer*”. Ou seja, o tradutor técnico, além de possuir fortes conhecimentos das línguas com que trabalha, tem, igualmente, de ser um conhecedor das respetivas culturas. Byrne (2006) afirma ainda que o tradutor técnico deve certificar-se de que o texto que produz está escrito de forma suficientemente

acessível para que o público consiga perceber as suas instruções. Este autor apresenta uma lista de competências essenciais para os tradutores técnicos:

- Conhecimentos sobre o assunto em questão
- Capacidades de escrita
- Capacidades de pesquisa
- Capacidades pedagógicas
- Conhecimentos de géneros e tipos de textos

Por sua vez, Cruz (2012) afirma que os tradutores técnicos precisam de ter fortes conhecimentos linguísticos ao nível da gramática, da eficácia comunicativa, dos processos e variáveis da inteligibilidade e da legibilidade, dos registos de língua e das funções textuais. Com efeito, os tradutores técnicos, como já referimos, têm deveres para com o público ao qual o texto se dirige, devendo, nomeadamente, ser leais ao texto original, ter especial preocupação com a correção e a qualidade desse mesmo texto. Cruz (2012) apresenta as seguintes características essenciais do tradutor técnico:

- Preparação linguística: o tradutor deve ter uma preparação linguística atenta e dominar as subtilezas estilísticas da língua. Deve possuir um conhecimento excelente das línguas com as quais trabalha.
- Curiosidade cultural e técnica: o tradutor deve ser um investigador. Deve fazer as pesquisas necessárias sempre que estiver perante uma área que não domine por completo.
- Disciplina: no sentido em que deve cumprir os prazos de entrega de um trabalho que lhe foi proposto. O tradutor tem de ser bastante organizado e ser capaz de dar prioridade às tarefas mais urgentes.
- Utilização de diversos materiais: o tradutor técnico não faz uso apenas dos dicionários, mas utiliza um conjunto de diferentes materiais, consoante a sua necessidade.
- Integridade e ética: o tradutor deve respeitar o sigilo profissional para com o cliente e a empresa de tradução, sempre que a situação o implique.

Os textos técnicos, por serem escritos por especialistas e por terem frequentemente uma dimensão internacional, muitas vezes já são escritos de um modo que visa a facilidade da tradução, como podemos comprovar na seguinte citação:

*Pym argues that highly specialized technical texts are typically embedded in an international community of scientists, engineers, physicians, lawyers, and the like, who attend international conferences and read books in other languages and so have usually eliminated from their discourse the kind of contextual vagueness that is hard to translate. As Pym's "tomography" example shows, too, international precision tends to be maintained in specialist groups through the use of Greek, Latin, French and English terms that change only slightly as they move from one phonetic system to another.*

(Pym, 1992 *apud* Robinson, 2006).

Pelos mesmos motivos, também é usual a utilização de termos técnicos que advêm do latim, do grego, do inglês ou do francês, por estes apresentarem apenas ligeiras alterações quando traduzidos para outra língua. Robinson (2006) refere ainda que, para traduzir textos técnicos, não basta, como já mencionámos, procurar o equivalente para os termos técnicos. O tradutor tem de ler o texto original como se fosse um especialista e escrever como se fosse também um profissional da área em questão. O tradutor tem ainda de ser capaz de compreender a informação contida no texto, isto é, compreender a realidade presente no texto e passá-la para a tradução. Assim, o tradutor não pode apenas dar sentido linguístico ao texto (Newmark, 1988). Deve, antes, reconstruir, reinterpretar, remodelar e reestruturar a informação que tem perante si, de modo a que ela possa ser, depois de produzido o texto, compreendida pelo leitor (Byrne, 2006).

## 2.1.4 – Descrição dos textos traduzidos

Passaremos, em seguida, a apresentar uma breve descrição dos textos técnicos traduzidos, passando depois à listagem dos mesmos.

Os textos técnicos trabalhados durante o estágio dizem respeito aos documentos do site *Realtime*®, com o endereço <http://www.realtime.co/>. Este conjunto de textos pode ser dividido em várias subcategorias: os textos técnicos de caráter mais informativo, as notícias e os textos técnicos que apresentam as instruções de instalação de determinadas aplicações.

Os textos informativos são, sobretudo, textos de pequenas e médias dimensões que informam os potenciais clientes sobre as vantagens de possuir a tecnologia em questão. São textos em que ocorrem frequentemente termos especializados e que apresentam alguma complexidade, sendo orientados para pessoas que têm alguma familiaridade com tecnologias.

A subcategoria das notícias diz respeito a um separador que contém notícias sobre a tecnologia *Realtime*® publicadas em diversos jornais e revistas, nacionais e internacionais, da especialidade. Aqui, os possíveis compradores podem aperceber-se das referências feitas, em diversas partes do mundo, a esta tecnologia. Este conjunto de artigos corresponde geralmente a textos de reduzidas dimensões e de fácil compreensão, destinando-se a um público menos especializado.

Finalmente, os textos de instruções de instalação são textos de grandes dimensões que apresentam muitas listas e tabelas, contendo frases complexas e grande quantidade de terminologia técnica. Estes textos são dirigidos a técnicos de informática, ou outras pessoas com conhecimentos suficientemente avançados para poderem lidar com os códigos e as instruções fornecidos, como os programadores.

Seguidamente, será apresentada a lista de textos técnicos traduzidos, divididos nas subáreas anteriormente referidas:

Textos de cariz informativo:

<b>Identificação do texto</b>	<b>Título e breve descrição</b>	<b>Número de páginas</b>
Texto nº 1	“A Realtime®Web” – texto que informa os visitantes do site sobre a tecnologia Realtime®.	Duas (2) páginas de texto e imagens
Texto nº 2	“ORTC – users” – texto que explica aos utilizadores o funcionamento deste sistema.	Quatro (4) páginas de texto e imagens
Texto nº 3	“ORTC – developers” – texto que explica, mais detalhadamente do que o anterior, o sistema ORTC.	Cinco (5) páginas de texto, imagens e tabelas
Texto nº 4	“Parceiros” – separador do site que descreve as empresas parceiras da Realtime®.	Onze (11) páginas de texto e imagens
Texto nº 5	“Contatos” <sup>2</sup> – separador do site em que o visitante do site pode contactar a empresa. Apresenta informação sobre a localização da empresa e das suas sedes. Apresenta ainda uma lista de países e regiões do mundo.	Sete (7) páginas de texto e listas
Texto nº 6	“xRTML – página inicial” – separador inicial do site <a href="http://www.xrtml.org/">http://www.xrtml.org/</a> , pertencente ao site Realtime.	Sete (7) páginas de texto e imagens
Texto nº 7	“xRTML – demos” – separador do site <a href="http://www.xrtml.org/">http://www.xrtml.org/</a> que apresenta uma breve descrição das demos à disposição no site.	Cinco (5) páginas de texto e imagens

Textos de notícias:

<b>Identificação do texto</b>	<b>Título e breve descrição</b>	<b>Número de páginas</b>
Texto nº 8	“Media” – conjunto de vários títulos de jornais e revistas internacionais de tecnologia com referência à <i>Realtime®</i> e ao seu trabalho.	Três (3) páginas de texto e imagens
Texto nº 9	“xRTML – projetos” – separador do site <a href="http://www.xrtml.org/">http://www.xrtml.org/</a> que anuncia projetos de sucesso realizados com a tecnologia Realtime.	Três (3) páginas com texto e imagens

---

<sup>2</sup> Separador do site <http://www.realtime.co/pt>, em que nos foi pedido para traduzirmos determinados textos em português do Brasil.

### Textos referentes a instruções de instalação:

<b>Identificação do texto</b>	<b>Título e breve descrição</b>	<b>Número de páginas</b>
Texto nº 10	“DragDrop” – Instruções relativas à instalação e configuração da demo DragDrop, em diversos tipos de plataformas.	Vinte (20) páginas de texto e tabelas
Texto nº 11	“DrawingBoard” – Instruções relativas à instalação e configuração da demo Drawing Board, em diversos tipos de plataformas.	Quarenta e oito (48) páginas de texto e tabelas
Texto nº 12	“Executar” – Instruções relativas à instalação e configuração da demo Executar, em diversos tipos de plataformas.	Dez (10) páginas de texto e tabelas
Texto nº 13	“KeyTracker” – Instruções relativas à instalação e configuração da demo KeyTracker, em diversos tipos de plataformas.	Onze (11) páginas de texto e tabelas
Texto nº 14	“Mapa” – Instruções relativas à instalação e configuração da demo Mapa, em diversos tipos de plataformas.	Oitenta (80) páginas de texto e tabelas
Texto nº 15	“MouseLive” – Instruções relativas à instalação e configuração da demo MouseLive, em diversos tipos de plataformas.	Dezanove (19) páginas de texto e tabelas
Texto nº 16	“xRTML – Documentação” – Instruções relativas à instalação e configuração de diversas <i>tags</i> , na plataforma JavaScript.	Setenta e sete (77) páginas de texto e imagens
Texto nº 17	“xRTML – Downloads” – separador do site <a href="http://www.xrml.org/">http://www.xrml.org/</a> que contém informação sobre todos os documentos e aplicações disponíveis para <i>download</i> .	Quatro (4) páginas de texto e imagens

Os diversos textos técnicos trabalhados durante o estágio constituem a maior quantidade de textos traduzidos, perfazendo um total de 17 textos, correspondentes a 316 páginas.

## **2.2 – O Texto Literário**

Como foi já referido, durante o estágio foi traduzido um excerto de um texto literário. Como dito anteriormente, traduzimos excertos de um livro de Jane Austen, correspondentes aos três primeiros capítulos do livro *Pride and Prejudice*. Apesar de a

tradução literária não ter tido uma carga tão grande como a tradução de textos técnicos, foi-nos bastante útil traduzir diversos tipos de textos, pois pudemos, desta forma, contactar com vários géneros de discurso e de registo.

De acordo com as palavras do Dr. Nelson Pinheiro, supervisor do estágio, a tradução de *Pride and Prejudice* seria relevante para a atividade da empresa Ayr:

*No âmbito de um dos nossos estudos do centro, de modo a compreender uma tendência intitulada Beautiful People, relacionada com a necessidade do indivíduo em perseguir a progressão pessoal, tivemos de recuar alguns séculos para compreender como se manifestava esta tendência. Um dos objetos de estudo é a literatura e esse é um dos livros selecionados para o estudo. De modo a poder disseminar um conjunto de trechos de várias obras importantes para o tema, o objetivo consistia em traduzir segmentos dos mesmos, disseminando-os pela rede, como forma de contextualização. (comunicação pessoal)*

### **2.2.1 – Características gerais**

O texto literário pode ser definido como aquele que utiliza a linguagem literária, isto é, um tipo de linguagem que atende fins estéticos para provocar o interesse do leitor. O escritor deste género de texto faz uso de formas mais cuidadas e segundo um certo estilo, de modo a expressar as suas ideias. A questão da estética, que está inteiramente dependente das escolhas do autor, está relacionada com diversos recursos linguísticos e técnicas literárias. Entre eles, contam-se os recursos gramaticais, os semânticos e os fónicos. Nos textos literários, o universo descrito na obra é, até então, desconhecido do leitor, uma vez que pertence, frequentemente, ao mundo da ficção. Neste aspeto, podemos diferenciá-lo do texto técnico, em que a informação assenta no que conhecemos da realidade. Pelo contrário, no texto literário, a realidade como a conhecemos não é um critério fundamental para a elaboração de um texto. Ainda no que se refere às diferenças entre o texto técnico e o literário, este último está especialmente preocupado com a beleza, a estética, o efeito emocional e a criatividade presente no discurso, elementos fundamentais para a literatura. Embora muitas destas características

possam, como referido atrás, estar também presentes nos textos técnicos, não são fundamentais para a sua elaboração. Assim, enquanto o texto técnico tem como objetivo principal informar e divulgar informação, o texto literário tem como finalidade entreter e tocar a sensibilidade dos leitores. Cruz (2012) refere a distinção entre estes dois géneros de textos. Segundo o autor, enquanto as obras literárias apresentam uma forte tendência conotativa, ambiguidade e multiplicidade interpretativa, graças à imaginação do autor, os textos técnicos, por sua vez, devem cumprir uma função pragmática.

De acordo com Belhaag (1997) – *apud* Hassan (2011) –, o texto literário apresenta as seguintes características:

- Expressivo
- Conotativo
- Simbólico
- Focado na forma e no conteúdo
- Subjetivo
- Com múltiplas interpretações
- Universal e intemporal
- Utiliza diversos mecanismos para aumentar o efeito comunicativo
- Tende a desviar-se das normas linguísticas

Outras características igualmente presentes neste género de texto são o carácter estético, a escrita numa forma cuidada, a criatividade, o efeito emocional e a presença frequente de figuras de estilo.

O autor do texto literário tenciona despertar no leitor sentimentos e emoções e, graças ao carácter subjetivo destes textos, provocar uma variedade de interpretações. Nesta linha de pensamento, Lima (2010) afirma que nos textos literários predomina o fator subjetivo. Acrescenta ainda:

*[Os textos literários] suscitam reações variadas nos seus recetores, visando a sua interpretação, visto que há uma componente pragmática que tem de ser tomada em consideração. Subentende-se, aqui, a noção de que o discurso literário se realiza através da multiplicidade de sentidos que as palavras assumem.*

A existência desta plurissignificação difere de pessoa para pessoa, pois é moldada pela experiência de vida, pela sensibilidade, pela bagagem afetiva e intelectual de cada leitor. Cada um destes elementos influencia o leitor a entender a obra de uma certa maneira.

Tal como referido por Belhaag (1997) – *apud* Hasan (2011) –, o texto literário não é um registo linguístico efémero, uma vez que tem como objetivo a sua preservação. É intemporal e imutável, ou seja, a sua mensagem é sempre verdadeira, contrariamente ao que se verifica relativamente aos textos técnicos, cujo valor de verdade pode mudar ao longo dos tempos, à medida que a ciência ou as tecnologias evoluem.

### **2.2.2 – A tradução literária**

Como foi já referido anteriormente, a tradução é uma atividade com um papel importante ao estabelecer ligações entre as diferentes culturas e nações. Segundo Hassan (2001), a tradução literária, particularmente, permite que as diferentes nações alcancem uma cultura comum. O autor acrescenta ainda que a tradução literária tem um papel importante no que toca a aumentar a consciência e compreensão entre as diversas culturas, distinguindo-se, assim, de outros tipos de tradução.

A tradução literária, como afirma Landers (2001), tenta transportar o processo criativo do autor para outra língua. Como tal, deve manter as características do texto literário. Riffarterre (1992) – *apud* Hassan (2011) – acrescenta que a tradução literária deve transmitir todas as características literárias do texto fonte, tal como efeitos sonoros e as figuras de estilo, entre outros. Gutt (1991) – *apud* Hassan (2011) – realça ainda que o estilo do texto original deve ser mantido na tradução.

Por outro lado, a tradução literária, de acordo com Landers (2001), deve afetar os leitores do texto traduzido da mesma forma que afetou os leitores do texto original. Ou seja, os leitores da tradução devem experimentar os mesmos efeitos psicológicos e emocionais que foram experimentados pelos leitores da obra original. Mas aqui, temos de ter em atenção, tal como o autor faz notar, que o leitor original não deve ser

entendido apenas como o leitor da língua fonte, mas como o leitor da língua fonte aquando da publicação da primeira edição da obra. Por exemplo, como o autor refere, o tradutor de D. Quixote tem de decidir se traduz num estilo antigo, referente ao séc. XVII, ou num estilo atual, contemporâneo. Apesar de se tratar de um livro do séc. XVII, e de o tradutor ter o impulso de escrever ao estilo da época, também é verdade que, quando o original foi escrito, estava adequado ao estilo quotidiano da época, e não num estilo estranho aos seus leitores. Por outro lado, se uma obra é escrita, na versão original, de um modo antiquado ou pomposo, por exemplo, então a tradução terá, igualmente, de refletir esse estilo. Esta ideia está presente nas palavras de Landers (2001):

*First it is important to understand that by the SL reader we mean the original source-language reader, which eliminates many questions when dealing with other than contemporary texts. [...] In Cervantes's time, 17<sup>th</sup> century Spanish was not quaint, it was the everyday language. The original readers of Quixote in no way perceived the speech of the characters as archaic or antiquated [...] Therefore, translate Don Quixote into a contemporary, albeit not slangy or faddish, English.*

Como já vimos, o texto literário, relativamente à sua existência como obra, à mensagem que faz passar, constitui um texto universal e intemporal. Contrariamente, Flor (1988) defende que “*por derivar de um processo historicamente marcado, a tradução literária constitui um produto provisório e efémero.*” É verdade que a língua é uma entidade mutável, mas a mensagem que ela passa através da escrita não o é. Esta ideia é apoiada por Landers (2001), ao afirmar que a tradução tem uma vida de cerca de 30 a 40 anos. Isto porque, a cada 30 ou 40 anos, a tradução perde a sua capacidade de comunicar com o leitor numa voz contemporânea, atual. Isto acontece porque a língua não é estática, evolui ao longo do tempo. Perante a veracidade desta afirmação, considera ainda o autor, as grandes obras da literatura precisam de ser retraduzidas periodicamente, de modo a poderem continuar a realizar a sua função de ponte entre culturas e eras.

### **2.2.3 – A multiplicidade de escolhas da tradução literária**

Na tradução de uma obra literária, o tradutor enfrenta constantemente uma infinidade de escolhas, por vezes todas igualmente válidas, no que toca à seleção de palavras, ao nível de fidelidade ao texto de partida, à ênfase que deve dar a determinada frase, ao uso da pontuação, ao registo de língua a utilizar, à ortografia, entre muitos outros aspetos (veja-se Landers, 2001). Tendo este facto em conta, podemos afirmar que não existe uma tradução definitiva e única, mas antes uma variedade quase infinita de possíveis traduções para a mesma obra. Para ilustrar esta ideia, segue-se um exemplo apresentado por Landers (2001):

- Isto aconteceu há 11 anos.
- Isto ocorreu há 11 anos.
- Este acontecimento teve lugar há 11 anos.
- Já se passaram 11 anos desde que tal aconteceu.

Podemos observar que todas as opções acima apresentadas são igualmente viáveis e válidas, contudo, a sua escolha depende da análise do texto por parte do tradutor em relação ao estilo global da obra, da estética ou, simplesmente, da vontade do tradutor.

Mas, de acordo com alguns autores, antes de se iniciar a tradução de uma obra literária, é necessário seguir certos passos. Landers (2001) apresenta-nos a melhor maneira de traduzir um texto literário, sugerindo os seguintes passos:

- Escolher uma obra a ser traduzida
- Ler atentamente a obra por inteiro, pelo menos uma vez
- Fazer as pesquisas necessárias
- Lidar com possíveis bloqueios
- Negociar um prazo com o cliente ou empresa

Outra das questões referidas por Landers (2001) a propósito da tradução literária é a da proximidade ao autor ou ao leitor. Numa tradução perfeita, o tradutor deveria

manter uma proximidade igual tanto do autor, ou do texto fonte, como do leitor, ou do texto alvo. Mas, na realidade, esta questão não é assim tão simples, uma vez que o tradutor tende a dar preferência, por vezes inconscientemente, a um dos lados, aproximando-se ou afastando-se do autor ou do leitor. Mesmo esta questão não é consensual entre os académicos e teóricos, pois enquanto uns defendem uma tradução virada para o texto fonte, outros defendem uma tradução virada para o texto alvo. Como afirma Landers (2001), “*Academicians tend more toward the sourcerer approach [...]*.” Certos autores, como Umberto Eco – *apud* Landers (2001) –, por exemplo, defendem uma tradução virada para o texto alvo. Os adeptos deste tipo de tradução virada para o texto alvo consideram que os leitores devem perceber que estão perante uma tradução.

*[...] resistance is the concept that a translation should patently demonstrate that it is a translation.*

(Landers, 2001)

Os tradutores que seguem esta via, de acordo com o autor referido, evitam excluir quaisquer elementos identificadores da origem do texto. Para muitos destes tradutores, a suavidade e a transparência do texto podem ser consideradas uma marca de uma mentalidade colonizadora e o facto de a tradução ser de difícil compreensão é uma prova da sua fidelidade à cultura e língua alvo. Inclusive, Nemet-Nejat (1991) – *apud* Landers (2001) – afirma: “*a successful translation must sound somewhat alien, strange, not because it is awkward or unaware of the resource of the second language, but because it expresses something new in it*”.

Tal como muitos outros tradutores e teóricos, consideramos que a tradução deve ser o mais compreensível possível para o leitor. Como afirma Landers (2001), “*I acknowledge the translator’s duty to the author just as I recognize that same translator’s accountability to the TL reader*”. O tradutor tem um dever para com os leitores, bem como para com o autor, e, como tal, deve fazer uma tradução adequada aos seus leitores, divulgando o trabalho do autor, que deseja ser conhecido além-fronteiras, deseja atingir visibilidade numa cultura que não é a sua, numa cultura estrangeira. Savory (1960) – *apud* Landers (2001) – afirma, ainda a este propósito, que, tal como a obra original se lê como um original, também a tradução deveria ler-se como um original:

*The original reads like an original: hence it is only right that a translation of it should too.*

Até porque qualquer desvio do que é considerado normal pode ser visto como uma falha por parte do autor, um trabalho fraco por parte do tradutor ou ambos (Landers, 2001). Aliás, a maioria dos tradutores literários prefere este método, que procura fazer o leitor esquecer que está perante um produto estranho à sua própria língua.

O tradutor tem ainda de ter mais cuidado e atenção ao discurso utilizado pelo autor, aos recursos estilísticos, à expressividade, às intenções do autor e ainda ao público-alvo. Caso seja necessário, e dependendo, sobretudo, do público ao qual o texto se dirige, o tradutor pode fazer certas alterações no texto, fazendo uso de algumas estratégias de tradução, de modo a que a mensagem seja completamente recebida pelo leitor. Entre essas estratégias, contam-se, por exemplo, a conversão de pesos e medidas, a adição de notas de rodapé ou a substituição de nomes de pessoas e lugares por outros mais familiares, sobretudo para a tradução de livros infanto-juvenis. Como apontado por Landers (2001), a linguagem utilizada deve corresponder ao original, quer isto dizer que, perante um texto do século XIX, como o que foi traduzido no âmbito do estágio, o tradutor deve adequar a linguagem e as formas de tratamento às utilizadas na altura. Por outro lado, num texto contemporâneo destinado a um público juvenil, fará mais sentido utilizar formas de tratamento e linguagem “mais modernas”, como o uso do calão, por exemplo. Gutt (1991) – *apud* Hassan (2011) –, como poderemos ver pela seguinte citação, é da mesma opinião, acrescentando:

*Because literature allows multiple interpretation, there should be freedom in literary translation to consider a wide range of implicatures. Thus, rendering the equivalent effect of the original requires freedom to explore different interpretations.*

House (1981) – *apud* Gonçalves (1999) – apresenta alguns critérios que têm como função avaliar a tradução literária, entre outros tipos de tradução. Alguns desses critérios dizem respeito a problemas relacionados com “dimensões situacionais”, termo que o autor utiliza para designar as várias circunstâncias do texto. Essas, como iremos

ver, podem ajudar o tradutor na tradução de textos literários, já que “*a tradução será tanto mais fiel quanto mais se preservarem as dimensões situacionais*” (Gonçalves, 1999). Os critérios propostos por House são: a origem geográfica, a classe social, o tempo, o meio, a participação, a relação de papéis sociais, a atitude social e a área de comunicação.

1. Origem geográfica: este critério refere-se a dialetos locais, que devem ser de alguma forma transpostos para a tradução.
2. Classe social: diz respeito, como refere o autor, a uma variante, mas que que é própria de cada grupo social. Está relacionada com o modo como as pessoas de diferentes estratos sociais se exprimem.
3. Tempo: este critério está relacionado com a indicação de aspetos que caracterizam a definição temporal no texto.
4. Meio: também denominado de canal, onde a autora classifica este critério como simples ou complexo. Simples se o texto permanecer numa categoria apenas (por exemplo, um texto escrito que irá ser lido ou falado que irá ser ouvido) e complexo se apresentar mais do que uma categoria (por exemplo, um texto escrito que será lido e falado).
5. Participação: este critério também pode ser dividido em duas subcategorias, simples e complexa. Simples se o texto for escrito por alguém representando uma pessoa apenas. Complexo quando é escrito por uma pessoa para caracterizar mais do que uma pessoa ou personagem. Ou seja, está relacionado com a manutenção de diálogos que ocorrem num texto.
6. Relação de papéis sociais: House divide este critério em simétrico ou assimétrico. O simétrico mostra um nível de igualdade entre o emissor e o recetor. O assimétrico apresenta uma relação de autoridade entre o emissor e o recetor. Como refere Gonçalves (1999), “*a escolha de palavras conotativas no discurso literário do texto traduzido deverá refletir fielmente a relação social entre os personagens entre si, entre o narrador e os personagens e também entre o narrador e o leitor*”.
7. Atitude social: este critério relaciona-se com o grau de distanciamento ou proximidade social e pode dividir-se em frígido, formal, consultivo, casual e íntimo, dependendo do nível de proximidade entre o emissor e o recetor.

8. Área de comunicação: diz respeito à atividade ocupacional e profissional descrita e ao campo ou tópico do texto.

Para além dos critérios acima descritos, House (1981) – *apud* Gonçalves (1999) – diferencia ainda aspetos textuais, sintáticos e lexicais presentes em cada dimensão situacional. Nos aspetos textuais, os mais significativos para a tradução literária, House defende que a tradução deve manter, entre outros, as repetições, as referências anafóricas e catafóricas, as pró-formas, as elipses, a sinonímia, o tema e o rema presentes no original.

#### **2.2.4 – As características do tradutor literário**

O tradutor literário, tal como o tradutor técnico, deve apresentar certas características e capacidades, de modo a que possa transmitir, o melhor possível, o conteúdo de uma obra literária de uma língua para outra. Landers (2001) refere algumas das características de um bom tradutor. De acordo com o autor, além de ter de possuir qualificações linguísticas, fortes conhecimentos de cultura geral e de saber igualmente traduzir outros tipos de texto, como os textos científicos, técnicos e comerciais, o tradutor também tem de ser dedicado ao seu trabalho, pois só com esta característica poderá ser capaz de ultrapassar algumas das dificuldades e desafios que o seu trabalho lhe proporciona. Ao mesmo tempo Landers (2001) afirma: “*in addition to a thorough mastery of the source language, the literary translator must possess a profound knowledge of the target language*”. O guia da *American Literary Translators Association* acrescenta, ainda relativamente a este aspeto, que o tradutor deve ter conhecimentos ao nível da cultura, da história, da religião, da geografia, da política, da literatura, da arte e do quotidiano da população. Apesar de estes conhecimentos não necessitarem de ser muito profundos, é conveniente que o tradutor esteja familiarizado com estas informações relativas às línguas fonte e alvo com as quais trabalha. O tradutor deve ser criativo e inventivo, sobretudo no que toca à tradução de jogos de palavras; deve possuir alguma flexibilidade, de modo a “dar a volta” a partes do texto que têm de sofrer alguma alteração de modo a serem mais bem compreendidas pelo

leitor; deve possuir humildade, visto que qualquer tradução que produza, e apesar dos seus esforços, nunca conseguirá captar a grandeza e riqueza da obra original (Landers, 2001). Tal facto não pode afetar o trabalho do tradutor, sobretudo se provocar atrasos na entrega do seu trabalho. O mesmo autor refere ainda que o tradutor deve ser capaz de captar o significado do texto original a partir de passagens ambíguas. Deve ainda estar atento à ocorrência de figuras de estilo e possuir o que Landers (2001) designa de “*an ear for sonority*”. Isto é, o tradutor deve ter em atenção se a ocorrência de rimas ou de aliterações, por exemplo, num determinado texto, tem um significado mais profundo. Assim, o tradutor deve possuir a capacidade de reconhecer essas características no texto e de perceber o seu sentido, para que possa traduzir o melhor possível, fazendo as alterações que achar necessárias e que melhor façam transmitir o significado que o autor pretendia. Ainda a propósito do papel do tradutor, Flor (1988) afirma ainda que o tradutor tem como tarefa “*prestar atenção particular à diversidade de registos e níveis de linguagem utilizados, encontrando processos que viabilizem a equivalência de coloquialismos, formas dialetais, termos obsoletos ou característicos de gírias socioprofissionais.*”

Perante um fragmento de texto com múltiplos significados, o tradutor apresenta, segundo Lima (2010), uma das várias interpretações possíveis, (re)enfatizando certos aspetos da sua interpretação em detrimento de outros. A autora afirma ainda que “*essa interpretação é sempre possível e assente no pressuposto de que não existe um significado fixo*”. Lima refere ainda que a língua é determinada por um conjunto complexo de condições sociais, pelo que é marcada pela experiência.

### **2.2.5 – Tom, estilo e registo**

Os elementos textuais relativos ao tom, ao estilo e ao registo são muito importantes para a tradução literária, pelo que considerámos necessário desenvolver um pouco mais este assunto.

De acordo com vários autores, o tom diz respeito à forma como as personagens ou o narrador se exprimem numa obra literária. A sua identificação, por parte do tradutor, é bastante importante, uma vez que este elemento pode alterar por completo a

compreensão de um texto. O tom pode abranger o humor, a ironia, a sinceridade, a seriedade, a ingenuidade ou qualquer outro sentimento (Landers, 2001). Este elemento pode ainda ajudar a lidar com trocadilhos, alusões indiretas, solecismos e calão. Como afirma Landers (2001):

*By assigning a high priority to tone, the translator avoids such traps as a slavish fealty to literary meaning that distorts the author's intent.*

O estilo, por sua vez, é o modo de expressão, que se manifesta, neste caso, na forma de escrever. O estilo do escritor, segundo Gutt (1991) – *apud* Hassan (2011) – pode ser definido como “*the words he chooses or the way he constructs his sentences*”. Landers (2001) apresenta exemplos como a extensão das frases, a divisão de parágrafos, as figuras de estilo utilizadas, entre muitos outros aspetos. Para ilustrar, tenhamos em atenção o caso de Saramago. O estilo deste escritor caracteriza-se pelas frases longas e pela quase ausência de pontuação. Dado que o estilo é diferente de pessoa para pessoa, o tradutor terá de ter bastante atenção para o detetar e fazê-lo passar para a obra traduzida. Como Cruz (2012) também afirma, “*o estilo e o propósito artístico do original devem ser mantidos, para que se possam transmitir, entre as línguas, as subtilidades literárias e estilísticas do seu autor*”. O estilo, de acordo com Landers (2001), pode ser considerado um dos elementos mais difíceis de manter na tradução. Isto acontece porque o tradutor tem de lidar com o estilo de cada autor que traduz, que é diferente de pessoa para pessoa, e, simultaneamente, tem de tentar esconder o seu próprio estilo. Como refere Landers (2001):

*[...] I should point out that in practice individual translators do have styles, which are as impossible for them to avoid as for the SL author. Style, after all, can be defined as a characteristic mode of expression, and consciously or unconsciously the translator displays one. In this respect, style is inextricably intertwined with one's idiolect, the way an individual normally speaks.*

Assim, o tradutor luta constantemente para tentar não manifestar o seu estilo, mas antes o estilo do autor, tentando manter-se o mais possível fiel ao texto original. No entanto, uma vez que o estilo está intimamente ligado ao idioleto – o modo como cada

pessoa usa a língua –, é bastante difícil que alguém consiga evitar a sua própria maneira de se exprimir para adotar outra, completamente estranha. Seguindo esta linha, e segundo Landers (2001), é também devido ao estilo de cada tradutor que se torna possível a existência de traduções diferentes para o mesmo texto. Contudo, e apesar desta enorme dificuldade para manter o estilo do autor, Landers afirma que “*ideally, the translator should invisibly transmit the author’s style*”, acrescentando que “*as translators we have [no right] to impose our style.*”

O registo é outro dos elementos, também identificado por Landers (2001), a que o tradutor deve ter especial atenção. Este define-se como a variação da linguagem verbal, oral ou escrita, em conformidade com o tipo de situação comunicativa. Isto é, o modo como uma pessoa comunica, tendo em conta a natureza da mensagem, o interlocutor, o local e as circunstâncias em que se encontra. Assim, de acordo com o autor referido, podemos ter vários registos de língua, o registo literário, o cuidado, o corrente, o familiar e o popular. Este último divide-se em: regionalismos, gíria e calão. Outros autores consideram ainda a existência da linguagem técnica e científica. O registo é essencial para se saber como escrever, pois com tantas variações possíveis, o tradutor tem de escolher a mais adequada à obra que tem em mãos. Será necessário utilizar uma linguagem mais ou menos formal? Com ou sem regionalismos? Deve apresentar calão ou gíria? Muitas vezes, o tradutor tem de ler a obra na sua totalidade para descobrir o registo de língua dominante, pois personagens diferentes podem apresentar registos de língua diferentes. Além disso, tem de verificar se o registo de uma personagem se mantém constante ao longo de toda a obra, se vai sofrendo alterações à medida que a história evolui ou se é momentâneo. Tendo em conta todas estas variações que podem ocorrer numa obra, o tradutor tem de ter em atenção qual o registo de língua que a obra apresenta e traduzir em conformidade.

Só tomando especial atenção a todas estas variações da língua, o tradutor poderá conseguir fazer uma tradução adequada de uma obra literária. Como vimos, também o estado emocional e psicológico em que o tradutor se encontra pode variar e, conseqüentemente, ter influência no modo como interpreta a obra. Neste sentido, a tradução apresenta forçosamente as marcas do tradutor.

## 2.2.6 – Estratégias de tradução literária

Como dito anteriormente, antes de iniciar o seu trabalho de tradução, o tradutor deve ter em atenção certos aspetos do texto, pois estes poderão implicar a necessidade da utilização de estratégias diferentes. Do mesmo modo, obras diferentes requerem abordagens diferentes que levem em linha de conta os desafios do texto fonte, especialmente no que toca a questões culturais, bem como o público-alvo. Consideremos, por exemplo, um texto destinado a crianças em que o original está repleto de aliterações. Será que a mensagem além aliteração é importante, ou o objetivo é a passagem dessas mesmas aliterações? Se o objetivo for a conservação desta figura de estilo, então o tradutor poderá ter a liberdade de alterar a mensagem, introduzindo referências culturais conhecidas do público-alvo, de modo a que este receba a mensagem do mesmo modo que o da obra original. Neste aspeto, alguns textos poderão necessitar de ser adaptados. A adaptação, como refere Landers (2001), é um processo menos “fiel” do que a tradução. Mas tal não quer necessariamente dizer que não seja uma solução adequada em certas obras. Como já referimos, a adaptação pode ser uma solução viável, por exemplo, para textos infantis. Mas estes não são os únicos. Para se manter certas passagens humorísticas, trocadilhos ou mesmo para manter um diálogo natural entre personagens, isto é, um diálogo que não pareça forçado, é necessário, por vezes, alterar completamente as frases, sendo então necessário o uso da adaptação (Landers, 2001). Este método, defende o mesmo autor, pode ter melhores resultados do que a tradução convencional, mas é, também, mais difícil de alcançar, pois é necessária uma maior flexibilidade para reestruturar completamente as frases. A este propósito, Landers afirma:

*Adaptations are not inferior to translations. They merely apply a different set of methods to the selfsame problem of recreating as closely as possible for the TL reader the effect experienced by the SL reader. In some ways, adaptations are even more challenging than more conventional translations, for they demand even greater flexibility [...].*

O autor mostra-nos ainda que, perante um determinado problema, é possível encontrarmos várias soluções possíveis. O autor dá como exemplo o que poderá o tradutor fazer quando perante uma frase demasiado longa, em que o autor faz uso de

várias vírgulas para separar várias orações. Como resolução deste problema, o tradutor teria à sua disposição várias escolhas:

- “Partir” a frase mais longa noutras mais curtas e pausadas, ao invés da frase longa que pretendia dar a noção de rapidez. De notar que esta opção altera, como afirma Landers, o estilo do autor.
- Substituir algumas vírgulas por pontos e vírgulas.
- Introduzir um travessão ou parêntesis, ou reformular a frase.
- Deixar como no original, esperando que tenha um efeito exótico junto dos leitores.

Perante estas opções, vemos, mais uma vez, que o tradutor tem à sua disposição vários caminhos possíveis para ultrapassar um determinado problema ou dificuldade. A questão está em analisar cada caso ao pormenor e escolher a opção que considera mais apropriada. Outro problema, apontado por Landers (2001), com o qual o tradutor se poderá deparar relaciona-se com as unidades monetárias ou de medida ou perante objetos ou estruturas culturais que não existam na cultura alvo. Quando existe uma grande diferença entre ambas as culturas, estes elementos irão introduzir problemas, dificuldades de compreensão, que podem ser ou não indispensáveis para a compreensão da obra. Para lidar com lacunas no conhecimento, relacionadas com diferenças culturais, existem, segundo o autor, três estratégias básicas, são elas a nota de rodapé, a interpolação e a omissão (Landers, 2001).

A primeira estratégia consiste em introduzir, no final da página, uma explicação reduzida do termo problemático. Mas esta estratégia, como tantas outras, apresenta vantagens e desvantagens. A vantagem é sobretudo o esclarecimento imediato do leitor perante o termo estranho. O leitor pode continuar a sua leitura com uma visão clara do que se está a passar, em vez de continuar a leitura com “sentimentos” duvidosos ou de interromper a leitura para ir procurar uma explicação a um dicionário, a um livro ou à internet. A desvantagem da utilização desta estratégia está relacionada com a quebra do ritmo, da continuidade da leitura, pois as notas de rodapé desviam o olhar do leitor para um elemento estranho à obra. Esta estratégia destrói, por outro lado, o efeito mimético, a tentativa, por parte da maioria dos autores de ficção, de criar a ilusão de que o leitor está a testemunhar, a experienciar os eventos descritos. A tradução deve, idealmente, apresentar o mínimo possível de pistas que levem o leitor a ver o texto como uma tradução (Landers, 2001).

A interpolação, outra das estratégias de tradução, consiste em adicionar palavras ou frases, à frase em que existe o elemento problemático, entre parêntesis, travessões ou vírgulas, e o mais discretamente possível. Assim, este elemento explicativo fica inserido na frase do texto original e, se for feito com cuidado e consideração pelo ritmo do texto, pode passar despercebido aos olhos do leitor. Estas adições devem ser curtas e, em caso de dúvida, o tradutor deve consultar o autor sobre esta alteração no texto. O objetivo desta estratégia é tornar o texto igualmente acessível e legível tanto na língua fonte como na língua alvo, apesar das diferenças culturais e, ao mesmo tempo, respeitando as exigências da *mimésis*. Landers (2001) lembra também que, se o tradutor tiver dúvidas relativamente a quando se deve ou não utilizar esta estratégia, deve perguntar-se quão importante é a informação, se aparece só uma vez ou se é fundamental para a compreensão da história. A vantagem da utilização desta estratégia prende-se com a desnecessidade de voltar a explicar o termo após ter sido explicado pela primeira vez, dando a liberdade ao tradutor de utilizar o termo original, eventualmente mais conciso do que a sua tradução.

Por fim, a omissão é uma estratégia que diz respeito à supressão do elemento explicativo, e não à omissão de uma parte do texto mais problemática (Landers, 2001). Esta estratégia deixa ao cuidado do leitor o modo como reage perante termos estranhos, isto é, através da procura de informação desconhecida aquando da leitura ou posteriormente.

A utilização de cada uma destas estratégias, tal como refere o autor mencionado, depende da decisão do tradutor. Tais decisões, assim como muitas outras, como já vimos, vão marcar, definir, o estilo do tradutor.

### **2.2.7 – Descrição do texto traduzido**

A obra literária trabalhada durante o estágio foi, como já referimos, *Pride and Prejudice*, de Jane Austen. Esta obra foi publicada pela primeira vez em 1813, mas já tinha sido terminada em 1797. Inicialmente, a obra intitulava-se *First Impressions*, mas na altura da revisão a autora mudou posteriormente o título. O romance, muitas vezes considerado como uma sátira de costumes, trata da relação amorosa entre duas personagens, Elizabeth Bennett e Sr. Darcy. No início do romance, as personagens têm

conflitos entre si, mas à medida que a história se desenrola, começam a nutrir sentimentos uma pela outra.

A autora, Jane Austen, foi uma importante escritora inglesa, nascida em 1775 em Hampshire, no seio de uma família pertencente à burguesia. A situação e o ambiente em que cresceu serviram de palco para todas as suas obras. Entre as obras mais conhecidas de Jane Austen, destacamos *Sense and Sensibility*, *Pride and Prejudice*, *Mansfield Park*, *Emma*, *Northanger Abbey* e *Persuasion*. Estas duas últimas obras foram publicadas já após a sua morte, que ocorreu em 1815.

Como referimos anteriormente, consideramos que a leitura e a análise prévia do texto a traduzir constitui uma condição necessária à realização de uma tradução adequada. Passaremos, então, a uma breve descrição dos três primeiros capítulos desta obra, que correspondem à parte que foi traduzida durante o estágio.

Primeiro que tudo, podemos ver que o excerto traduzido apresenta traços da narração, que, como foi referido atrás, pode ser definida como a exposição, mais ou menos pormenorizada, de um universo constituído por personagens e eventos, e situados num determinado tempo e espaço. Quanto às categorias ou elementos da narrativa, podemos ainda analisar o texto ao nível da ação, das personagens, do espaço, do tempo e do narrador.

A ação pode ser dividida em central e secundária. A central inclui o conjunto de sequências narrativas de maior importância. Já a secundária é constituída por acontecimentos menos relevantes para a história, mas que completam e esclarecem a ação central. Neste aspeto, podemos dizer que a ação central diz respeito às peripécias da família Bennet, enquanto a ação secundária corresponde à visita do Sr. Bingley a casa dos Bennet. Quanto à organização das ações, ou sequência, esta é caracterizada como encaixada, pois a ação secundária insere-se dentro da ação central.

No que se refere às personagens, agentes da narrativa em torno dos quais gira a ação, estas podem distinguir-se quanto à sua importância como principais ou protagonistas, quando desempenham um papel central, secundárias, quando possuem um papel de menor relevo, e figurantes, quando têm uma posição irrelevante no desenrolar da ação. Assim, podemos dizer que Elizabeth Bennet e o Sr. Darcy são as personagens principais, já que a ação decorre em redor destas personagens. O Sr.

Bingley, o Sr. Bennet e a Sra. Bennet são personagens secundárias, pois possuem papéis de menor importância. Por fim, os figurantes são as irmãs de Elizabeth, *Sir William* e *Lady Lucas*, a *Sra. Long* entre outras personagens cuja única função é auxiliar a compreensão da ação. Quanto à caracterização das personagens, esta pode ser direta ou indireta. É direta quando é fornecida ao leitor através do narrador ou das falas das personagens, sendo a indireta quando é deduzida pelo leitor a partir do comportamento das personagens. Neste aspeto, todas as personagens de maior importância, as principais e as secundárias, são caracterizadas de um modo direto, umas vezes através dos diálogos entre personagens, outras através das descrições do narrador.

O narrador, por sua vez, é aquele que conta a história. Pode ser participante, quando está presente na ação como personagem principal ou secundária, ou não participante, quando está ausente e não desempenha qualquer papel na ação. Nesta obra, o narrador não desempenha qualquer papel na ação, não interfere, limitando-se a descrever os acontecimentos. É, por isso, um narrador não participante. Podemos dizer ainda que o narrador apresenta uma posição subjetiva, uma vez que, durante a apresentação de certos factos, possui uma posição emocional e sentimental, sobretudo no que diz respeito à descrição de personagens como o Sr. e a Sra. Bennett. Finalmente, o narrador pode ser onisciente, quando conhece tudo o que diz respeito às personagens e aos acontecimentos; ter focalização interna, quando adota o ponto de vista de uma personagem; ou ter focalização externa, quando apenas conhece o exterior das personagens e da ação. Podemos ver que, na obra traduzida, o narrador é onisciente, pois em certos momentos conhece o estado de espírito das personagens.

Como foi referido anteriormente, o texto literário pode apresentar fragmentos passíveis de ser associados a diferentes tipos de texto. Podemos, então, encontrar a narração, no relato de ações e acontecimentos; a descrição, na apresentação das personagens, objetos, ambientes, entre outros; o diálogo, na conversa entre as personagens; e ainda o monólogo, quando as personagens falam consigo próprias. No excerto traduzido, podemos observar vários fragmentos dos tipos de texto referidos, como a narração, a descrição e o diálogo. Até ao final do terceiro capítulo, não ocorrem passagens de monólogo.

Finalmente, o tempo e o espaço da narrativa. No texto literário, o espaço não é apenas o lugar onde o evento se realiza, mas pode possuir também uma dimensão social

e psicológica importante para a compreensão da ação. O espaço físico é o espaço real onde decorrem os acontecimentos. Em *Pride and Prejudice*, o espaço físico é, sobretudo, a aldeia onde as personagens habitam, Longbourn, alternando entre a casa dos Bennett e o salão de baile. O espaço social refere-se ao ambiente social vivido pelas personagens e cujas características ilustram a atmosfera social na qual as personagens se movimentam. Pelo que podemos constatar, a família Bennett pertence à classe média. No que diz respeito ao tempo, este é o elemento que indica a sucessão dos anos, dos dias e das horas em que decorre a ação. Podemos distinguir diversos tipos de tempo, como o tempo cronológico, que diz respeito à sucessão dos acontecimentos; o tempo histórico, que se refere à época ou momento histórico da ação; o tempo psicológico, subjetivo e que é vivido ou sentido pelas personagens; e o tempo do discurso, resultante do modo como o narrador escolhe contar a história. Este último, por sua vez, pode ser linear, anacrónico (com alteração da ordem temporal), isocrónico (com sincronia entre o tempo narrativo e o tempo da história) e anisocrónico (com variação da relação entre o tempo da história e o tempo do discurso através de várias estratégias como a pausa, a elipse, o resumo ou a descrição). Embora o texto traduzido não faça referências explícitas à época em que a ação decorre, sabemos que esta se situa algures no séc. XIX, altura em que a autora escreveu a obra. Podemos caracterizar ainda o tempo do discurso como linear, já que o narrador segue uma ordem cronológica dos eventos.

Eis o resumo das principais informações sobre o texto literário traduzido durante o estágio.

<b>Identificação do texto</b>	<b>Título e breve descrição</b>	<b>Número de páginas</b>
Texto nº 22	“ <i>Orgulho e Preconceito</i> ” – tradução dos três primeiros capítulos da obra de Jane Austen.	Sete (7) páginas de texto.

## 2.3 – O Texto Científico

Embora, no âmbito do estágio, apenas nos tenha sido dado para traduzir um texto científico, considerámos importante referi-lo no nosso relatório e analisá-lo quanto às suas características típicas, bem como refletir sobre o modo com se procede à tradução deste género de textos. Começamos por definir aquilo que se entende por texto científico, passando depois para a apresentação das respetivas características.

Os textos científicos são textos que visam apresentar informação objetiva acerca de um tema de determinada área científica. São textos de carácter essencialmente expositivo-argumentativo, que constituem um instrumento de divulgação de informação e de conhecimentos especializados, transmitindo informação factual no contexto de outras funções comunicacionais. Dada a sua natureza, os textos científicos têm como finalidade comunicar resultados de pesquisas, clarificar ideias e assuntos, provar teorias ou confirmar hipóteses, contribuir para a produtividade, servir de medida de decisões, contribuir para o progresso científico, favorecer o intercâmbio científico, entre outros.

Os textos científicos frequentemente apresentam uma tese ou defendem uma tese assumida por outro cientista. Estes textos expressam os conhecimentos de quem o elabora, apoiados em autores de renome e apresentando a sua posição em relação a um determinado tema, concordando ou discordando das descobertas ou investigações de outros cientistas. Resultam, geralmente, de investigações científicas, originais ou não, de estudos de caso, da análise de novas descobertas e informações e da defesa de uma opinião. Assim, os textos científicos permitem a difusão de conhecimento científico a um determinado público.

Tendo em conta o género de texto e a sua função, bem como o público-alvo ao qual o texto se dirige, o texto científico pode apresentar várias características. Assim, um texto científico para um público especialista em determinada área ou temática será mais hermético do que outro destinado a um público mais heterogéneo ou menos especializado.

Seguidamente, iremos apresentar as características que tipicamente se associam aos textos científicos.

### 2.3.1 – Características gerais

Os textos científicos, tal como e os textos técnicos e literários, caracterizados anteriormente, apresentam certas características que nos permitem distingui-los de outros géneros de textos. A tarefa do tradutor poderá tornar-se mais fácil se tiver conhecimento prévio dessas características. Por outro lado, esse conhecimento contribuirá para assegurar a realização de traduções mais adequadas.

Nas palavras de Senna (2003), “*o discurso científico, ou seja a forma como se constrói o texto científico, tem características muito particulares e, às vezes, muito artificiais, quando comparadas ao discurso cotidiano*”. Através desta afirmação, podemos deduzir que o texto científico apresenta uma linguagem mais formal do que outros tipos de texto. O mesmo autor refere ainda que o texto científico terá de ser escrito num registo culto. Já o seu vocabulário, contudo, é simples e claro, e a linguagem é coerente, objetiva e precisa, de modo a evitar construções ambíguas. No entanto, como refere Byrne (2006), estes textos podem ainda conter “*Greek and Latin terms and expressions as well as various affixes and compound terms*”. Ou seja, podem apresentar algum grau de complexidade ao nível lexical.

Para a elaboração destes textos, é necessário que o autor tenha sólidos conhecimentos do assunto que irá tratar, bem como do objetivo do texto. Também é essencial, como referimos atrás, conhecer o público, o destinatário do texto final. Através do conhecimento prévio do público ao qual o texto se dirige, o escritor poderá adaptar o texto ao destinatário. O texto científico dirige-se, normalmente, a um público específico. Dependendo do assunto e do grau de especialização do texto em questão, este pode ser dirigido a um público especializado, por exemplo a investigadores, a estudantes da especialidade ou a profissionais da área; ou então a um público não especializado, como acontece no caso dos textos de divulgação. Assim, para um público mais especializado, o escritor poderá utilizar uma linguagem também mais especializada, enquanto se o texto se destinar a um público não especializado, como um texto de divulgação, terá de ser elaborado utilizando uma linguagem menos especializada.

A presença de uma estrutura específica também é uma das características típicas destes textos, dado que seguem, normalmente, uma estrutura relativamente rígida. Esta

deve ser coerente e obedecer a uma sequência articulada entre as partes integrantes. De acordo com Johansson (2003), os textos científicos seguem um formato “IMRAD”, isto é, apresentando a sequência: “*Introduction, Methods, Results and Discussion*”. Na introdução, é apresentada a questão a estudar e a motivação para o seu estudo; na metodologia, é explicado como se procedeu ao estudo do problema; na secção dos resultados, são apresentados os resultados obtidos durante o estudo; e, finalmente, na discussão, o(s) autor(es) do estudo refletem sobre os resultados obtidos. Além destas partes, o texto deve ainda conter um título, um resumo, uma conclusão e uma secção de referências nas quais o trabalho se apoiou.

Passemos, de seguida, a algumas reflexões acerca do modo como o texto científico deverá ser traduzido.

### **2.3.2 – A tradução do texto científico**

A definição de tradução científica não está isenta de inconsistências e de incongruências por parte dos vários autores que procuram apresentar uma definição estável e universal. Williams e Chesterman (2002) – *apud* Durão (2007) –, por exemplo, usam o termo “tradução técnica” para referir a tarefa que envolve “*the translation of many kinds of specialized texts in science and technology, and also in other disciplines such as economics and medicine*”. Por outro lado, e contrariando esta afirmação, Byrne (2006) defende a existência de uma diferença entre a tradução científica e a tradução técnica. Este autor apresenta, então, uma distinção entre estes dois tipos de tradução, e refere, primeiramente as suas semelhanças, afirmando o seguinte: “*both deal with information based, to varying degrees, on the work of scientists [...] they both contain specialized terminology and, on the surface, deal with complicated scientific subject matter*”. Depois de apresentadas as semelhanças entre a tradução científica e a tradução técnica, Byrne (2006) expõe as diferenças existentes entre elas, que as tornam, a seu ver, tipos de tradução distintos, apresentando a seguinte definição de tradução científica:

*“Scientific relates to science which is defined by the Chambers Dictionary as “knowledge ascertained by observation and experiment, critically tested, systematized and brought under general principles” [...] Thus we can*

*say that scientific translation relates to pure science in all of its theoretical, esoteric and cerebral glory [...]”.*

Gregoline *et al* (2002) referem a existência de alguns fatores que poderão influenciar a tradução científica, tais como a dificuldade dos textos (que podem variar entre textos simples a textos bastante complexos), a dificuldade linguística (relacionada com as diferenças a nível gramatical, semântico e de escrita entre as línguas envolvidas na tradução) e a dificuldade ao nível da língua (isto é, referente ao nível de dificuldade de aprendizagem de uma língua).

Mas, para realizarem traduções científicas, não basta os tradutores conhecerem as línguas com que trabalham. Com efeito, os tradutores têm, ainda, de ter conhecimentos sobre os temas que trabalham, de forma a que as suas traduções sejam corretas e adequadas, mantendo o necessário rigor (Gregoline *et al*, 2002). Hoorickx-Raucq (2005) acrescenta, a este respeito, que algumas das dificuldades de tradução que os tradutores de textos científicos enfrentam residem nas diferenças entre as culturas envolvidas no processo, nomeadamente ao nível dos equivalentes, e nas diferenças de organização textual. A mesma autora refere ainda que algumas dificuldades podem advir das diferenças textuais entre as línguas. A escassez de conectores, a repetição de palavras-chave, a frequência de construções passivas, a frequência de verbos estativos e a presença de termos novos, ainda sem equivalentes noutras línguas, podem proporcionar algumas dificuldades para o tradutor.

O tradutor terá, então, segundo Al-Hassnawi (s/d), de conhecer o tema que está a traduzir, de ter uma imaginação que lhe permita visualizar os processos que estão a ser descritos, de possuir a capacidade de utilizar a língua de um modo claro, conciso e preciso. O mesmo autor refere também que a tradução científica “*is supposed to be more direct, [...] and much less artistic than the other kinds of prose. The language of scientific and technical language is characterized by impersonal style, simpler syntax, use of acronyms, and clarity*”. O estilo impessoal pode ser visto através do uso frequente de construções passivas, tal como afirmado por Bakr-Serex (1997) – *apud* Al-Hassnawi (s/d).

Assim, além de o tradutor necessitar de conhecer, com alguma profundidade, as línguas e as culturas com que trabalha, terá também de ser capaz de transmitir a

informação contida no texto técnico, sendo fiel ao nível de formalidade e rigor que esse mesmo texto apresenta. É igualmente importante que o tradutor consiga estruturar a informação tendo em conta o formato típico dos textos científicos, caso esteja perante um texto com este formato, e que seja capaz de construir um texto simples, claro e conciso.

### **2.3.3 – Descrição dos textos traduzidos**

Para finalizar esta secção, passemos à descrição do texto científico que foi trabalhado durante o estágio.

O texto científico que traduzimos corresponde a um artigo académico. Neste texto, os autores apresentam um estudo sobre a perceção de um grupo de estudantes de *Marketing* em relação à responsabilidade social. Este estudo tem como objetivo compreender o modo como os estudantes entendem os conceitos associados à questão referida.

Podemos constatar que este texto apresenta a estrutura típica de um artigo científico referida anteriormente, isto é, podemos observar a presença de um título, um resumo, uma introdução, o corpo do trabalho, uma conclusão e uma bibliografia. No corpo do trabalho, os autores apresentam, primeiramente, uma secção que denominam por análise literária, onde apresentam dados teóricos apoiados em estudos de vários autores; segue-se uma apresentação da metodologia de trabalho, da descrição do estudo e, finalmente, dos resultados preliminares, já que a análise dos resultados consiste, como referem os autores, num processo moroso. Assim, a apresentação dos resultados finais, como fazem notar os autores, é remetida para trabalhos posteriores, a realizar após uma análise minuciosa dos resultados obtidos.

Na tabela que apresentamos abaixo, encontra-se um resumo de informações relativas ao texto traduzido, onde apresentamos o número de identificação do texto, o número de páginas traduzidas, o título do documento e uma breve descrição do texto.

<b>Identificação do texto</b>	<b>Título e breve descrição</b>	<b>Número de páginas</b>
Texto nº 20	“A <i>Percepção dos Estudantes sobre a Responsabilidade Social presente em cursos de Marketing</i> ” – artigo acadêmico em que se faz uma análise sobre o modo como os alunos entendem a responsabilidade social.	Oito (8) páginas de texto.

## **2.4 – O Texto Publicitário**

De acordo com alguns autores, o texto publicitário, historicamente, tem as suas origens nos pregões e nos anúncios surgidos na Antiguidade como forma de os mercadores fazerem propaganda aos seus produtos.

A publicidade pode ser definida como “*a técnica que tem por objetivo dar a conhecer um produto ou um serviço, estimulando o interesse por ele, com o fim de o vender*” (Lampreia, s/d – *apud* Botelho *et al*, 2010). De modo a cumprir o seu objetivo de vender produtos e serviços, a publicidade faz, atualmente, uso de vários meios, tais como a imprensa, a rádio, a televisão, o cinema, os cartazes, a internet, meios mais “tradicional”, mas também camisolas, canetas, porta-chaves, entre muitos outros. Este modo de fazer publicidade leva Requena (1995) – *apud* Botelho *et al* (2010) – a afirmar: “*la publicidad configura, en buena medida, nuestro panorama urbano. Y no sólo el exterior, el de la calle, sino también – y esto es, después de todo, lo decisivo – el interior de nuestros espacios domésticos*”. Assim, podemos ver a importância que a publicidade apresenta, hoje em dia, no nosso quotidiano.

### **2.4.1 – Características gerais**

O texto publicitário é, tal como já referido, um texto que, em termos gerais, tem como finalidade vender um produto ou um serviço. Como tal, apresenta determinadas

características com a finalidade de convencer um determinado público-alvo a consumir esse produto ou esse serviço.

Assim, o texto publicitário tem, normalmente, os seguintes objetivos: captar a atenção do público-alvo através do grafismo ou da mensagem; despertar o interesse e a curiosidade para o produto ou serviço em questão; criar, no público-alvo, o desejo de possuir o produto ou de aderir ao serviço; criar uma forma de facilitar a memorização do produto, do *slogan*, da marca ou da mensagem; e levar o consumidor a um determinado comportamento, adquirindo um produto ou aderindo a um serviço.

De modo a atingir o seu objetivo de persuadir e convencer o potencial cliente, o texto publicitário serve-se de vários recursos estilísticos, como a aliteração, a onomatopeia, a rima, a repetição, a metáfora, a personificação, entre muitos outros. A criação de jogos de palavras e de passagens humorísticas é, igualmente, uma estratégia utilizada frequentemente nos textos publicitários.

Volli (2003) – *apud* Oliveira (2010) – afirma que os textos publicitários apresentam “*um efeito perlocutório, ou seja, um acto de linguagem capaz de produzir efeitos não directos no interlocutor*”. Isto é, a publicidade atua ao nível do subconsciente, utilizando métodos de persuadir o cliente a adquirir um produto, sem que este se aperceba de que está a ser manipulado pela imagem ou pelo texto que compõe a publicidade. Como referem também Araújo e Andrade (2012), este tipo de texto utiliza também estratégias para se aproximar do leitor, estabelecendo uma ligação mais próxima, mais íntima, legitimando, deste modo, uma função de conselheiro.

Em suma, o texto publicitário faz uso de diversas estratégias para atingir o seu objetivo de convencer o leitor a consumir um produto. Serve-se de adjetivos com conotação positiva, da repetição e do poder da sugestão, estabelecendo uma ligação entre o produto que se quer vender e valores desejados por todos, como a liberdade, a beleza, o prestígio, o *status* social, entre outros (Botelho *et al*, 2010).

## 2.4.2 – A tradução do texto publicitário

A tradução de textos publicitários coloca alguns desafios interessantes ao tradutor, como podemos inferir através da análise das características deste tipo de texto, referidas anteriormente. Aliás, segundo Bernardo (2012) – *apud* Alves (2012) –, os textos publicitários são dos que mais desafios suscitam ao tradutor. Estes textos fomentam uma tradução mais livre e criativa, aliada aos objetivos do autor e à fidelidade ao texto original. Uma das principais dificuldades da tradução do texto publicitário é o facto de estes textos serem ricos em imagens e sons e, por vezes, até em referências culturais muito específicas.

Como afirma Mooij (2004), “*it is not only languages that vary across the globe; consumers’ needs, and the way advertising appeals to these needs, also do*”. Assim, o tradutor não poderá, perante um texto publicitário, fazer uma tradução literal. Esta estratégia não irá, muito provavelmente, permitir transmitir a mensagem pretendida pela agência de publicidade. E tal acontece porque a publicidade está repleta de elementos culturais não universais, que variam de país para país, ou mesmo de região para região. Como refere Mooij (2004), “*where a different language is spoken, there is likely to be a different set of symbolic references, including myths, history, humour and the arts*”. A autora acrescenta ainda que os conceitos e as ideias contidos num anúncio publicitário fazem parte da cultura de origem, isto é, do local onde foram originalmente criados. As palavras que compõem o texto publicitário podem não significar o mesmo quando traduzidas e inseridas numa outra cultura.

No entanto, de acordo com os membros do *International Advertising Association*, uma organização internacional de comunicação de *marketing*, “*no longer will there be a different advertising campaign for each country and each language of the world*” (Keegan *et al*, 1992 – *apud* Mooij, 2004). No entanto, tal não se verificou. Com efeito, “*at the turn of the century practice had shown that standardized global advertising is not equally effective in all markets*” (Mooij, 2004). Ainda sobre este aspeto, Guidere (s/d) denomina a tradução de publicidade como localização, já que esta consiste em “*adapting the company's communication to the specificities of the local environment of the hosting countries targeted by the campaign*”.

Segundo ainda o mesmo autor, o tradutor de textos publicitários terá de prestar especial atenção aos seguintes fatores:

- Fatores socioculturais: incluem a religião, os costumes, normas éticas, normas de conduta, entre outros.
- Fatores políticos e legais: incluem o sistema político, a abertura de determinado país ao mundo, restrições impostas à publicidade, entre outros.

Tendo estes fatores em conta, o tradutor terá de se certificar que o texto publicitário cumpre as normas do país em questão e, sobretudo, que a mensagem não ofende o outro.

Guidere (s/d) refere ainda três categorias de aspetos que poderão ser alvo de alterações pelo tradutor, caso a cultura em que a publicidade se irá inserir assim o exigir:

- A adaptação de datas, horas, pesos, medidas, unidades monetárias e moradas
- O significado das cores e o simbolismo de formas geométricas
- Os estereótipos culturais e os clichés

É através do domínio destas três categorias, bem como dos fatores socio-culturais e políticos das culturas que trabalha, que o tradutor poderá efetuar traduções de textos publicitários corretas e eficazes. Ou seja, só assim poderá transmitir a mensagem da agência de publicidade e contribuir para a venda de um produto ou serviço além do mercado interno de onde é originário. Caso o texto publicitário seja traduzido incorretamente, não irá cumprir os objetivos de convencer o público. Robinson (2006) refere alguns exemplos de textos publicitários traduzidos erradamente, criando incómodos entre algumas marcas e fazendo passar para o público uma imagem errada do produto. Um dos exemplos que apresenta é o da empresa sueca Electrolux que criou o slogan “*Nothing sucks like an Electrolux*” para vender aspiradores nos Estados Unidos. Neste caso específico, o tradutor descurou o poder da linguagem calão, que teve um maior impacto no consumidor americano, contribuindo para a quebra das compras deste produto.

### 2.4.3 – Descrição dos textos traduzidos

Seguidamente, passaremos à descrição dos textos, incluídos nesta categoria, traduzidos durante o estágio.

Os textos publicitários traduzidos dizem respeito a dois produtos diferentes. O primeiro é referente a uma metodologia de formação que tem como base o fortalecimento de competências através da utilização de curtas apresentações multimédia. Os dois textos trabalhados sobre este produto – texto nº 18 e 19 – fazem uma apresentação das vantagens da utilização desta metodologia para as empresas que a utilizam. Uma vez que estes textos foram retirados do *site* da empresa fornecedora deste método de formação, não tivemos acesso a imagens ou *slogans* que o produto possa ter, de maneira que não nos deparámos com alguns dos problemas típicos da tradução deste tipo de texto referidos anteriormente.

Já o segundo produto, correspondente ao texto 21, promove a compra e a divulgação de um produto novo no mercado, umas botas de estilo alentejano. Neste caso, o texto faz uso de diversas estratégias, de forma a convencer o leitor a adquirir o produto. Entre as estratégias utilizadas, podemos notar a utilização de adjetivos, a exposição de uma imagem do produto, a referência a produtos típicos e naturais da região, ao artesanato e às tradições alentejanas. Estes argumentos levam o leitor a estabelecer uma ligação entre este produto e o desejo de viver no campo, longe da metrópole e do modo de vida rápido e stressante que está aliado à vida citadina.

A tabela seguinte mostra um resumo dos textos publicitários traduzidos, com o número de identificação do texto, o título e uma breve descrição do mesmo e o número de páginas que cada documento trabalhado apresenta após efetuada a tradução.

<b>Identificação do texto</b>	<b>Título e breve descrição</b>	<b>Número de páginas</b>
Texto nº 18	“Aplicações da <i>Knowledge Pills Methodology</i> ” – conjunto de várias frases independentes que promovem a compra e a utilização desta metodologia de trabalho.	Duas (2) páginas de texto.
Texto nº 19	“Já tomou a sua Pílula do Conhecimento?” – texto que explica as vantagens da utilização desta metodologia de trabalho, fazendo também	Quatro (4) páginas de texto.

	referência às desvantagens da não utilização da metodologia em questão.	
Texto nº 21	“Um passo de gigante no Alentejo genuíno” – texto que promove a compra de botas típicas alentejanas aliadas a um visual inovador através da junção dos materiais e cores das mantas e cobertores de Monsaraz.	Uma (1) página de texto.

## 2.5 – A tipologia dos textos traduzidos

A identificação das tipologias textuais é útil para a análise dos textos e, por conseguinte, para a realização de uma tradução adequada, em conformidade com o texto original. Considerando que cada tipo de texto apresenta características que lhes são próprias, o tradutor deve conhecer essas características de modo a transferi-las para a tradução.

Os diversos tipos de texto trabalhados e traduzidos durante o estágio, como já pudemos averiguar, inserem-se em diferentes tipos textuais. Estes tipos textuais apresentam objetivos específicos e características gramaticais e lexicais distintas, razão pela qual consideramos útil apresentá-los neste trabalho.

Vejamos, primeiramente, qual o tipo textual que predomina em cada género de texto trabalhado. Gamero (2001) – *apud* Cruz (2012) – afirma, como já foi referido anteriormente, que os textos técnicos são textos em que predominam a exposição e a instrução. Por outro lado, os textos literários podem conter sequências correspondentes a diferentes tipos textuais. Entre eles, encontram-se a descrição, a conversação (ou diálogo) e a narração. Já os textos científicos apresentam frequentemente fragmentos expositivos (ou explicativos) e fragmentos argumentativos. Finalmente, nos textos publicitários, podemos encontrar uma predominância de argumentação.

Seguidamente, irão ser apresentadas as características típicas de cada um dos tipos textuais referidos anteriormente, que foram tidas em consideração durante as traduções efetuadas no âmbito do estágio.

(a) Os textos expositivos

Gamero (2001) afirma que “*la función textual expositiva consiste en el análisis de unos conceptos dados, o bien en la síntesis a partir de sus elementos constituyentes*”. A exposição, continua o autor, tem como finalidade apresentar uma informação objetiva. O texto expositivo é um texto em que, frequentemente, o emissor tenta modificar ou alargar os conhecimentos do recetor. As características principais associadas a este tipo de texto são, então, as seguintes:

- Fornecer informações úteis ou necessárias
- Apresentar informações objetivas sobre um tema
- Ser escrito com clareza
- Apresentar os conceitos de maneira ordenada
- Utilizar um vocabulário adequado ao tema e ao público

Quanto às características lexicais, destaca-se a frequente ocorrência de vocabulário de especialidade (termos de uma dada área do conhecimento), embora dependendo do grau de especialização do texto, que varia em função dos seus objetivos e do público a que se destina. É também notório o recurso a substitutos lexicais e a vocabulário análogo (sinónimos dos termos utilizados) como forma de garantir a compreensão do texto pelo leitor.

Por fim, as características gramaticais mais típicas destes textos são: a ocorrência de perífrases (como forma de esclarecer o significado de certos termos), o recurso a estruturas de comparação (a comparação com uma realidade mais comum pode ajudar o leitor à compreensão do texto), a utilização frequente do presente do indicativo (com valor de verdade geral), a frequência de enunciados com verbos estativos (verbos como “haver”, “ser”, “ter”, “existir”, entre outros), a predominância de frases declarativas, a possível ocorrência de frases interrogativas introdutoras de um novo tópico e a utilização frequente de conectores que ligam os fragmentos textuais, de modo a tornar mais clara a relação que se estabelece entre eles.

## (b) Os textos instrucionais

O texto instrucional é outro tipo textual presente nos textos traduzidos. Este tipo de texto, conforme referem Marinello *et al* (2008), “*é um género que orienta o leitor na realização de uma atividade ou na utilização de um produto*”. Assim, é um tipo de texto que está frequentemente presente nos manuais de instruções e nos livros de receitas, por exemplo, guiando o leitor na montagem de um aparelho ou na elaboração de um prato. Segundo Werlich (1982) – *apud* Vandepitte (2008) –, nestes casos, “*the writer’s aim is for the reader to be able to do something*”, pelo que estes textos devem ser diretos e claros. Vandepitte (2008) refere ainda o seguinte:

*Although instructive texts do not need to create much desire with the reader, they do need to persuade readers to do something in a certain way, to do something in a certain order, not to skip any steps and to do something with certain materials.*

Este tipo de texto pode apresentar várias características. O texto instrucional apresenta, então, tal como referem Koch e Fávero (1998) – *apud* Marinello *et al* (2008) –, instruções ordenadas sequencialmente, direcionando o leitor a um determinado comportamento. Marinello *et al* (1998) referem que estes textos utilizam, normalmente, verbos no imperativo, no infinitivo e no futuro do presente. Por outro lado, o texto instrucional apresenta “*uma linguagem comum, que se caracteriza por vocábulos, expressões e construções usuais*” (op. cit.), ou seja, uma linguagem simples, clara e em que predominam frases curtas. Os mesmos autores referem ainda a linguagem objetiva como característica típica deste tipo de textos, evitando-se, deste modo, a construção de frases extensas, que poderiam tornar o texto menos claro. Os textos intrucionais utilizam frequentemente verbos operacionais e são muitas vezes redigidos respeitando uma ordem cronológica, normalmente recorrendo à numeração.

No que se refere a questões de organização textual, os autores afirmam que os textos que ocorrem em manuais de instruções apresentam um título, normalmente a marca do aparelho ou o nome do aparelho; um subtítulo, como “manual de instruções” ou “guia de instalação”, por exemplo; e outros subtítulos, por exemplo “instalação” ou “precauções importantes”, entre outros. Segundo os autores referidos atrás, esta organização facilita a procura de informação por parte do leitor, com o objetivo de lhe

proporcionar uma “*orientação clara e segura, que garanta o sucesso na execução do processo*”. Típica ainda dos textos instrucionais é, conforme afirma Travaglia (1991) – *apud Marinello et al* (1998) – a presença de fotografias ou desenhos com legenda, bem como de esquemas de montagem. Os avisos ou mensagens de importância digna de destaque aparecem, normalmente, numa caixa destacada, acompanhados de expressões que captem a atenção do leitor, como por exemplo “Atenção!”, “Cuidado!” ou “Importante!”.

### (c) Os textos descritivos

O texto descritivo tem o objetivo de apresentar pessoas, objetos, ambientes ou situações, referindo as suas características ou qualidades. O autor pode escolher fazer a descrição através de uma enumeração exaustiva ou centrar-se num conjunto mínimo de elementos mais importantes para o texto em questão. Nos textos literários, as descrições podem contribuir para:

- Criar uma atmosfera particular ou uma impressão especial
- Dar indícios sobre o seguimento da narrativa
- Dar um tom poético e estético
- Explicar o valor simbólico dos objetos descritos

No que se refere às características lexicais, é de salientar a frequência de expressões de localização espacial e temporal, o uso frequente de figuras de estilo e a grande incidência de verbos estativos, de existência, indicadores de propriedades, atitudes ou qualidades. No que diz respeito às características gramaticais, é de referir a utilização do presente ou o pretérito imperfeito como tempos dominantes e a expansão nominal, com grande incidência na modificação.

A descrição, como afirmam Bassols e Torrent (2003), tem muitas vezes um papel secundário, pois quando está inserida num texto fundamentalmente narrativo ou argumentativo, “*es utilizada como soporte o ilustración y, sea cual sea su consistencia y extensión, está supeditada a la secuencialidad predominante*”. As autoras apresentam ainda duas classes da descrição: a objetiva, em que se pretende reproduzir com

fidelidade a aparência do objeto em questão, ou a impressionista, cujo objetivo é provocar emoções antes de refletirmos sobre o objeto.

(d) Os textos narrativos

O texto narrativo, por sua vez, caracteriza-se pela sua natureza dinâmica, onde as ações se sucedem umas às outras, as personagens podem ser muitas e variadas, a progressão temporal pode ser muito díspar, os lugares onde se sucedem as ações podem ser próximos ou distantes. O texto narrativo pode apresentar várias funções, tais como:

- Um relato de acontecimentos reais ou imaginários
- Um relato de natureza documental
- Uma função simbólica
- Uma função argumentativa, isto é, o corpo da narrativa pode servir de prova para defender um determinado ponto de vista.

Este tipo de texto apresenta, como característica lexical, a ocorrência frequente de expressões que denotam relações temporais. Quanto às características gramaticais, salienta-se a incidência de predicados verbais que denotam processos ou eventos e o presente ou o pretérito perfeito como tempos verbais dominantes.

(e) O diálogo

Por fim, o diálogo, como afirmam Bassols e Torrent (2003), domina a atividade verbal nos relacionamentos com os outros elementos do grupo social. As autoras acrescentam ainda que “*el diálogo es el sistema de interrelación social más extendido e permitido*”. Nos textos literários, os diálogos dizem respeito às conversas entre as personagens. De notar, porém, que não basta que duas personagens conversem, “*se necesita asimismo que los enunciados respectivos sean mutuamente determinados*”. Efetivamente, como refere Grice (1975) – *apud* Bassols e Torrent (2003):

*La conversación es un trabajo que pide mucha cooperación por parte de los implicados y un cierto grado de negociación, por eso no es raro que desde la*

*pragmática se haya hablado de un principio cooperativo que rige este tipo de actuación verbal.*

O diálogo resulta de uma “*sucesión jerarquizada de intercambios verbales*” (Remi-Giraud, 1987 – *apud* Bassols e Torrent, 2003). Sucessão, como explicam Bassols e Torrent, porque existe uma espécie de “jogo de pingue-pongue”, isto é, enquanto uma personagem fala, a outra escuta. Estas funções alternam quando a personagem que fala passa a ouvir e a que ouvia tem então a palavra.

(f) Os textos argumentativos

A argumentação pode ser definida como “*la operación lingüística mediante la cual un enunciador pretende hacer admitir una conclusión a un destinatario (o destinatarios), ofreciéndole una razón para admitir esta conclusión*” (Plantin, 1990 *apud* Bassols e Torrent, 2003).

Bassols e Torrent (2003) afirmam também que a argumentação é necessária quando alguém não está de acordo com uma opinião, um ensaio, com a sua interpretação, o seu valor ou a sua relação com o problema em questão. As autoras acrescentam que o texto argumentativo apresenta, normalmente, uma operação discursiva orientada para influenciar um determinado público.

Van Duk (1983) – *apud* Bassols e Torrent (2003) – acrescenta ainda que os textos argumentativos visam “*convencer al oyente de la corrección o la verdad de una aseveración, aduciendo suposiciones que la confirmen y la hagan plausible; o bien suposiciones a partir de las cuales se pueda deducir*”. Trata-se, pois, de um tipo de texto que tenta convencer o ouvinte de algo, mudar as suas convicções ou opiniões baseando-se no que foi dito. Os argumentos induzem, refutam ou ajudam a manter as opiniões e os comportamentos dos recetores.

Assim, do ponto de vista pragmático, defendem Bassols e Torrent (2003), a argumentação recorre a um conjunto de estratégias discursivas orientadas para a demonstração de uma opinião.

O texto argumentativo, característico, por exemplo, dos textos publicitários e dos textos científicos, trabalhados neste relatório, apresentam como características principais:

- A defesa de uma tese
- A adequação do texto ao destinatário e ao objetivo
- A utilização de diversos argumentos
- O recurso à exemplificação, à citação e à analogia
- A utilização de referências de conteúdo do conhecimento do destinatário

No que diz respeito às características lexicais mais comuns, é visível o uso frequente de verbos declarativos e de verbos causativos.

Já relativamente a características gramaticais, podemos observar as seguintes:

- Utilização frequente de frases na negativa
- Ocorrência de frases declarativas, interrogativas, imperativas e exclamativas
- Predominância de subordinação adverbial
- Abundância de conectores para exprimir oposição, para exemplificar, para explicitar, para concluir e com valor de reiteração e de certeza.

A consideração da existência de uma tipologia textual, em que diferentes tipos de textos estão associados a diferentes conjuntos de características dominantes, é essencial para a tarefa de tradução. Com efeito, o conhecimento textual do tradutor é fundamental para lhe permitir o reconhecimento dos tipos de textos que traduz, que lhe possibilitará a produção de traduções adequadas, em que respeita as características que lhes estão associadas, mantendo-as no texto de chegada.

### **3. Construção de Glossários**

#### **3.1 – Objetivos dos glossários**

Os glossários são listas, ordenadas alfabeticamente, de termos de um determinado domínio do conhecimento, normalmente acompanhados de uma breve definição. Os glossários bilíngues, como os que serão apresentados nesta secção, integram os termos numa língua, a língua de partida, e os seus equivalentes noutra língua, a língua de chegada. Enquanto nos glossários monolíngues o principal objetivo é apresentar uma breve definição, ou glosa, dos termos, nos glossários bilíngues, ou multilíngues, a glosa é um elemento opcional, dado que a sua função central é a de mostrar a equivalência terminológica entre as línguas.

A criação de glossários tem como objetivo a economia de tempo na procura da tradução de um termo já anteriormente traduzido. Com efeito, a consulta de glossários torna desnecessária a reiteração de pesquisas já efetuadas pelo próprio tradutor ou por outros tradutores que trabalharam textos inscritos numa mesma área. Por outro lado, a construção de glossários permite evitar inconsistências na terminologia utilizada ao longo de um mesmo texto ou em textos da mesma área de especialidade, contribuindo, desta forma, para uma uniformização terminológica que, por tornar as traduções mais coerentes, internamente e entre si, facilita a compreensão por parte do leitor.

#### **3.2 – Apresentação dos Glossários**

Os glossários que serão seguidamente apresentados são glossários bilíngues que integram termos que foram trabalhados ao longo do estágio. Apresentam uma coluna com o termo original, em inglês, e outra coluna com o termo que lhe é equivalente ou sinónimo na língua de chegada, o português. Possuem ainda uma terceira coluna com a informação da fonte em que foi encontrado o termo equivalente. Por opção própria, decidimos ainda acrescentar uma quarta coluna, denominada “Observações”, na qual introduzimos informação relativa aos termos que considerámos pertinente. Também por

opção, decidimos não colocar o significado dos termos presentes no glossário, já que o nosso objetivo central não era ter uma definição do termo, mas sim apresentar o seu equivalente na língua alvo.

Seguidamente, irão ser apresentados os glossários que foram construídos ao longo das traduções efetuadas durante o estágio. Como a sua construção foi parte integrante do nosso trabalho, e a sua utilização de enorme importância para a manutenção de uma terminologia constante, decidimos apresentá-los no corpo do relatório, e não em anexo. O facto de, no âmbito do estágio, termos traduzido textos de diferentes áreas de especialidade conduziu-nos à construção de vários glossários, a saber: (i) Glossário bilingue de termos de Informática e Tecnologias de Informação; (ii) Glossário bilingue de termos de Gestão e *Marketing*; (iii) Glossário bilingue de termos de Gestão de Empresas; (iv) Glossário bilingue de termos Académicos.

### 3.2.1 Glossário bilingue de termos de Informática e Tecnologias de Informação

Termo em inglês	Termo em português	Fonte	Observações
<i>Array</i>	<i>Array</i>	wikipédia; ciberdúvidas	Uma das mais simples estruturas de dados.
<i>BackSpace</i>	Tecla de retrocesso	IATE, infopédia	
<i>Bandwidth</i>	Largura de banda	infopédia	Refere-se à <i>bit rate</i> de uma rede de transferência de dados, ou seja, à quantidade em <i>bits</i> que a rede suporta.
<i>Bidirectional communication</i>	Comunicação bidirecional	eur-lex	Comunicação com dois sentidos.
<i>Browser</i>	<i>browser</i>	IATE	Também: navegador
<i>Channel</i>	Canal	eur-lex	
<i>Channel-base</i>	Acesso para leitura	eur-lex	
<i>Client application</i>	Aplicação do cliente	teleroute.pt	

<i>Cloud-hosted</i>	Armazenado na <i>Cloud</i>	texto da empresa	A armazenagem na <i>Cloud</i> baseia-se nas tecnologias de computação em nuvem, permitindo que um número ilimitado de máquinas aja como um único sistema.
<i>Code-behind</i>	<i>Code-behind</i>	portugal-a-programar.pt	Técnica de <i>webdesign</i> em que a página de <i>internet</i> e o <i>back-end</i> do código fonte estão armazenados em ficheiros, permitindo aos programadores e <i>webdesigners</i> trabalharem em separado.
<i>Contact channels</i>	Canais de contactos	portugaltelecom.pt	
<i>Cross-platform</i>	Multiplataforma	portugaltelecom.pt	Programa ou sistema que roda em mais de uma plataforma.
<i>Data</i>	Dados	infopédia	Também: informação
<i>Data center</i>	Centro de dados	eur-lex	
<i>Data item</i>	Elemento de dados	eur-lex	Dados que descrevem um determinado atributo, como o nome, a idade ou o endereço.
<i>Database server</i>	Servidor de base de dados	eur-lex	
<i>Desktop Application</i>	<i>Desktop Application</i>	forum.zwame.pt	Uma aplicação que funciona de modo autónomo num computador.
<i>Digital native</i>	Nativo digital	texto da empresa	Pessoa que nasceu e cresceu com as tecnologias digitais presentes em sua vivência.
<i>Display</i>	Ecrã	infopédia	
<i>E-commerce</i>	<i>E-commerce</i>	texto da empresa	Tipo de transação comercial feita especialmente através de um equipamento eletrónico

<i>File</i>	Ficheiro	IATE	
<i>Flag</i>	<i>Flag</i>	thefreedictionary	Mecanismo lógico que funciona como semáforo: uma entidade detém uma determinada <i>flag</i> ativa se a característica associada a essa <i>flag</i> estiver presente.
<i>Folders pane</i>	Painel de pastas	xeroxscanner.com	
<i>Hosting</i>	Armazenagem em servidor	IATE	Serviço para a armazenagem de informação num servidor, que permite ser acedido pelos utilizadores.
<i>Hub</i>	<i>Hub</i>	IATE	Processo pelo qual se transmite ou difunde determinada informação, caracterizada pelo facto de a informação ser enviada para vários recetores ao mesmo tempo.
<i>IE</i>	IE	exameinformatica.sapo.pt	Internet Explorer
<i>Information channels</i>	Canais de informação	eur-lex	Qualquer fluxo de dados fornecido, usado ou trocado entre aplicações de rede.
<i>Input</i>	Entrada	IATE	
<i>IP</i>	IP	www.infowester.com	Protocolo de <i>internet</i>
<i>IT</i>	Tecnologias de informação	dnr.pt	
<i>KeyCode</i>	<i>Keycode</i>	esriportugal.pt	Código composto por números e letras que identifica a fonte.
<i>Layer of abstraction</i>	Camada de abstração	javali.pt	Modo de esconder detalhes de implementação de um conjunto particular de funcionalidades.
<i>Load</i>	Carga	IATE; eur-lex	A medida da quantidade de trabalho

			que o sistema de um computador efetua.
<i>Long-polling</i>	<i>Long-polling</i>	portugal-a-programar.pt	Técnica em que o pedido do <i>browser</i> continua aberto até que o servidor envie informação.
<i>Low latency</i>	Baixa latência	IATE	Permite que os atrasos entre o processamento do <i>input</i> e o seu <i>output</i> apresentem características de tempo-real.
<i>Media player</i>	Leitor multimédia	eur-lex	
<i>Message delivery</i>	Entrega de mensagem	eur-lex	
<i>Message object</i>	Mensagem objeto	help.sap.com	
<i>Metadata</i>	Metadados	europarl.europa.eu	Dados sobre outros dados.
<i>Mobile advertising</i>	Publicidade móvel	apple.com	
<i>Mobile application</i>	Aplicação móvel	zetes.pt	
<i>Mobile apps.</i>	Aplicações móveis	texto da empresa	
<i>Mouse events</i>	Eventos de <i>mouse</i>	pt.wikipedia.org	Um evento de <i>mouse</i> ocorre quando um utilizador move o rato no interface do utilizador de uma aplicação.
<i>Multiplatform</i>	Multiplataforma	eur-lex	Programa ou sistema que roda em mais de uma plataforma.
<i>Offset</i>	Distância	eur-lex	
<i>ORTC</i>	ORTC	Texto da empresa	<i>Open Real-time Connectivity</i> , um sistema de envio de mensagens para a web seguro, rápido e altamente escalável
<i>Placeholder</i>	Espaço reservado	IATE	Espaço destinado à inserção ulterior de informação.
<i>Polling</i>	<i>Polling</i>	portugal-a-programar.pt	Operação de consulta constante para criar

			uma atividade síncrona sem interrupções.
<i>Processing power</i>	Capacidade de processamento	eur-lex	
<i>Publisher</i>	Editor	IATE, infopédia	
<i>Real-time technology</i>	Tecnologia <i>real-time</i>	texto da empresa	
<i>Receiver</i>	Receptor	IATE, infopédia	
<i>Refresh button</i>	Botão atualizar	texto da empresa	
<i>Secure Socket Layer (SSL)</i>	Camada de Conexões Securizada (SSL)	IATE	Menos resultados para: Protocolo de Camada de <i>Sockets</i> Segura. Protocolos que conferem segurança de comunicação na internet na transferência de dados.
<i>Security layer</i>	Camada de segurança	eur-lex	
<i>Sender</i>	Emissor	IATE, infopédia	
<i>Server</i>	Servidor	europa.eu	
<i>Server Application</i>	Aplicação do servidor	IATE	
<i>Server providers</i>	Fornecedor do servidor	texto da empresa	
<i>Session id</i>	ID da sessão	support.microsoft.com	O identificador ou usuário da sessão.
<i>Slave mode</i>	Modo escravo	IATE	Modelo de comunicação em que um dispositivo apresenta controlo unidirecional sobre um ou mais dispositivos.
<i>SMS</i>	SMS	casa.telecom.pt	
<i>Social networks</i>	Redes sociais	eur-lex	
<i>Streaming</i>	<i>Streaming</i> , fluxo	texto da empresa, IATE	Forma de distribuir informação multimedia numa rede através de pacotes.
<i>Strong performance</i>	Elevado desempenho	eur-lex	

<i>Subscriber</i>	Subscritor	IATE	
<i>Tab</i>	<i>Tab</i>	o-que-significa.blogspot.pt	Também: tabulação
<i>Template</i>	Modelo de apresentação	IATE	Forma de referência a partir da qual são criados objetos que apresentam características comuns.
<i>To Broadcast</i>	Transmitir	infopédia	
<i>To Connect</i>	Ligar	eur-lex	
<i>To Delegate</i>	Delegar	infopédia	Transferir poder, função, competência, etc. a outrem, que passa a poder representar e agir em nome do primeiro.
<i>To Disconnect</i>	Desligar	eur-lex	
<i>To Download</i>	Descarregar	IATE	Também: fazer <i>download</i>
<i>To Subscribe</i>	Subscrever	infopédia	
<i>To Toggle</i>	Comutar	infopédia	Trocar, permutar.
<i>Toolbox</i>	Caixa de ferramentas	europa.eu	
<i>Traffic</i>	Tráfego	IATE	A carga num sistema ou dispositivo de comunicação.
<i>Traffic-driven</i>	Tráfego orientado	texto da empresa	
<i>Trigger</i>	Disparador	IATE	Recurso de programação executado sempre que o evento associado ocorrer.
<i>Unique visitors</i>	Visitantes únicos	eur-lex	
<i>Unsubscribe</i>	Cancelar a subscrição	teleroute.pt	
<i>User</i>	Utilizador	europa.eu; IATE	
<i>User groups</i>	Grupos de utilizadores	ecb.europa.eu	
<i>Web application</i>	Aplicação <i>Web</i>	eur-lex	Sistemas de informática projetados para utilização através

			de um navegador, na internet ou em redes privadas
<i>Web marketing</i>	<i>Web marketing</i>	ebbo.pt	Aplicação de técnicas, métodos e sistemas que permitem a aplicação da filosofia de Marketing à <i>internet</i> .
<i>Webdesign</i>	<i>Web design</i>	ebbo.pt	Extensão da prática do design, onde o foco do projeto é a criação de sites e documentos disponíveis na <i>internet</i> .

### 3.2.2 Glossário bilingue de termos de Gestão e Marketing

Termo em inglês	Termo em português	Fonte	Observações
<i>Advertising</i>	Publicidade	infopédia	
<i>Beziercurve</i>	Curva de Bézier	IATE	Curva polinomial utilizada em diversas aplicações gráficas.
<i>Business unit</i>	Unidade de negócio	cmvm.pt	Conceito que visa a simplificar a análise e desenvolvimento de ações de mercado.
<i>Commercials</i>	Anúncios	infopédia	
<i>Concurrent users</i>	Utilizador concorrente	texto da empresa	
<i>Conversion rates</i>	Taxas de conversão	IATE; eur-lex	
<i>Cost-effectiv</i>	Eficaz em termos de custo	europarl.europa.eu	
<i>Eyedropper</i>	Selecionador de cor		Mais resultados para: conta-gotas; programa <i>Paint</i> : seleccionador de cor
<i>Flyers</i>	Folhetos	Infopedia	
<i>Interactive retail</i>	<i>Marketing</i> interativo	group.fullsix.pt	Ferramenta que permite a uma empresa receber, em

			tempo real, o <i>feedback</i> dos seus clientes. É uma forma prática e útil para se conhecer o cliente.
<i>Outsourcing</i>	<i>Outsourcing</i>	IATE	Também: subcontratação. Designa a ação que existe por parte de uma organização em obter mão-de-obra de fora da empresa. Está fortemente ligada a ideia de subcontratação de serviços.
<i>Panelists</i>	Membros do painel	europa.eu	
<i>Polyline</i>	Linha poligonal	autocad2010.com	
<i>Profit</i>	Lucro	eur-lex	
<i>Provides</i>	Fluxo de receita	europa.eu	
<i>Quadratic curve</i>	Parábola	wikipédia.pt	
<i>Sales management</i>	Gestão de vendas	euroscript.com	Área de negócio que se foca na aplicação prática de técnicas de vendas e na gestão das operações de venda de uma empresa.
<i>Scalability</i>	Escalabilidade	IATE	Capacidade de adicionar potência e potencialidade a um sistema sem grandes custos.
<i>Voice calls</i>	Chamadas de voz	eur-lex	
<i>White Paper</i>	Livro Branco	IATE	Documento oficial publicado por um governo ou uma organização internacional, a fim de servir de informe ou guia sobre algum problema e como enfrentá-lo.

### 3.2.3 Glossário bilingue de termos de Gestão de Empresas

Termo em inglês	Termo em português	Fonte	Observações
<i>Accreditation schemes</i>	Sistemas de acreditação	eur-lex	Sistemas que reconhecem formalmente que uma instituição atende a requisitos previamente definidos por um organismo independente.
<i>Business Ethics</i>	Ética Empresarial	eur-lex	Ramo da ética diretamente ligado às empresas, referente à forma moralmente correta como as empresas interagem com o seu meio envolvente.
<i>Competitive advantage</i>	Vantagem competitiva	eur-lex	Vantagem que uma empresa tem em relação aos seus concorrentes, geralmente demonstrada pelo desempenho económico.
<i>Computer programme</i>	Programa informático	europarl.europa.eu	
<i>Computer security</i>	Segurança informática	eur-lex	Conceito relacionado com a proteção de um conjunto de informações e de sistemas, no sentido de preservar o valor que possuem para um indivíduo ou uma organização.
<i>Content creation</i>	Criação de conteúdo	eur-lex	
<i>Corporate Social Responsibility</i>	Responsabilidade Social Empresarial	europarl.europa.eu	Conceito segundo o qual, as empresas decidem, numa base voluntária, contribuir para uma sociedade mais justa e para um ambiente mais limpo.

<i>Financial resources</i>	Recursos financeiros	eur-lex	Meios monetários detidos pela organização.
<i>International financial crisis</i>	Crise financeira internacional	ecb.europa.eu	
<i>Just-in-time</i>	<i>just-in-time</i>	eur-lex	Sistema de administração da produção que determina que nada deve ser produzido, transportado ou comprado antes da hora certa.
<i>Knowledge Pills Methodology</i>	<i>Knowledge Pills Methodology</i>	pt.edupills.eu/ noticias	
<i>Organisational goals</i>	Objetivos organizacionais	eur-lex	Resultado desejado que se pretende alcançar dentro de uma organização.
<i>Procedure</i>	Processo	europarl.europa.eu	
<i>Return on investment</i>	Retorno sobre o investimento	IATE, eur-lex	Também: rentabilidade do investimento, rendimento dos investimentos.
<i>SMEs</i>	PMEs	europa.eu	Pequenas e médias empresas
<i>Tacit knowledge</i>	Conhecimento tácito	eur-lex	Conhecimento que o indivíduo adquiriu ao longo da vida, pela experiência.
<i>Technical training</i>	Formação técnica	IATE	
<i>Training</i>	Formação	IATE	
<i>Training actions</i>	Ações de formação	europa.eu	
<i>Training activity</i>	Atividade de formação	eur-lex	
<i>Training process</i>	Processo de formação	europa.eu	
<i>Outside training</i>	Formação externa	eur-lex	Formação que ocorre fora do local de trabalho.

### 3.2.4 Glossário bilingue de termos Acadêmicos

Termo em inglês	Termo em português	Fonte	Observações
<i>Abstract</i>	Resumo	eur-lex	
<i>Acknowledgments</i>	Agradecimentos		
<i>Basic awareness</i>	Conhecimento básico	eur-lex	
<i>Business schools</i>	Escolas de administração de empresas		
<i>Conceptualisation</i>	Conceptualização	eur-lex	Ato ou efeito de formar um conceito a partir de; dar feição conceptual a.
<i>Curriculum</i>	Programa escolar	IATE	
<i>Displays</i>	Exposições	Infopedia	
<i>Grounded theory</i>	<i>Grounded theory</i>	repositorium.sdum.uminho.pt	Também: Teoria fundamentada nos dados. Teoria indutiva baseada na análise sistemática dos dados.
<i>Operationalisation</i>	Operacionalização	europa.eu; bportugal.pt	Colocar em operação um sistema ou processo que hoje está "no papel"; transformar ideia em ação.
<i>Social equity</i>	Justiça social	europarl.europa.eu	Construção moral e política baseada na igualdade de direitos e na solidariedade coletiva.
<i>Syllabus</i>	Programa	thefreedictionary.com	
<i>Working paper</i>	Documento de trabalho	IATE	Documento preliminar, normalmente um documento científico.

## Capítulo II – Questões gerais sobre tradução

Antes de passar à análise dos textos traduzidos durante o estágio e das dificuldades de tradução com que nos deparámos, parece-nos necessário, primeiramente, refletir sobre algumas questões gerais relacionadas com a tradução. Nesta secção, serão apresentadas algumas dessas questões. Uma delas surgiu durante o trabalho desenvolvido ao longo do estágio enquanto outras são questões pertinentes pelo facto de estarem relacionadas com as anteriores.

### 1. O que é a tradução

Num mundo cada vez mais globalizado como aquele em que vivemos hoje, é cada vez mais frequente depararmo-nos com textos traduzidos. É tão frequente que já faz parte do nosso quotidiano e, muitas vezes, nem nos apercebemos de que estamos perante um desses textos. O nosso “mundo” está tão imerso na tradução, seja ela de que tipo for, que quase não nos apercebemos da sua presença. Além de estar presente nos livros que lemos, no manual de instruções para o nosso telemóvel, nas legendas num filme ou numa série que passe na televisão ou ainda num rótulo de um produto que compremos no supermercado, entre muitos outros exemplos, a tradução está também presente na comunicação interpessoal.

Como afirma Steiner (1975) – *apud* Schulte, 2012 –, “*All acts of communication are acts of translation.*” Quer isto dizer, sem nos alongarmos muito nesta questão, que, neste sentido mais amplo e abrangente do termo, estamos constantemente envolvidos em alguma forma de tradução. Ou seja, os diálogos, as interpretações, as ideias, as expressões faciais, entre outros aspetos, são produtos de uma complexa dinâmica de tradução. Na comunicação com os outros, traduzimos sons e gestos para compreendermos o conteúdo completo de uma conversação. Por exemplo, se durante uma conversa algum dos intervenientes tossir ou piscar o olho, esses gestos podem alterar por completo o sentido da mensagem que o interlocutor quis transmitir, ou mesmo dar sentido a essa mesma mensagem. Se o ouvinte não reparar nesses sinais ou

não os perceber, a mensagem não terá sido traduzida, ou interpretada convenientemente e, conseqüentemente, poderá haver problemas de comunicação. Tendo isto em mente, podemos afirmar, tal como Schulte (2012), que existem muito poucas atividades que não estejam, de alguma forma, envolvidas em algum tipo de tradução, neste sentido lato do termo. Este é apenas um exemplo de como a tradução pode ser entendida parte integrante do nosso quotidiano. De notar, no entanto, que ao longo deste trabalho, o termo “tradução” será usado, não como sinónimo de interpretação, mas num sentido mais restrito do termo, como veremos seguidamente.

Tentemos, então, definir o conceito de tradução de uma forma mais precisa. Se atentarmos na palavra “tradução”, podemos constatar que ela pode estar associada a dois significados distintos. Por um lado, a palavra pode referir-se ao processo, ao ato de transposição de uma língua para outra, e, por outro lado, remete-nos, igualmente, para o resultado dessa transposição, ou seja, para o texto ou a obra traduzida. Assim, tal como também referido por Yebra (1984), podemos considerar a tradução como ação ou processo, ou como resultado dessa ação ou desse processo. Para explicar melhor esta ideia, podemos afirmar que a primeira corresponde ao processo de transferir um texto de uma língua para outra, da língua fonte para a língua alvo. Este processo é conduzido por um ou mais tradutores e realizado num contexto sociocultural específico (Hatim e Munday, 2004). Neste aspeto, podemos concordar com Chesterman e Wagner (2002) e afirmar que a tradução é uma transcodificação, já que envolve a passagem de uma mensagem para outro código, ou seja, de um sistema linguístico para outro. Taber e Nida (1971) – *apud* Yebra (1984) – referem-se a este processo da seguinte forma:

*La traduction consiste à reproduire dans la langue réceptrice le message de la langue source au moyen de l'équivalent le plus proche et le plus naturel, d'abord en ce qui concerne le sens, ensuite en ce qui concerne le style.*

Também Dubois (1973) – *apud* Yebra (1984) – define o conceito de tradução enquanto processo:

*Traduire c'est énoncer dans une autre langue (ou langue cible) ce qui a été énoncé dans une langue source, en conservant les équivalences sémantiques et stylistiques.*

Por outro lado, na tradução como resultado, temos o produto escrito, o texto alvo. É o produto resultante do processo referido anteriormente e funciona no contexto sociocultural da língua alvo (Hatim e Munday, 2004).

Tal como os autores atrás referidos, podemos concluir, que, apesar de, nesta aceção, a tradução ser um processo que envolve duas línguas e, portanto, abarcando necessariamente alterações, mudanças, é, no entanto, necessário conservar a equivalência do sentido e do estilo presente no original, de forma a assegurar que o produto resultante seja um texto adequado.

Existem, no entanto, outros autores para os quais a função da tradução transcende a passagem de informação de uma língua para outra. Assim, para os autores alemães Hönig e Kussmaul (1982), Reiss e Vermeer (1984) e Holz-Mänttari (1984) – *apud* Lima (2010) –, a tradução não deve ser encarada como um processo de transcodificação, mas antes como um ato de comunicação. Estes autores veem o texto como uma parte integrante do mundo e não como uma amostra isolada da língua.

Também nas palavras de Robinson (2006), a tradução deve ser encarada como uma forma de comunicação, um canal para a circulação de ideias e opiniões, informação e poder. No mundo globalizado em que vivemos hoje em dia, e também com o crescimento do comércio internacional, a tradução é, com efeito, uma atividade com uma expansão crescente, dado que se traduz num número cada vez maior de línguas e a uma cada vez maior velocidade, dadas as exigências do mercado.

## **2. Objetivos e importância da tradução**

Qual a finalidade da tradução? Qual a sua importância? A definição deste termo já mostra, no fundo, a sua importância para qualquer civilização. Grossman (2010) – *apud* Schulte, (2012) – refere o quão importante a tradução é para qualquer povo:

*Translation expands our ability to explore through literature the thoughts and feelings of people from another society or another time. It permits us to savor the transformation of the foreign into the familiar and for a brief time to live outside our own skins, our own preconceptions and misconceptions.*

*It expands and deepens our world, our consciousness, in countless, indescribable ways.*

A tradução tem, como já referido, um papel fundamental num mundo globalizado como o de hoje, onde nações e línguas interagem diariamente. Basta-nos considerar o caso da União Europeia, uma instituição onde se traduz anualmente cerca de 1 270 586 páginas A4 (dados de 2004). A tradução funciona como um veículo que transporta a identidade de uma cultura, as suas singularidades, e tem como função mostrar as semelhanças entre culturas, ao invés das diferenças (Paz, 1970).

A tradução de diferentes tipos de textos desempenha um papel muito importante na formação de “pontes” entre diferentes culturas e nações. Assim, tal como refere Hassan (2011), enquanto a tradução comercial e a tradução técnica são muito importantes, por exemplo, na área do comércio internacional e a tradução científica é um veículo fundamental para a divulgação do conhecimento científico, a tradução literária contribui para que as diferentes nações alcancem uma cultura universal comum.

Contudo, e apesar da sua importância comprovada, a tradução ainda não conseguiu alcançar o estatuto e o mérito que lhe são devidos. Isto porque, como foi notado por Schulte (2012), a tradução ainda é frequentemente vista como “a enteada” do âmbito das humanidades. A população, no seu geral, tem pouco conhecimento sobre o delicado processo de transferir textos de uma língua para outra.

### **3. Tradução e cultura**

Uma das razões que contribuem para a desvalorização da tradução está relacionada com o facto de a maioria das pessoas encarar a tradução “apenas” como tradução de línguas, sem considerar a tradução de culturas. Com efeito, a tradução é muito mais do que a transferência de equivalentes de uma língua para a outra.

Segundo Lima (2010), foi Wilhelm von Humbolt quem estabeleceu a ligação entre língua e cultura. Para este filósofo alemão, a língua é uma expressão tanto da cultura em que se insere como da individualidade do falante, que aprende o mundo

através da (sua) língua. Também segundo Toury (1995), a tradução deve ser vista como tendo significado cultural, pois está, inevitavelmente, ligada a duas línguas possuidoras de duas tradições culturais diferentes, envolvendo não só idiomas diferentes, mas também culturas distintas. Na mesma linha de pensamento, Lima (2010) afirma que a língua não pode ser vista como um sistema isolado, num vácuo, mas como parte integrante de uma cultura. De acordo com a autora, temos de ter sempre em atenção que, no cruzamento de duas línguas diferentes, existe também o cruzamento de duas culturas diferentes. Como tal, durante o processo de tradução, o tradutor não pode fazer passar o significado da mensagem apenas em termos linguísticos, mas também em termos culturais, pois essas diferenças de culturas são também bastante importantes para a adequação do texto que o tradutor traduz. Com efeito, os textos, tal como foram escritos originalmente, apresentam marcas de uma localização geográfica, de um ambiente social, de um determinado tempo histórico e das idiossincrasias do autor (Flor, 1988). Se não conseguir transmitir todas estas informações, o tradutor estará a alterar o texto, a negligenciar a obra que está a traduzir.

A existência de várias línguas e culturas faz com que existam vários modos de encarar o mesmo mundo (Schulte, 2012). E neste facto reside, a nosso ver, uma das principais dificuldades da tradução – perceber que existem diferentes modos de pensar e de ver o mundo, e que não existem formas que possam, à partida, ser catalogadas como corretas ou incorretas. A nossa língua e a nossa cultura são, portanto, também, neste sentido, a nossa prisão, pois podem levar-nos a vermos e a aceitarmos o mundo de uma determinada maneira, ignorando, muitas vezes, que existem muitas outras formas diferentes de olhar o mesmo mundo (Paz, 1970). O tradutor e a sua maneira de pensar são, forçosamente, um produto da língua e da cultura em que ele está inserido. Como tal, o tradutor pode não conseguir entender por completo aquilo que está fora das suas.

A tradução ajuda-nos, no entanto, a quebrar essas barreiras e a aproximar-nos das línguas e das culturas que nos são, à partida, estranhas, tornando-nos capazes de as compreender melhor. A tradução tem, assim, um papel ativo na relação entre culturas, uma função mediadora entre diferentes povos e até mesmo entre diferentes épocas históricas (Paz, 1970).

Seguindo o pensamento de Robinson (2006), será que partilhámos a mesma cultura dos portugueses do século XVI? Será que língua é cultura? Partilharemos a

mesma cultura de brasileiros, angolanos, moçambicanos e timorenses? Na verdade, não é apenas a língua que faz uma cultura, mas também o espaço e o tempo. Ou seja, para compreendermos na sua totalidade um texto do século XV ou XVI, ou um texto brasileiro ou cabo-verdiano, é provável que seja necessária alguma forma de adaptação. Tendo em conta este aspeto, podemos afirmar que o facto de ser necessário traduzir um determinado texto implica a consideração de que esse texto pertence a uma cultura diferente daquela em que o tradutor está inserido. Esta ideia está presente nas seguintes palavras de Pym (1992a) – *apud* Robinson (2006):

*Although questions like the definition of a culture are commonly thought to be beyond the scope of translation theory, their solution could become one of translations studies' main contributions to the social sciences. Instead of looking for differentiated or distilled cultural essences, it could be fruitful to look at translations themselves in order to see what they have to say about cultural frontiers. It is enough to define the limits of a culture as the points where transferred texts have had to be (intralingually or interlingually) translated. That is, if a text can adequately be transferred [moved in space and/or time] without translation, there is cultural continuity. And if a text has been translated, it represents distance between at least two cultures.*

Segundo vários teóricos, como Holmes (1973), Even-Zohar (1979, 1992), Bassnett (1991), Snell-Hornby (1995), Delabastian e d'Hulst (1993), Hermans (1985) – *apud* Robinson (2006) –, a tradução é, portanto, controlada pela cultura alvo. Isto porque é o público-alvo de um determinado texto quem necessita de compreender um texto que é exterior a si, ou seja, um texto que não é seu, que não pertence à sua cultura. A tradução é, assim, controlada, moldada, pela cultura e a língua que a recebem.

Relacionadas com o aspeto referido, estão as normas de tradução, determinadas pelas normas culturais vigentes. Com efeito, as normas culturais que vigoram numa determinada época e num determinado local determinam as escolhas do tradutor. No entanto, há que ter em atenção que estas não são permanentes, podem ser quebradas e substituídas por outras normas. As normas culturais, tal como a língua, são mutáveis, o que permite, ao longo do tempo, a existência de vários tipos de tradução de um mesmo texto (Toury, 2010).

Pelo que foi referido, podemos, então, concluir que a análise do texto de partida – não só em termos linguísticos como também em termos culturais, filosóficos e até mesmo políticos – é fundamental para garantir a adequação de uma tradução.

#### **4. A questão da intraduzibilidade e da tradução por equivalência**

Durante o processo de tradução, o tradutor depara-se com diversos obstáculos. Uma das principais dificuldades com que o tradutor se depara diz respeito à terminologia, sobretudo perante certos tipos de textos, nomeadamente textos técnicos ou científicos. Newmark (1988) especifica esta questão, afirmando que a principal dificuldade da tradução técnica é a nova terminologia, ou seja, os termos de uma língua que não têm ainda uma tradução atestada, que não possuem ainda um equivalente na língua de chegada no momento da tradução. Com efeito, quando não existe, na língua de chegada, um termo equivalente, o tradutor poderá ser confrontado com a necessidade de criação de um novo termo.

A gestão da terminologia, como afirma Robinson (2006), é um dos aspetos mais importantes do trabalho do tradutor, que terá de ser exposto à terminologia existente, avaliar se é apropriada em contextos específicos, tratar do seu aprovisionamento e da sua recuperação. De facto, sendo a terminologia uma das questões centrais aquando da tradução de textos técnicos, científicos ou comerciais, o tradutor terá de fazer as pesquisas necessárias para encontrar, na língua de chegada, o equivalente mais adequado para transmitir a informação que consta do texto de partida.

Outro problema de tradução diz respeito às palavras ou expressões por vezes consideradas intraduzíveis. Segundo Hatim e Munday (2004), a traduzibilidade é uma noção um tanto relativa e está relacionada com aquilo a que outros autores chamam sinonímia interlinguística, ou seja, a possibilidade de, apesar das diferenças na estrutura linguística, um mesmo significado poder ser expresso adequadamente através das línguas. Como afirma Rodríguez (2013), “*la sinonímia interlingüística supone que una unidad lingüística de una lengua A tiene equivalencia semántica plena en la lengua B (table/mesa; chair/silla)*”. Para tal ser possível, o significado tem de ser compreendido

não apenas em termos do conteúdo do texto fonte, mas também em termos de fatores como o objetivo da comunicação, o público-alvo e o objetivo da tradução.

Relativamente a esta questão da traduzibilidade, Catford (1965) – *apud* Bassnett (1980) – distingue duas situações: a nível linguístico e a nível cultural. A intraduzibilidade linguística ocorre quando não existe um substituto lexical ou sintático, quando estão envolvidas unidades ou estruturas que não têm correspondência na língua alvo. Já a intraduzibilidade cultural ocorre quando se verifica a ausência de uma característica situacional apropriada.

No entanto, para os dois autores referidos atrás, a tradução é sempre possível e os fossos culturais existentes podem, de uma forma ou de outra, ser transpostos. Assim, Hatim e Munday (2004) apresentam como exemplo os conceitos *Ivy League Universities*, *Homeland Security* e *speed dating*. Como afirmam estes autores, estes conceitos podem não existir noutras línguas, mas tal não impede que as expressões sejam traduzidas de alguma forma.

Segundo defendem alguns autores, não existe uma equivalência perfeita e completa entre palavras de duas línguas, pois mesmo os sinónimos mais próximos carregam consigo associações e conotações que não são transferíveis para a outra língua (Jakobson, 1959 *apud* Bassnett, 1980). Jakobson (1959) afirma ainda que, por vezes, até a forma das palavras carrega algum significado. É o que acontece, de acordo com o autor, no caso da poesia, em que o som, o ritmo e a plurissignificação das palavras têm significado e importância para o poema. Estes, contudo, não podem ser transpostos, na sua totalidade, para outras línguas. Neste caso, estaremos, então, perante situações de intraduzibilidade (Jakobson, 1959 *apud* Hatim e Munday, 2004). Assim, no caso de o tradutor se deparar com palavras polissémicas, vê-se obrigado a escolher apenas um dos sentidos, reduzindo a plurissignificação presente no texto original (Flor, 1988). Também Gutt (1990) – *apud* Lima (2010) – corrobora esta opinião, afirmando que a tradução apenas pode conter alguns dos elementos explícitos e implícitos presentes no texto original, já que a “*situação de comunicação é sempre diferente para os receptores do texto de partida e para os receptores da língua de chegada*”.

A tradução de expressões idiomáticas constitui um outro problema para o tradutor. Quando o tradutor traduz este tipo de unidades, tem de procurar na língua alvo uma expressão com significado idêntico que não pareça estranha ao leitor. A tradução

realiza-se, assim, através de um processo de equivalência, não se tornando, nestes casos, possível uma tradução literal.

Para tentar ultrapassar as dificuldades mencionadas nesta secção, o tradutor tem à sua disposição várias estratégias que pode utilizar para tentar traduzir o sentido, o significado da expressão ou da palavra. E, como afirmam Chesterman e Wagner (2002), para um determinado problema de tradução é possível que não haja apenas uma solução, mas várias. A questão das estratégias de tradução será abordada mais adiante.

## **5. Fases da tradução e métodos de traduzir**

De acordo com Yebra (1984), quer o tradutor esteja ou não consciente desse facto, o processo de tradução segue duas etapas principais. A primeira das etapas diz respeito à compreensão do texto original, enquanto a segunda etapa se relaciona com a expressão da mensagem, do conteúdo, para a língua alvo.

Durante a primeira etapa, o tradutor procura o sentido, o significado presente no texto fonte. Aqui, o tradutor diferencia-se do leitor pela intenção e intensidade da sua leitura. Esta é mais profunda, mais atenta aos detalhes, de modo a permitir-lhe compreender o texto o melhor possível, sendo o seu objetivo chegar à compreensão total.

Ainda segundo Yebra (1984), após fazer uma análise exaustiva do texto, o tradutor entra na segunda etapa, a fase da expressão. Chegado a esta fase, o tradutor procura, na língua alvo, as palavras e expressões adequadas para reproduzir o conteúdo do texto original. É nesta altura que se realiza a verdadeira tradução, a transposição do conteúdo do texto original para um novo texto na língua alvo.

Mas qual a melhor forma de chegar a uma tradução adequada? Como escolher o melhor caminho, o melhor método para fazer uma boa tradução? A este propósito, Schleiermacher (1978) – *apud* Yebra (1984) – afirma que existem dois métodos, dois caminhos possíveis. De acordo com o primeiro, o tradutor tenta passar para os seus leitores a mesma impressão que o estrangeiro teve ao ler o texto na língua original, na sua própria língua. De acordo com o segundo, o tradutor tenta transmitir a obra aos seus

leitores, como se esta tivesse sido escrita na língua deles, na língua de chegada. Dadas estas duas hipóteses, antes de começar a escrever, o tradutor deve, então, escolher se pretende ser fiel à cultura e língua originais, de partida, ou à cultura de chegada. Estes dois métodos de traduzir podem ser referidos, respetivamente, pelos termos “estrangeirização” e “domesticação”. Estes dois conceitos foram introduzidos por Friedrich Schleiermacher, numa palestra proferida em 1813 (Lima, 2010).

Optando pelo método de “estrangeirização”, segundo Schleiermacher (2003), o tradutor pretende, como já referimos, aproximar os seus leitores do texto original, ou seja, da língua e cultura de partida. É o tradutor que se desloca ao que lhe é estranho, ao texto original. É um modo de traduzir que respeita a alteridade, em que o tradutor traduz de forma mais literal, de modo a deixar aos leitores uma sensação de estranheza, de estrangeiro. O tradutor preserva algo da língua de partida na língua de chegada, preserva as marcas do autor. Para Chesterman e Wagner (2002), neste método o texto tem de manter o que lhe é estrangeiro, tanto por razões estéticas como por razões culturais. Como tal, a fluência na língua alvo não é uma prioridade. Este modo de tradução tem, em suma, como objetivo respeitar o outro, o estrangeiro, deixando-o visível na tradução.

Alternativamente, a tradução pode ser realizada por “domesticação”. Relativamente a este método, Schleiermacher (2003) afirma que o tradutor tem como intuito aproximar o texto original dos seus leitores, isto é, cabe ao texto original deslocar-se até ao leitor da língua alvo, da língua de chegada. Este modo de traduzir, contrariamente ao anterior, segue uma visão etnocêntrica, respeitando a língua e a cultura de chegada e operando por equivalência, de modo a que o leitor possa perceber o sentido da expressão da língua de partida. O tradutor respeita a língua de chegada, adaptando as marcas do autor da língua de partida à língua e à cultura em que o texto traduzido se vai inserir. O tradutor não introduz elementos estranhos ao leitor, mas adapta-os para algo familiar, naturalizando o texto. Segundo Chesterman e Wagner (2002), o texto vai ser adaptado à cultura alvo e, portanto, nada deve ser deixado que o ligue à cultura fonte, nem mesmo os nomes próprios. Este método mostra o tradutor a tentar traduzir como se o autor tivesse escrito originalmente na língua de chegada, como se a obra estrangeira pertencesse à língua e cultura alvo (Schleiermacher, 2003). A utilização deste método é mais usual em certos contextos, por exemplo em literatura infantil ou em publicidade.

Para Schleiermacher (2003), a melhor forma de traduzir passa por tentar preservar ao máximo a letra do autor. Cabe, então, ao leitor de um texto traduzido perceber que está perante uma obra que não é sua, mas que pertence a uma outra língua e cultura. Por sua vez, Yebra (1989) afirma o seguinte:

*La regla de oro para toda traducción es, a mi juicio, decir todo lo que dice el original, no decir nada que el original no diga, y decirlo todo con la corrección y naturalidad que permita la lengua a la que se traduce.*

Assim, para este autor, as duas primeiras normas exigem a fidelidade absoluta ao conteúdo, enquanto a terceira dá ao tradutor a liberdade suficiente no que respeita ao estilo. Yebra (1989) defende, assim, um modo de traduzir que junta, no fundo, a estrangeirização e a domesticação. Afirma, contudo, que “*la dificultad reside en aplicar las tres [reglas] al mismo tiempo*” (op.cit.).

## **6. Tipos de tradução e estratégias utilizadas**

Referindo-se à existência de diferentes tipos de tradução, podemos estabelecer, segundo Jakobson (1959) – *apud* Bassnett (1980) – estabelece a seguinte distinção:

1. Tradução intralinguística, também denominada pelo autor por reformulação;
2. Tradução interlinguística, considerada a verdadeira tradução;
3. Tradução intersemiótica, também referida como transmutação.

A tradução intralinguística diz respeito à tradução que ocorre entre duas variedades de uma mesma língua, como o português europeu e o português do Brasil. Também é considerada tradução, uma vez que apresenta algumas das suas características, nomeadamente a substituição de itens lexicais por outros equivalentes que são considerados mais apropriados para o público-alvo, bem como, eventualmente, uma reestruturação sintática.

A tradução interlinguística é, de acordo com o autor, a tradução que afeta duas línguas independentes. Este é o tipo de tradução mais comum.

Finalmente, o último tipo de tradução, a tradução intersemiótica, ocorre entre dois códigos diferentes, sendo um verbal e o outro não-verbal. Ocorre através da interpretação de signos verbais por meio de signos não-verbais. Ou seja, um texto que pertença a um sistema de signos (por exemplo verbal, visual ou sonoro) é traduzido para outro sistema de signos, por exemplo no caso de livros que são adaptados ao cinema.

Como afirma Robinson (2006), a tradução é uma atividade inteligente que envolve processos complexos de aprendizagem consciente e inconsciente. Esses processos dizem respeito às estratégias utilizadas. Lörscher (1991) – *apud* Lima (2010) – define estratégias de tradução como “*um procedimento potencialmente consciente para a solução de um problema com que o indivíduo se depara, ao traduzir um fragmento de texto de uma língua para outra*”. Também Chesterman (2002) se refere a estratégias de tradução como procedimentos ou métodos que ajudam os tradutores a resolver certos tipos de problemas durante a tradução, para que possam alcançar o objetivo desejado. Estas estratégias são utilizadas, portanto, como ferramentas de tradução. São formas de manipulação textual, um conjunto de regras usadas pelo tradutor para resolver determinados problemas (Chesterman, 1997). Tornam-se visíveis quando comparamos o texto original com a tradução.

Podemos distinguir diferentes tipos de estratégias utilizadas na tradução, consoante os diferentes tipos de problemas com os quais o tradutor se depara. Chesterman e Wagner (2002) apresentam três tipos de estratégias que dão ajuda aos seguintes três tipos de problemas:

- a. problemas de pesquisa,
- b. problemas de bloqueio,
- c. problemas textuais.

O primeiro tipo de estratégias apresenta uma resposta aos problemas relacionados com a procura de um determinado termo, sendo a seguinte a solução apontada pelos autores: procurar na internet, nomeadamente em *sites* de *corpora* paralelos, utilizar dicionários e bases de dados ou mesmo telefonar a alguém da área que possa ajudar.

Os problemas de bloqueio verificam-se quando o tradutor “fica preso” em determinada parte do texto, quando não consegue avançar com a tradução. Podemos,

segundo os autores referidos, solucionar estes problemas com uma simples pausa no trabalho, perguntando a um colega, ouvindo música relaxante ou avançando para outra parte do texto, deixando a resolução do problema para outra altura.

Finalmente, os problemas textuais, os que mais importa esclarecer aqui, referem-se ao modo como um fragmento de texto é processado, a como se torna possível encontrar outras versões para o mesmo fragmento, a como traduzir metáforas, por exemplo, a questões retóricas, entre muitos outros aspetos. As estratégias para resolver estes problemas são divididas em três categorias principais: as sintáticas, as semânticas e as pragmáticas. Eis a lista destes três tipos de estratégias, consideradas por Chesterman (1997) – *apud* Chesterman e Wagner (2002):

<b>Estratégias Sintáticas</b>	<b>Estratégias semânticas</b>	<b>Estratégias pragmáticas</b>
<b>Tradução literal</b>	Sinonímia	Filtragem cultural
<b>Empréstimo, decalque</b>	Antonímia	Mudança de grau de explicitação
<b>Transposição</b>	Hiponímia/hiperonímia	Mudança de informação
<b>Mudança de tipo de unidade</b>	Opostos	Mudança interpessoal
<b>Mudança da estrutura sintagmática</b>	Mudança de grau de abstração	Mudança ilocutória
<b>Mudança da estrutura da oração</b>	Mudança distribucional	Mudança de coerência
<b>Mudança da estrutura frásica</b>	Mudança de ênfase	Tradução parcial
<b>Mudança de coesão</b>	Paráfrase	Mudança de visibilidade
<b>Mudança de nível</b>	Mudança de tropo	Transedição
<b>Mudança de esquema retórico</b>	Outras mudanças semânticas	Outras mudanças pragmáticas

O tradutor deve encarar as estratégias como mudanças, alterando algo que esteja menos bem. Ou seja, se o tradutor não estiver satisfeito com a tradução, então deve alterar, mudar algo. Como afirma Chesterman (1997), o facto de o tradutor não estar satisfeito com a tradução que produziu evidencia problemas com a mesma. Estas estratégias apresentadas acima auxiliam o tradutor a escolher a melhor opção possível, de modo a ir ao encontro das suas expectativas de tradução.

Apesar de todas estas estratégias que podem ser utilizadas ao longo de uma tradução, é natural que ocorram situações em que a tradução possa ter ficado muito

alguém do que era esperado. Nestas situações de perda em relação ao original, e quando o tradutor não consegue melhorar o trecho do texto em questão, a única solução é compensar essa perda, introduzindo um elemento adequado, numa outra parte do texto. Isto é, numa situação em que o tradutor não consegue transmitir todo o significado de um trecho, por exemplo devido à plurissignificação de um jogo de palavras, o tradutor poderá tentar ultrapassar essa “perda” em relação ao original, alcançando, num outro trecho, um ganho compensatório na tradução, por exemplo através da introdução de determinado elemento que “valorize” o texto traduzido:

*The translator offsets an inevitable loss at one point in the text by adding a suitable element at another point, achieving a compensatory translation gain.*  
(Steiner, 1998 – *apud* Hatim e Munday, 2004).

## **7. A utilização de ferramentas de apoio à tradução**

Devido ao crescimento da globalização e do comércio internacional, houve, nos últimos anos, um aumento da necessidade de se traduzir para mais línguas e a uma maior velocidade. Para ajudar os tradutores nesta tarefa, temos os computadores. Cada vez mais, os tradutores dependem de ferramentas suportadas pelos computadores, tanto para realizarem trabalhos mais rapidamente como para os auxiliarem no que toca à manutenção de um léxico constante ao longo do texto. Tal como afirmam Hatim e Munday (2004), os computadores devem ser vistos, no entanto, apenas como um meio de ajuda e não como produtores de textos traduzidos, como muitos pensam. Tal como refere Bar-Hillel (1959) – *apud* Hatim e Munday (2004) –, os computadores ainda não possuem conhecimentos do mundo necessários, fundamentais para a tradução, que lhes permitam produzir textos de boa qualidade. Apenas os humanos podem analisar um texto de uma língua e retirar dessa análise a informação necessária, tanto a nível do sentido das palavras como a nível cultural, de forma a traduzirem adequadamente. A tradução é uma operação pensada, em que os tradutores têm, constantemente, de tomar decisões sobre qual a melhor maneira de traduzir esta ou aquela palavra ou esta ou aquela frase. A este propósito, Kay (1980) – *apud* Hatim e Munday (2004) – refere que um dos principais obstáculos da tradução automática são as palavras com duplo

significado e as frases com estruturas gramaticais variadas, aspeto que os computadores não conseguem, por enquanto, resolver convenientemente.

As ferramentas de apoio à tradução com mais importância para o tradutor são os sistemas de tradução automática e as ferramentas TAC (sigla para “Tradução Assistida por Computador”). A tradução automática, tal como apontado por Cruz (2012), tem como objetivo “*aumentar a produtividade dos tradutores*”, de modo a permitir às empresas de tradução uma redução dos custos de tradução, aliada a uma maior rapidez de trabalho. No entanto, e apesar dos progressos atingidos neste âmbito que têm vindo a melhorar a qualidade destas ferramentas, os “*sistemas [de tradução automática] atuais são efetivamente insatisfatórios. Alguns, mesmo muito insatisfatórios*” (Marrafa, 2006 – *apud* Cruz, 2012). Estes sistemas, que funcionam “*com bases de dados relacionáveis onde estão inseridos milhões de segmentos com correspondência em vários pares linguísticos*”, não distinguem a criatividade linguística humana (Cruz, 2012). Tal facto torna-os frágeis e dependentes da supervisão humana, de modo a corrigir os textos produzidos pela máquina.

Outras das ferramentas anteriormente referidas são as ferramentas TAC. Estas, como refere Cruz (2012), “*representam um tipo de ferramenta que contém, na verdade, vários tipos de ferramentas diferentes*”, tais como corretores ortográficos, memórias de tradução e bases de dados terminológicas, entre outras. A utilização destas ferramentas torna-se bastante útil para o tradutor, já que incluem várias outras que facilitam o seu trabalho, tornando-o mais rápido e eficaz. Por exemplo, as memórias de tradução são bases de dados de segmentos de texto na língua de partida e na língua de chegada. Esta ferramenta traz ao tradutor duas principais vantagens, acelera o processo de tradução, uma vez que o tradutor não precisa de voltar a traduzir segmentos que já foram anteriormente traduzidos, e assegura que segmentos iguais são traduzidos da mesma maneira, dando estabilidade terminológica ao texto, ao evitar traduzir um mesmo termo por equivalentes diferentes. As bases de dados terminológicas, por sua vez, ajudam o tradutor a gerir os termos que encontra nos textos traduzidos em bases de dados que podem, posteriormente, ser partilhadas entre outros tradutores, contribuindo, assim, também, desta forma, para a referida estabilidade terminologia, neste caso de um ponto de vista intertextual.

## 8. As características do tradutor

Como foi referido, a tradução nasce através da perspetiva interpretativa, da análise pessoal de cada tradutor. Desta forma, a tradução apresenta, inevitavelmente, marcas da individualidade do tradutor, pois este escreve baseando-se na sua experiência e no seu conhecimento do mundo e interpretando um texto de uma forma individual. Também o estado de espírito do tradutor pode influenciar o modo como o tradutor traduz, bem como a qualidade do seu trabalho (Chesterman e Wagner, 2002). Neste sentido, através das marcas de individualidade que deixa no seu trabalho, o tradutor torna-se visível. Contudo, esta visibilidade só é observada quando o texto original e a tradução são comparados.

Os tradutores são mediadores da diferença, são não apenas bilingues mas também biculturais (Toury, 2010). Robinson (2006) caracteriza os tradutores ideais como pessoas que gostam de ler, por vezes três ou quatro livros ao mesmo tempo e de vários géneros; que gostam de viajar, pois só assim conseguem verdadeiramente conhecer várias línguas e culturas; e que gostam de analisar como as diferentes pessoas falam e agem, não só pessoas com diferentes idades, mas também pertencentes a diversos estratos sociais. São também pessoas atentas à língua e à sua evolução, pois não podem ficar parados no tempo, têm de evoluir juntamente com a língua (Robinson, 2006). Os tradutores têm de ser capazes de traduzir textos sobre qualquer tema. Sobre este aspeto, Robinson (2006) – *apud* Byrne (2006) – afirma que “*translators... make a living pretending to be licensed practitioners of professions that they have typically never practiced.*” Byrne (2006) considera ainda que a ideia de fingir implica que o tradutor saiba o suficiente de uma área para lidar com o texto ou que seja capaz de adquirir a informação necessária. Os tradutores podem, então, ser vistos, nesta perspetiva, segundo afirma Robinson (2006), como impostores, falsos, fingidores, pois simulam ser profissionais licenciados de áreas que nunca praticaram. Neste sentido, são como atores, possuem diversas vidas, encarnam personagens para convencer os clientes de que são quase médicos, advogados ou economistas.

Robinson (2006) apresenta-nos algumas características que o tradutor deve possuir e que o ajudarão a ser um bom profissional. Entre outras, destaca-se o facto de o tradutor ter de estar atento aos detalhes, de ser meticoloso, de ser fiel às instruções do cliente, de possuir capacidades de pesquisa, de ser versátil para traduzir textos fora da

sua área de especialização e de possuir conhecimentos sobre programas de tradução assistida por computador. Os clientes têm de confiar na tradução (o texto final) e no tradutor. Para tal, o tradutor deve ser fiável, não só em termos de exatidão do seu trabalho, mas também em termos do modo como conduz todo o processo, isto é, do seu profissionalismo. O tradutor deve ainda ser versátil e ser capaz de produzir resumos, comentários ou adaptações de um texto, caso o cliente o peça (Robinson, 2006). O tradutor tem de ser ético. Mas este conceito apresenta alguns problemas. Apesar de o tradutor ter de ser fiel ao texto, existem muitos casos em que lhe é pedido para distorcer o texto, o que acontece, por exemplo, quando é necessário adaptar um texto à televisão, ou fazer adaptações para um livro infantil ou para uma campanha publicitária. Segundo o autor referido, o tradutor não deve ter a sua própria opinião expressa na sua tradução, deve ser imparcial. Isto é, não deve tecer comentários que expressem a sua opinião sobre um determinado texto que traduz, exceto se tal for pedido pelo cliente. É neste aspeto que o tradutor tem de ser imparcial. Caso lhe seja pedido para traduzir um texto sobre um assunto que vá contra as suas convicções, o tradutor não pode moldar o texto, alterá-lo à sua vontade. Deve mostrar-se sempre imparcial e neutro.

## **9. A tarefa do tradutor**

A tarefa do tradutor é, inicialmente, similar à do leitor, no sentido em que cada leitura é uma tradução, no sentido em que cada leitura é, também, uma interpretação (Paz, 1970). Mas existe uma diferença entre os papéis desempenhados pelos dois. Como afirma Yebra (1984), o tradutor, contrariamente ao leitor, não termina a sua tarefa após a leitura do texto, após ter captado o seu sentido. O tradutor não pode contentar-se com uma compreensão parcial, mas deve tentar chegar à compreensão total, embora saiba que tal não é, em absoluto, possível. Essa impossibilidade da compreensão total do texto deve-se ao facto de o tradutor e o autor não partilharem as mesmas condições físicas e psicológicas. É aquando da compreensão do texto que este começa a ser algo próprio do tradutor. Este, segundo afirma Bassnett (1980), deve ter em atenção as funções dos mecanismos estilísticos usados pelo autor, de modo a permanecer fiel ao texto original. Tem, também, de prestar particular atenção à diversidade de registos e níveis de língua

utilizados no original (Flor, 1988). Deve, ainda, procurar, na língua alvo, processos que viabilizem a equivalência de coloquialismos, de formas dialetais, de termos que tenham caído em desuso, de trocadilhos, de provérbios, de termos em calão, etc. (Landers, 2001; Flor, 1988). Segundo Robinson (2006), para efetuar uma boa tradução, o tradutor não deve confinar-se apenas ao seu conhecimento. Deve, portanto, utilizar dicionários, obter informações junto de profissionais da área e fazer as pesquisas necessárias na internet para encontrar a solução para os problemas que a tradução de um texto lhe coloca.

O objetivo e a tarefa do tradutor são, então, produzir textos aceitáveis para o público ao qual a tradução é dirigida. Esta deve ser adaptada ao público, segundo as exigências do cliente (Robinson, 2006; Newmark, 1988).

O tradutor tem de ser cada vez mais rápido nas suas traduções. No mercado de trabalho atual, existe uma pressão cada vez maior para que o tradutor faça um bom trabalho no menor tempo possível (Hatim e Munday, 2004). A rapidez da tradução pode ser encarada sob dois pontos de vista. Por um lado, um tradutor com uma velocidade de tradução elevada pode ter mais facilidade em conseguir arranjar trabalho e, conseqüentemente, ganhar mais. Contudo, e por outro lado, esta rapidez pode, também, ser inimiga do tradutor, visto que, com uma maior velocidade, também existe uma maior probabilidade de erro (Robinson, 2006). De acordo com Robinson (2006), se o tradutor, após ter entregado o seu trabalho, encontrar um erro na tradução ou descobrir um equivalente melhor para uma determinada palavra ou expressão, tem a obrigação de telefonar para a agência ou para o cliente e pedir para alterar a tradução, se tal for possível.

Relativamente aos erros ou lapsos que o tradutor encontra no texto que está a traduzir, Wagner e Chesterman (2002) apresentam-nos cinco hipóteses de escolha para o tradutor: (a) pode optar por não fazer nada, apenas traduzir, deixando que o erro permaneça na tradução; (b) pode traduzir literalmente, mas colocar a menção [sic]; (c) pode optar por traduzir com a correção mas de modo a não atrair atenções para o erro; (d) pode ainda traduzir com a correção e acrescentar uma nota de rodapé com a referência ao erro no texto original; (e) ou, por último, pode traduzir com a correção e pedir ao autor que o texto original seja também corrigido.

Além do trabalho de traduzir línguas e culturas, o tradutor tem também a responsabilidade de melhorar um texto mal escrito e de corrigir possíveis erros detetados no texto de partida. Segundo vários autores, o tradutor tende a deixar o seu texto explícito, mais explícito do que o texto original, visto que o seu trabalho passa, também por clarificar a mensagem, torná-la compreensível (Robinson, 2006; Chesterman e Wagner, 2002). É essa a sua tarefa. O tradutor tem, então, o direito de alterar significativamente o texto no processo de tradução, de modo a proporcionar ao leitor da tradução um texto em conformidade com as normas estilísticas e idiomáticas da língua alvo (Belloc, 1931 – *apud* Bassnett, 1980).

## 10. Tradutor *versus* autor

Apesar do que foi referido atrás acerca da intervenção do tradutor na construção do texto de chegada, vários autores referem a existência de diferenças fundamentais entre o tradutor e o autor do texto. Como afirma Schulte (2012), o tradutor inicia o seu trabalho tendo como base um texto já escrito, e “apenas” tem de recriar esse texto numa outra língua. Assim, nesta perspetiva, enquanto a atividade do autor pode ser denominada “criativa”, a do tradutor poderá ser considerada “re-criativa”, tendo em conta o seu papel secundário em relação ao texto. O autor sempre foi visto como o detentor do poder, da criatividade e da originalidade, tal como é afirmado por Bassnett (2001) – *apud* Valdez (2009) –, enquanto ao tradutor, confinado a trabalhar um texto produzido por outrem, é frequentemente atribuído um papel inferior em relação ao escritor-autor. Com efeito, um texto original é, a par com o seu autor, uma obra única, inimitável, que espelha o espírito, a personalidade do seu autor (Freitas, 2006; Almeida, 1998 – *apud* Valdez, 2009).

Até ao final do século XVIII, vigorou a ideia de que os tradutores teriam de ser fiéis ao texto ao nível da palavra, e não ao nível do significado, como refere Kelly (1979) – *apud* Valdez (2009). Neste sentido, o tradutor era visto como um agente secundário, “obrigado” a seguir “à letra” as “ordens do seu mestre”, o texto original ou o autor. Contudo, a partir do século XIX, a fidelidade para com o texto deixou de ser encarada ao nível da palavra, mas antes tendo em conta os problemas das diferenças

culturais, tal como apontado por Schleiermacher (2003) – *apud* Valdez (2009). O desafio, hoje em dia, é transmitir o significado, a mensagem do autor, de modo a que o texto seja compreendido pelos leitores de uma língua e cultura diferentes. Neste aspeto, o tradutor terá um papel mais importante, mais relevante do que aquele que lhe foi dado até ao século XVIII. Até porque, seguindo o “modelo” atual, o tradutor ajuda a construir o sentido do texto final, isto é, o tradutor também transpõe para a tradução a sua interpretação do texto original. Uma vez que cada tradutor pode perceber a obra de formas diferentes, também os produtos finais poderão apresentar algumas diferenças. Neste aspeto, podemos considerar o tradutor como um “quase autor”, pois intervém ativamente no texto.

Cabe ainda ao tradutor, como leitor atento que é, identificar as intenções do autor e reproduzi-las no texto alvo. Ao fazê-lo, tem de utilizar a sua criatividade e “originalidade” para transpor a criação do autor para outra língua, tentando deixar presentes essas marcas criativas. Contudo, essa criatividade do autor, os jogos de palavras, os trocadilhos, as referências culturais, entre outros aspetos, pode ter de sofrer algumas alterações, de modo a serem compreendidos pelo leitor do texto alvo. Flor (1988) afirma, a este propósito, que, se o tradutor assumir a responsabilidade de ser um (re)criador, então tem o direito de inventar, de criar na sua própria língua, desde que siga o sentido do original. A tarefa do tradutor acaba, então, nesta perspetiva, por ser idêntica à do autor, no sentido em que o autor quer manter vivo o texto original, através das transformações efetuadas durante o processo de tradução (Santana, 2008). É, então, graças à tradução e ao tradutor que é possível imortalizar uma obra, ajudando-a a atravessar línguas e culturas. O tradutor é, assim, um mediador de culturas, quebrando as barreiras existentes entre diferentes línguas e culturas, e aproximando, através da divulgação das obras, diferentes povos.

Resumindo, todo o tradutor profissional é um escritor, mas não é autor, pois não é o criador original dos livros que traduz. Apenas podemos denominar o tradutor como “autor” no que se refere ao seu trabalho criativo, já que é ele quem “inventa”, descobre formas de transmitir uma determinada mensagem, mais ou menos criativa e original, de uma língua e cultura para outra, por vezes totalmente diferente, tentando encontrar pontos em comum onde, por vezes, eles não existem.

## **Capítulo III – Problemas e Dificuldades de Tradução**

Neste capítulo, serão apresentados alguns dos problemas e dificuldades de tradução com que nos deparámos no decorrer do estágio. Os problemas apresentados não representam os únicos problemas encontrados, mas aqueles que considerámos mais importante apresentar no relatório e aqueles que apresentaram um maior peso. Neste capítulo, iremos apresentar problemas de sintaxe, problemas de léxico e outros tipos de problemas que, por não se inserem em nenhum dos pontos anteriores, serão apresentados num subcapítulo denominado “Outros Problemas”.

Como podemos ver de seguida, fazemos uma apresentação geral de cada problema e ilustramos com exemplos retirados das traduções. Para cada exemplo apresentado, explicamos os problemas ou as dificuldades encontradas, tanto na língua de partida – o inglês – como na língua de chegada – o português – e esclarecemos a nossa opção de tradução.

### **1. Problemas de sintaxe**

Nesta secção, serão apresentados os problemas e dificuldades relativos à sintaxe. A sintaxe refere-se à parte da gramática que estuda a forma como as palavras se combinam para formar unidades maiores, sendo a frase a unidade máxima de análise sintática. Ao longo desta secção, iremos apresentar problemas relacionados com o artigo, as orações relativas, a ordem dos elementos na frase, a construção ativa e passiva, os clíticos e o sujeito nulo e o sujeito realizado, sendo estes aspetos que se revelaram importantes em termos das diferenças que se verificaram entre as línguas de trabalho.

## 1.1 – O Artigo

Segundo Cunha e Cintra (1984), dá-se o nome de artigo às palavras que se antepõem aos nomes e que indicam se se trata de uma entidade já conhecida do leitor ou ouvinte ou se se trata de uma entidade da qual ele ainda não possui conhecimentos. Os artigos definidos determinam o nome de um modo preciso e individual, enquanto, por outro lado, os artigos indefinidos determinam os nomes de um modo impreciso, geral ou vago. Por sua vez, Brito (2003) define as propriedades para os artigos definidos e indefinidos:

*Os artigos definidos não podem surgir isolados, quer por elipse do nome quer por movimento do nome e do complemento (ao contrário dos indefinidos e de outras formas de quantificação).*

A autora acrescenta ainda:

*Mas as formas o, a, os, as podem ocorrer em construções de elipse nominal se forem seguidos de um complemento, um modificador adjetival ou uma oração relativa.*

Por sua vez, os artigos indefinidos “*não podem preceder os nomes próprios*” e “*nunca podem seguir*” as palavras “*todos*” ou “*ambos*”.

Na língua portuguesa, os artigos podem variar em género e em número, concordando obrigatoriamente com o nome ao qual estão associados. Os artigos definidos têm as formas: “o”, “a”, “os”, “as”. Os artigos indefinidos têm as formas: “um”, “uma”, “uns”, “umas”.

Na língua inglesa, os artigos não exibem distinção de género e número. O artigo definido tem a forma “*the*”, enquanto os artigos indefinidos correspondem a “*a*” e “*an*”. Segundo Huddleston e Pullum (2012), o artigo definido é utilizado, tipicamente, “*as determiner in NP structure with the sole meaning of indicating that the head is sufficient in the context to identify the referent*”. Já os artigos indefinidos são “*prototypically used as determiner in count singular NPs indicating that the content is not sufficient to identify a specific referent*”. Existem algumas regras em relação ao uso do artigo definido e indefinido em inglês, apontadas por Coe, Harrison e Paterson (2007). O artigo indefinido é sempre utilizado para se referir a profissões. Já o artigo

definido é utilizado com nomes de instrumentos musicais, rios, mares, cordilheiras de montanhas e nações formadas por estados. O artigo definido não é, geralmente, utilizado com nomes. Existem, contudo, algumas exceções, tais como nomes de jornais e revistas, edifícios e obras de arte emblemáticas, organizações, hotéis e restaurantes, entre outros.

A tradução destas palavras não traz ao tradutor, na generalidade, grandes dificuldades ou problemas de tradução. A dificuldade aparece quando o tradutor está perante uma língua que não possui estes elementos. Contudo, esse não é o caso do inglês. Excetuando casos particulares, o artigo definido e o indefinido são traduzidos em conformidade com os seus equivalentes na língua alvo.

Veremos, nos exemplos abaixo, algumas frases onde podemos ver, maioritariamente, a transferência do artigo definido e indefinido para a tradução. Isto é, quando no original em inglês está presente, por exemplo, um artigo definido este é, geralmente, traduzido para o artigo definido correspondente em português.

O primeiro grupo de exemplos que apresentamos ilustra a situação em que, na tradução do inglês para o português, se torna necessária a adição de um artigo a preceder os nomes.

1. (a) Realtime Raises \$100M, Opens Office In Santa Monica  
(b) A *Realtime* obtém 100 milhões de dólares e abre um escritório em Santa Mónica  
(Texto nº 8)
2. (a) Systems (be it a browser or a client/server/mobile application) can subscribe to channels or publish to them.  
(b) Os sistemas (sejam eles um *browser* ou uma aplicação do cliente, do servidor ou aplicação móvel) podem subscrever os canais ou publicá-los.  
(Texto nº 2)
3. (a) Users need to feel the information they are sending or receiving is secure.  
(b) Os utilizadores precisam de sentir que a informação que enviam ou recebem está segura.  
(Texto nº 2)
4. (a) Fresh new downloads for you, just take a pick and start developing in realtime with xRTML.

(b) *Downloads* novinhos em folha para si. Dê uma olhadela e comece a desenvolver em tempo-real com o xRTML.  
(Texto nº 17)

Estes primeiros quatro exemplos mostram uma diferença relativamente ao uso dos artigos no inglês e no português. Em português, o uso do artigo nem sempre é obrigatório. Por exemplo, antes dos nomes de certas localidades, países ou cidades e antes de nomes de pessoas (conhecidas do público), pode não ocorrer o artigo. Existem, no entanto, vários contextos que obrigam à ocorrência de artigos. Com efeito, em português, a ocorrência de artigos está relacionada com operações de determinação, sendo frequentemente os artigos necessários para a construção de expressões com determinados valores referenciais. Por exemplo, as expressões nominais que correspondem a “descrições definidas” integram necessariamente um determinante, muitas vezes correspondente a um artigo. A presença do artigo é também importante por permitir “operações de individuação”, fazendo corresponder uma determinada expressão a um objeto concreto (Duarte e Oliveira, 2003). Nos exemplos 1 a 4, podemos ver a obrigatoriedade de uso dos artigos em português, que contrasta com o que se verifica em inglês.

Em 1 e 4, “a *Realtime*” e “o xRTML”, temos o artigo em português a preceder nomes próprios, a contrastar com a sua ausência em inglês. Como podemos ver em Cunha e Cintra (1984), “*sendo por definição individualizante, o nome próprio deveria dispensar o artigo. Mas no curso da história da língua, razões diversas ocorreram para que esta norma lógica nem sempre fosse observada e, hoje, há mesmo grande número de nomes próprios que exigem obrigatoriamente o acompanhamento do artigo definido*”. Uma das razões dadas por Cunha e Cintra é a de o nome próprio poder ser originalmente um nome comum. “xRTML” segue esta norma, razão pela qual foi acrescentado um artigo.

Em relação ao artigo indefinido, no exemplo 1 (“um escritório”), a sua utilização antes de um nome comum “*serve principalmente para a apresentação de um ser ou de um objecto ainda não conhecido do ouvinte ou do leitor*” (Cunha e Cintra, 1984). É este o caso que podemos evidenciar neste exemplo. Nos exemplos 2 e 3, “os sistemas” e “os utilizadores”, segue-se a regra geral de utilização de um artigo antes de um nome

comum, com a intenção de determiná-lo, “*para apresentá-lo isolado dos outros indivíduos ou objectos da espécie*” (Cunha e Cintra, 1984).

No caso da língua inglesa, existe uma tendência para a não ocorrência de artigos antes de um nome próprio não qualificado por um adjetivo, caso evidenciado no exemplo 1 e 4, “*Realtimes raises...*” e “*...with xRTML*”. Também é comum, nesta língua, omitir o artigo sempre que este ocorre antes de nomes comuns no plural que são utilizados em sentido geral. Este é o caso de “*systems*” e “*users*”, nos exemplos 2 e 3.

Nos exemplos que apresentamos em seguida, ocorrem, no texto de partida, nomes precedidos de um determinante, que é mantido na língua de chegada, embora com adaptações que resultam de diferenças entre as línguas.

5. (a) Imagine this, you're browsing an online store like you're in an actual physical store. You have a question about an item or a specific purchase you can then get instant customer support, promotions on an article you're browsing, share your purchase with your friends at the same time you're viewing it. It makes shopping online a whole new experience.

(b) Imagine que está a navegar numa loja *online* como se estivesse numa loja verdadeira. Tem uma questão sobre uma peça ou sobre uma compra específica. Com a tecnologia *Realtime*® poderá receber apoio imediato ao cliente, promoções num artigo que esteja a pesquisar, partilhar a sua compra com os seus amigos ao mesmo tempo que a vê. A *Realtime*®*Web* torna as compras online numa experiência completamente nova.

(Texto nº 1)

6. (a) Económico Social was created to be much more than an online platform that aggregates the contents of Diário Económico and Económico TV

(b) O Económico Social foi criado com o intuito de ser muito mais que uma plataforma online que junta os conteúdos do Diário Económico e do Económico TV.

(Texto nº 9)

7. (a) One cannot know what a man really is by the end of a fortnight.

(b) Não se pode conhecer verdadeiramente um homem ao fim de uma quinzena.

(Texto nº 22)

Nos exemplos acima, 5 a 7, podemos ver algumas frases em que é utilizado o artigo indefinido. Este, em inglês “a” e “an”, é traduzido para português como “um”, “uma”, “uns”, “umas”, dependendo do nome que o segue. Como dito anteriormente, a língua inglesa não faz distinção, no artigo, do gênero e do número, contrariamente ao que acontece em português. Assim, o tradutor tem de utilizar os artigos em concordância com o nome que os segue. Podemos, pois, ver nos exemplos acima que essa variação foi levada em conta e passada para a tradução. Por exemplo “a question”, foi traduzido para “uma questão”, utilizando-se a forma feminina do artigo para concordar com o nome feminino “questão”. Também em “a man”, traduzido para “um homem”, o artigo indefinido “um” concorda com o nome masculino “homem”. Outro aspecto que podemos ver nos exemplos acima é a contração da preposição “em” com o artigo indefinido “um”, resultando nas formas “num”, “numa”, “nuns”, “numas”. Em 5, podemos ver alguns exemplos destas formas contraídas. “Navegar numa loja *online*” e “promoções num artigo”, por exemplo, ilustram este caso.

Finalmente, os exemplos 8 a 11 ilustram frases em que é utilizado o artigo definido, tanto no texto de partida como no texto de chegada.

8. (a) You browse the web a lot and you're probably used to the refresh button by now. Well with real-time technology that simple action becomes obsolete, that and so much more.
- (b) Como navega muito na internet, está, provavelmente, habituado ao botão atualizar. Com a tecnologia *real-time* essa simples ação torna-se obsoleta. Essa e muitas mais.  
(Texto nº 1)
9. (a) Wait for the Realtime® icon to turn green, which means there's an active Realtime® connection, and you are ready to test the demo.
- (b) Espere que o ícone Realtime® fique verde, o que significa que existe uma ligação Realtime® ativa, e estará pronto para testar a demo.  
(Texto nº 7)
10. (a) For a better understanding, we recommend that, if available, you watch the videos first and experiment the demos afterwards.
- (b) Para compreender melhor recomendamos que, caso esteja disponível, veja primeiro os vídeos e só depois experimente as demos.  
(Texto nº 7)

11. (a) However little known **the** feelings or views of such **a** man may be on his first entering **a** neighbourhood, this truth is so well fixed in the minds of **the** surrounding families, that he is considered **the** rightful property of some one or other of their daughters.

(b) Contudo, por pouco que se saiba sobre **os** sentimentos e opiniões de tal homem ao entrar pela primeira vez **numa** vizinhança, esta verdade firma-se de tal modo no entendimento **das** famílias circundantes, que ele é considerado propriedade legítima das filhas de este ou daquele.

(Texto nº 22)

Como dito anteriormente, o artigo definido apresenta diversas formas, em português, dependendo do género e do número. Assim, a forma única inglesa do artigo “*the*” pode ser traduzida para “o”, “a”, “os”, “as”, dependendo do género e do número do nome que segue o artigo. Como podemos ver em “*the Realtime® icon*”, traduzido para “o ícone *Realtime®*”, ícone é um nome comum masculino, razão pela qual deve ser precedido pelo artigo “o”, também masculino e singular. A expressão “*the feelings*”, cuja tradução é “os sentimentos”, tem de incluir um artigo no plural, evidenciado em inglês pela presença da marca de plural em “*feelings*”. Uma vez que “sentimentos” é masculino, o artigo terá, igualmente, de ser masculino. No exemplo 8 e 11, ocorrem também dois exemplos de formas resultantes da contração de uma preposição com o artigo definido. Como podemos ver em “habituação ao botão” e “entendimento das famílias”, a preposição “a” e “de” está contraída com o artigo definido, dando origem, respetivamente, às formas “ao” e “das”.

## 1.2 – Orações Relativas

Segundo Brito e Duarte (2003), “*as orações relativas são orações subordinadas iniciadas pelos tradicionalmente designados “pronomes”, “advérbios” ou “adjetivos relativos”*”. As mesmas autoras afirmam que as relativas podem apresentar três funções distintas: como modificação de uma expressão nominal antecedente, como modificação de uma outra oração ou podem ainda ser relativas livres. Brito e Duarte (2003) admitem que as relativas com antecedente nominal, por sua vez, podem ser de dois tipos. São eles as relativas restritivas ou determinativas e as relativas apositivas, explicativas ou

não restritivas. As primeiras, segundo as autoras, “*contribuem para a construção do valor referencial da expressão nominal*”. Já as orações relativas apositivas ou explicativas de sintagma nominal “*exprimem um comentário do locutor acerca duma entidade denotada por um SN, o antecedente da relativa*”. Estas “*não contribuem para a construção do valor referencial da expressão nominal que as antecedem*”. As orações relativas apositivas de frase apresentam um comentário acerca da proposição anterior. Finalmente, as orações relativas livres não apresentam um antecedente realizado lexicalmente.

Na língua inglesa, Huddleston e Pullum (2012) definem as orações relativas como “*subordinate clause of which the most central type functions as modifier to a noun*”. Por sua vez, “*the noun serves as antecedent for an element within the relative clause which may be overt or merely understood*”. Em inglês, as orações relativas podem ser divididas em dois tipos: as “*defining relative clauses*” e as “*non-defining relative clauses*”. As primeiras, segundo o *Oxford Student’s Dictionary of English* (2002) “*define or identify which person or thing we are talking about*”. Já as “*non-defining clauses add extra information about somebody or something. The extra information could be left out and the sentence would still make sense*” (op.cit.).

Cunha e Cintra (1984) apresentam um elenco de pronomes relativos. Estes podem apresentar formas variáveis e invariáveis. As formas variáveis são: “o qual, os quais, a qual, as quais, cujo, cujos, cuja, cujas, quanto, quantos e quantas”. Já as formas invariáveis são: “que, quem e onde”. No que diz respeito à língua inglesa, os pronomes relativos que existem são: “*who, whom, that, which e whose*”.

Seguidamente, veremos alguns exemplos de orações relativas retiradas dos textos trabalhados onde ocorre, em português, o pronome invariável “que”.

12. (a) You have a question about an item or a specific purchase you can then get instant customer support, promotions on an article you're browsing, share your purchase with your friends at the same time you're viewing it.

(b) Tem uma questão sobre uma peça ou sobre uma compra específica. Com a tecnologia *Realtime*® poderá receber apoio imediato ao cliente, promoções num artigo **que** esteja a pesquisar, partilhar a sua compra com os seus amigos ao mesmo tempo que a vê.

(Texto nº 1)

13. (a) Cloud4b is a Brazilian company specialized in consulting, technology and outsourcing services, enables its clients to transform and perform through technologies.

(b) A *Cloud4b* é uma empresa brasileira especializada em consultoria, tecnologias e serviços de *outsourcing*, **que** permite aos seus clientes transformar e atuar utilizando tecnologia.

(Texto nº 4)

14. (a) Realtime® provided the technology **that** made voting for the 10 Great Ideas during the recent – and massively successful - Social TV Summit in NY a truly interactive experience, with panellists, speakers and the audience following to the millisecond the results of the votes on the screen.

(b) A *Realtime*® forneceu a tecnologia **que** fez da votação para as “Dez Grandes Ideias” uma experiência verdadeiramente interativa. Esta votação decorreu recentemente, e com grande sucesso, na Social TV Summit em Nova Iorque, **onde** os membros do painel, os oradores e a audiência puderam seguir ao milissegundo os resultados das votações, mostrados no ecrã.

(Texto nº 9)

Os exemplos acima mostram algumas frases que contêm orações relativas (restritivas e explicativas) em que podemos ver o pronome relativo invariável “que”. Brito e Duarte (2003), afirmam que o constituinte relativo “que” pode ser utilizado como sujeito ou como objeto direto; utiliza-se quer o antecedente seja humano ou não; quando é precedido da preposição “a”, indica o objeto indireto; quando precedido de “em”, marca o locativo; com a preposição “de”, exprime o genitivo; e, em alguns casos, pode ser comutável com “o/a qual”. Se atentarmos nos exemplos 12 e 13, podemos ver que, nas frases originais, o pronome relativo não está presente. Este apenas é visível em 14, onde ocorre o pronome relativo “*that*” traduzido para o pronome relativo correspondente, em português, “que”. Esta é uma das diferenças entre as duas línguas, pois em inglês o pronome relativo “*that*” é, por vezes, facultativo. Assim, tal como afirmado por Coe *et al* (2007), este pronome relativo pode ser omitido quando é complemento ou quando é complemento de um verbo com uma preposição. As orações em que o pronome relativo é omitido são designadas, por Huddleston e Pullum (2012), “*bare relatives*”, enquanto as orações em que o pronome “*that*” está presente designam-se “*that relatives*”. No exemplo 14 podemos ainda ver o pronome relativo “onde”, explicado mais sucintamente no exemplo mais adiante. Em 14, a frase (b) sofreu algumas alterações tendo em conta o original (a). Uma tradução mais próxima do

original seria “Esta votação decorreu recentemente, e com grande sucesso, na Social TV Summit em Nova Iorque, com os membros do painel, os oradores e a audiência a seguirem ao milissegundo os resultados das votações, mostrados no ecrã”. Contudo, a utilização deste pronome relativo invariável mantém a informação contida no original, além de deixar a frase mais inteligível.

O exemplo seguinte mostra o pronome relativo invariável “onde” e o seu correspondente em inglês, “*where*”. Neste exemplo também ocorre o pronome variável “a qual”, que será referido com mais detalhe nos exemplos mais à frente.

15. (a) They returned, therefore, in good spirits to Longbourn, the village **where** they lived, and of **which** they were the principal inhabitants.

(b) Voltaram, pois, de bom ânimo a Longbourn, a aldeia **onde** viviam e **da qual** eram os principais habitantes.

(Texto nº 22)

Cunha e Cintra (1984) afirmam que alguns gramáticos consideram “onde” como sendo um advérbio relativo, uma vez que normalmente desempenha a função de adjunto adverbial. No exemplo 15, a tradução mantém o elemento relativo utilizado na frase original. Em inglês, “*where*”, considerado um advérbio relativo, é traduzido para o equivalente em português “onde”. Brito e Duarte (2003) referem que este elemento relativo é utilizado “*unicamente como obliquo com valor de locativo*”. No exemplo 15, além do relativo “*where*”, podemos ver também o pronome relativo “*which*”, utilizado para referir pessoas, coisas ou animais. Na tradução para português, contudo, optámos por utilizar o elemento relativo “a qual”. Podemos verificar que o seu antecedente é “a aldeia”, razão pela qual o pronome “a qual” está na sua forma feminina e singular, uma vez que tem de estar em concordância com o nome precedente. Na língua inglesa, não se verificam estas variações, já que os pronomes apresentam uma forma neutra.

Brito e Duarte (2003) afirmam que este constituinte pode ter diversas funções, dependente da preposição que precede o relativo. Assim, se precedido da preposição “a”, o constituinte pode ter a função de objeto indireto ou de obliquo e se precedido de outras preposições tem sempre uma função de obliquo.

Os exemplos 16 a 18 ilustram a ocorrência dos pronomes relativos “o qual” e “a qual”, variáveis em género e em número, que, em inglês, este correspondem sempre ao pronome “*which*”.

16. (a) Firstly, business education is often the first stage in **which** students deal critically with these issues.

(b) Primeiro, o ensino empresarial é, geralmente, a primeira etapa **na qual** os estudantes lidam de uma forma crítica com estes assuntos.

(Texto nº 20)

17. (a) ‘**Which** do you mean?’

(b) – **A qual** te referes?

(Texto nº 22)

18. (a) It transforms each employee into a training agent inside the organisation to **which** he belongs.

(b) Transforma cada trabalhador num agente de formação dentro da organização **à qual** pertence.

(Texto nº 19)

Nestes exemplos, podemos observar a ocorrência de duas situações em que o constituinte relativo tem a função de obliquo – nomeadamente, em 16 e 17 – e de uma outra em que o referido constituinte corresponde a um objeto indireto – em 18.

Os exemplos seguintes ilustram a ocorrência do pronome relativo “cujo” e “cuja”, que é um pronome variável em género e em número. Em inglês, o pronome relativo correspondente é “*whose*”, com uma forma invariável.

19. (a) Amongst the most violent against him was Mrs. Bennet, **whose** dislike of his general behaviour was sharpened into particular resentment by his having slighted one of her daughters.

(b) Entre os mais impetuosos que estavam contra ele, contava-se a Sra. Bennet, **cujo** desagrado pelo seu comportamento foi aguçado em particular ressentimento por ele ter desprezado uma das suas filhas.

(Texto nº 22)

20. (a) He had entertained hopes of being admitted to a sight of the young ladies, of **whose** beauty he had heard much; but he saw only the father.

(b) O Sr. Bingley tinha grandes expectativas de ser presenteado pela visão das jovens, de **cuja** beleza ele tanto ouvira falar, mas apenas viu o pai.  
(Texto nº 22)

O pronome “cujo” é, segundo Cunha e Cintra (1984) “*relativo e possessivo, equivalente pelo sentido a do qual, de quem, de que*”. Os autores acrescentam ainda que este pronome “*concorda com a coisa possuída em género e em número*”. Podemos comprovar esta afirmação observando exemplos 19 e 20. Podemos notar, em inglês, a ocorrência do pronome relativo “*whose*”. Este é utilizado para indicar a posse para pessoas, animais ou objetos, pelo que é traduzido para português para “cujo” ou “cuja”. Em inglês, podemos ver que este pronome apresenta uma forma invariável tanto para o género como para o número. Na tradução para o português, contudo, temos de ter em atenção o género e o número do antecedente para identificar a forma adequada deste pronome.

Nos exemplos que se seguem, podemos observar a ocorrência do pronome relativo invariável “quem”. Como veremos, em inglês não se verifica apenas um pronome possível de ser traduzido pelo pronome relativo “quem”.

21. (a) Instead, published messages are published to topic channels, without knowledge of **what**, if any, subscribers there may be.

(b) Em vez disso, as mensagens publicadas são enviadas para canais temáticos, sem conhecimento de **quem** serão os *subscribers*.  
(Texto nº 16)

22. (a) Your sisters are engaged, and there is not another woman in the room **whom** it would not be a punishment to me to stand up with.’

(b) As suas irmãs têm ambas par e não há outra mulher no salão **com quem** dançar não fosse um tormento para mim.  
(Texto nº 22)

23. (a) Only think of THAT, my dear; he actually danced with her twice! and she was the only creature in the room **that** he asked a second time.

(b) Veja só, meu querido, ele dançou com ela duas vezes! E ela foi a única rapariga na sala **a quem** ele pediu uma segunda dança.  
(Texto nº 23)

Nos exemplos 21 a 23, ocorrem diferentes pronomes relativos em inglês, nomeadamente: “*what*”, “*whom*” e “*that*”. Tendo em conta que, em todos os casos, o pronome relativo está associado a um traço [+ humano], optámos pela sua tradução para “quem”, já que, em português, este pronome “*só se emprega com referência a pessoas ou a alguma coisa personificada*” (Cunha e Cintra, 1984). Dado que, nestes casos, o constituinte relativo corresponde a um complemento relacionado por um verbo (“dançar” e “pedir”, respetivamente) que obriga à presença de uma preposição, em ambos os casos o pronome relativo é precedido da preposição correspondente (“com” e “a”, respetivamente).

Finalmente, no exemplo 24, ocorre o pronome relativo inglês “*which*”. Neste caso, não foi utilizado o pronome correspondente na tradução, mas antes uma frase gerundiva.

24. (a) Data goes through our security layer, **which** allows or denies access to information channels.

(b) Os dados passam pela nossa camada de segurança, permitindo ou negando acesso a canais de informação.

(Texto nº 2)

O pronome relativo “*which*”, como já referido anteriormente, é usado, geralmente, para referir entidades não humanas. Este pronome é, normalmente, traduzido para português usando o pronome invariável “que”. Neste exemplo, contudo, podemos ver que o pronome não foi transferido para a tradução. Com efeito, a língua portuguesa permite a construção de diferentes frases que transportam o mesmo significado. Neste caso, o gerúndio do verbo “permitir”, no exemplo 24 (b), torna a frase equivalente em significado a outra que possua o pronome relativo “que” – “Os dados passam pela nossa camada de segurança, **que** permite ou nega acesso a canais de informação”. Optámos, neste caso, pela construção com o gerúndio apenas por motivos de natureza estilística.

### 1.3 – Ordem de palavras

Existem, em todas as línguas, padrões específicos respeitantes à ordem de palavras dentro de uma frase (Yebra, 1989). Como afirma Robins (1976) – *apud* Yebra (1989) – “*si una lengua [...] no tuviera una ordenada sistematización de sus palabras en frases, nunca podría ser aprendida por un hablante ni nativo ni extranjero, ni dos personas pondrían entenderse utilizando esta lengua*”. No entanto, por maior que seja a liberdade de posicionar os elementos, essa liberdade não é total, uma vez que existem determinadas restrições relativas à ordem das palavras, quer ao nível da frase quer ao nível dos seus constituintes. Por exemplo, o português é uma língua SVO, isto é, como ordem básica de palavras, temos o sujeito seguido do verbo que, por sua vez, aparece antes do complemento, mas esta ordem nem sempre se verifica. Por exemplo, existem mesmo certas construções (relativas, interrogativas, etc.) em que a ordem SVO não é possível!

Assim, o tradutor tem de ter em conta que a ordem dos elementos de uma frase numa dada língua poderá não corresponder com exatidão à ordem dos elementos na língua para o qual traduz e que, por outro lado, a ordem de palavras pode ser diferente em diferentes construções sintáticas.

Veremos, seguidamente, alguns exemplos retirados das traduções efetuadas no âmbito do estágio. Nestes exemplos, podemos constatar que a ordem dos elementos na frase original não é coincidente com a ordem que se verifica no texto traduzido.

No primeiro grupo de exemplos que apresentamos, a alteração à ordem de palavras resultou da presença, no texto inglês, de uma construção em que ocorre uma expressão com a partícula possessiva “’s”. Nestes casos, para além da alteração da ordem de palavras, tornou-se necessária uma alteração da construção, uma vez que, em português, o constituinte com valor possessivo corresponde a uma expressão iniciada pela preposição “de”, que ocorre à direita do nome com o qual está relacionada. A marca de posse, na língua inglesa, pode ser representada de duas formas, através da partícula “’s” ou, como referem Huddleston e Pullum (2012), através de um “*post-head of phrase complement*”. De acordo com os autores, na sua forma mais curta, “*the ‘s occurs at the end of the genitive noun phrase*” enquanto na forma mais longa “*the genitive is comparable to the subject of a clause. It occurs before the head nominal as a*

*clause subject occurs before the head verb phrase*". Por exemplo, "*the patient's condition*" e "*the condition of the patient*". No primeiro caso, o "'s" ocorre após o nome, já no segundo exemplo a preposição "*of*" que designa posse ocorre antes do nome.

25. (a) If your website or mobile app has data that needs to be updated in the **user's interface** as it changes (e.g. real-time stock quotes or ever changing social news feed) ORTC is the reliable, easy, unbelievably fast, "works everywhere" solution.

(b) Se o seu *site* ou aplicação móvel possui informação que precisa de ser atualizada no **interface do utilizador** à medida que se vai alterando (ex.: cotações de ações em tempo real ou feed social de notícias em constante alteração), o ORTC® é a solução fiável, simples e incrivelmente rápida que "funciona em qualquer lugar".

(Texto nº 2)

26. (a) Realtime launches with \$100M to create "**Live Web**" The **company's technology** allows any Web page to go live in real-time.

(b) A *Realtime* lança 100 milhões de dólares para criar a "**Web Viva**". A **tecnologia da empresa** permite que qualquer página *web* seja vista "em direto" em tempo real.

(Texto nº 8)

Como pudemos ver, nos exemplos acima foi necessário proceder a uma alteração da ordem de palavras de modo a construir uma frase correta. Assim, os exemplos 25 e 26, "*user's interface*" e "*company's technology*", apresentam uma construção do possessivo que não existe na língua portuguesa. Para ultrapassarmos este problema, temos de alterar a ordem destes elementos e de acrescentar a preposição "de", como podemos ver pela tradução destas expressões, "*interface do utilizador*" e "tecnologia da empresa". Neste último exemplo, a manutenção da ordem do original para a tradução iria alterar por completo o sentido da frase, uma vez que teríamos "empresa de tecnologia" e não "tecnologia da empresa".

Nos exemplos que se seguem, destacamos a alteração à ordem que resultou da ocorrência de expressões nominais contendo adjetivos atributivos. Este é um aspeto relativamente ao qual a gramática do inglês e do português diferem. Os adjetivos podem ter uma função atributiva ou uma função predicativa, tal como apontado por Brito

(2003). Também em inglês, “*most adjectives can occur in either of two major functions, attributive and predicative*” (Huddleston e Pullum, 2012). Nos casos que apresentamos, ocorrem adjetivos com função atributiva:

27. (a) This is the **default and most cost-effective hosting solution**.

(b) Esta é a **solução de armazenagem em servidor por defeito e a mais eficaz em termos de custo**.

(Texto nº 2)

28. (a) **The most respected finance online publication** in Portugal is now also the most read one, thanks largely to the introduction of Realtime® xRTML technology.

(b) **A publicação online de finanças mais respeitada** em Portugal é agora também a mais lida, graças à introdução da tecnologia xRTML da Realtime®.

(Texto nº 9)

Os exemplos anteriores mostram a colocação pré-nominal típica dos adjetivos em inglês. Nesta língua, é comum existirem vários adjetivos a caracterizar um mesmo nome. Tal como afirmado por Coe *et al* (2007), quando existe mais de um adjetivo, há uma ordem que deve ser estabelecida, esta é: opinião geral, opinião específica, tamanho, idade, forma, cor, nacionalidade e material. Já na tradução para a língua portuguesa, os tradutores têm de ter em atenção o facto de a ordem relativa dos adjetivos não ser forçosamente a mesma.

Em inglês, os adjetivos não possuem marcas de género nem de número, mas tal não acontece no português. Aquando da tradução, o tradutor tem de saber qual o nome que o adjetivo modifica, de modo a poder colocar as marcas de género e número correspondentes ao nome em português. Por exemplo, na sequência 28 “*the most respected finance online publication*”, “*respected*” não apresenta marcas de concordância com o nome. Já em português, o adjetivo “respeitada” apresenta as marcas de feminino e singular. Se ao invés de “publicação” estivéssemos perante o nome “jornal” ou “site”, ambos masculinos, o adjetivo teria de concordar, sendo traduzido para “respeitado”.

Os exemplos 29 e 30 não se inserem em nenhum dos grupos anteriores. Nestes casos, a ordem dos elementos foi alterada por questões de clareza. Podemos, pois, considerá-las alterações estilísticas, já que não resultam propriamente de uma obrigatoriedade devida a diferenças gramaticais entre as línguas.

29. (a) Computers may distract participants, if other **applications are available**.

(b) Os computadores podem distrair os participantes, caso **estejam disponíveis outras aplicações**.

(Texto nº 19)

30. (a) You'll be able to experiment a few xRTML demos in action **below**.

(b) Poderá experimentar, **em baixo**, algumas demos xRTML.

(Texto nº 7)

No excerto 29, a expressão em causa poderia ser reescrita como “*caso outras aplicações estejam disponíveis*”, seguindo a ordem do texto original. Contudo, a ocorrência do sujeito no final pareceu-nos tornar a interpretação mais clara.

Em 30, a expressão “em baixo” foi inserida no interior da frase, entre vírgulas. Ao seguirmos a ordem do original, “*Poderá experimentar algumas demos xRTML em baixo*”, poderia haver alguma ambiguidade que, desta forma, se evitou.

## 1.4 – A construção ativa e a construção passiva

Na construção ativa, o verbo principal determina o papel do sujeito e do complemento. A diferença entre as construções passivas e as construções ativas “*reside na diátese, ou seja, no modo como é perspectivada a situação descrita pela frase*”, tal como referido por Duarte (2003). Assim, de acordo com a obra referida, na ativa a situação descrita pela frase “*é perspectivada a partir da entidade com o papel temático externo*”. Por outro lado, na passiva a frase é perspectivada a partir da entidade com o papel temático interno (directo)”.

Segundo Duarte (2003), existem, em português, três tipos de construções passivas: a passiva sintática ou analítica, a passiva pronominal ou passiva de “-se”, e a passiva adjetival.

Na primeira construção, a passiva é formada com o verbo auxiliar “ser” ou “estar” e o verbo principal no particípio. Apresenta ainda a preposição “por”, que introduz o agente da passiva. Podemos ver um exemplo desta passiva na seguinte frase: “O livro foi oferecido à Maria pelo Luís”. Como afirma Duarte (2003):

*[As frases ativas e as passivas sintáticas] relacionam-se de uma forma sistemática, que se pode descrever do seguinte modo: (i) o constituinte com a relação gramatical de sujeito da passiva, tem, na activa correspondente, a relação gramatical de objecto directo; (ii) o constituinte introduzido pela preposição por na passiva, a que chamaremos sintagma por, tem, na activa correspondente, a relação gramatical de sujeito; (iii) existe na constância de papel temático entre sujeito da passiva e objecto directo da activa correspondente e entre sintagma por e sujeito da activa correspondente; (iv) ocorre na passiva uma forma do auxiliar ser, ausente da activa correspondente, seguida de uma forma participial; (v) a forma participial presente na passiva concorda em género e número com o sujeito.*

A segunda construção, a passiva pronominal, é formada por um verbo transitivo e o pronome clítico “se”. Como exemplo da passiva pronominal, ou de “-se”, temos frases como: “Os artigos publicaram-se no último número da revista”. Neste tipo de passiva, o argumento interno direto apresenta traços da terceira pessoa. Segundo Duarte (2003), a passiva de “-se” apresenta as seguintes propriedades:

*A possibilidade de ocorrência de um advérbio orientado para o Agente e de um adjunto final cujo sujeito é controlado pelo argumento implícito da passiva indicam que nas passivas de -se o papel temático externo está presente. Por outro lado [...] o argumento Agente/Causador recebe interpretação arbitrária. Finalmente, [...] tal argumento não pode ser expresso através do sintagma por.*

Por último, a passiva adjetival, é formada com o verbo “estar” e outros verbos copulativos e pela forma participial de um adjetivo. A frase seguinte mostra um exemplo deste tipo de passiva: “Os artigos estão publicados no último número da revista”. De acordo com Duarte (2003), nas passivas adjetivais, “*o constituinte com a relação gramatical de sujeito corresponde ao argumento interno directo do verbo a partir do qual a forma participial é formada*”. A autora afirma ainda que neste tipo de passiva não podem ocorrer “*adjetivos derivados a partir de verbos atélicos psicológicos, que denotam geralmente estados permanentes*”. Contudo podem ser utilizados adjetivos a partir de verbos atélicos locativos.

Na língua inglesa, por outro lado, a construção passiva, é, normalmente, formada com o verbo “*to be*” e com o “*past participle*” do verbo principal. Huddleston e Pullum (2012) referem as diferenças entre as frases ativas e passivas nesta língua:

(i) *The subject of the active appears in the passive as complement of the preposition by in a PP functioning as complement.*

(ii) *The direct object of the active appears as subject of the passive.*

(iii) *The passive has auxiliary be carrying the tense inflection and taking as complement a subjectless non-finite clause with a head in past participle form*

Os mesmos autores fazem, no entanto, referência à existência de vários tipos de passivas em inglês: as “*long passives*”, as “*short passives*”, as “*prepositional passives*”, as “*get-passives*”, as “*bare passives*” e as “*adjectival passives*”. As “*long passives*” fazem uso da preposição “*by*” para indicar o agente da passiva (“*I was attacked by a dog in the park*”). Por seu lado, as “*short passives*” não apresentam este elemento. Como afirmam Huddleston e Pullum (2012), “[*short passives*] have an important function: they enable us to leave out something that would be obligatory in the active, namely a main clause subject”. Eis um exemplo deste tipo de passivas: “*the house was built in 1960*”. No que diz respeito às “*prepositional passives*”, apresentam o objeto da preposição como sujeito da passiva, ao invés do verbo, como podemos ver em “*the matter is being looked into*”. As “*get-passives*” fazem uso deste verbo para formar a passiva. Como referem os autores, “*get-passives are a mark of informal style*”. Podemos observar um exemplo da “*get-passive*” na seguinte frase: “*she got elected mayor in 1990*”. Por outro lado, Huddleston e Pullum (2012) afirmam que “*past-participle*

*clauses also occur elsewhere with passive interpretation, and we call these bare passives because they lack the be and get markers*”, tal como podemos ver em frases como *“she ordered the records destroyed”*. Finalmente, as *“adjectival passives”* são frases em que o verbo *“be”* é seguido de um adjetivo (*“her leg was broken”*).

Por outro lado, Baker (1992) apresenta-nos uma breve descrição das diferenças entre a construção passiva e a construção ativa em inglês, referindo que *“in active clauses, the subject is the agent responsible for performing the action. In passive clauses, the subject is the affected entity, and the agent may or may not be specified”*.

Seguidamente, iremos observar alguns exemplos de frases em que ocorrem construções ativas e passivas e que nos levantaram alguns problemas de tradução.

Nos exemplos que começamos por apresentar, ocorre uma construção passiva, no texto em inglês, que foi traduzida para português utilizando uma construção ativa. Neste caso, o fundamento para proceder a esta mudança foi a obtenção de uma maior clareza, mas também a produção de um texto que parecesse mais natural, isto é, com menos interferência da língua inglesa. Para além disso, a utilização de uma construção ativa permitiu manter um paralelismo com os restantes elementos da enumeração (em que se usam igualmente construções ativas), o que nos pareceu uma vantagem para a sua compreensão.

31. (a) This means that a user may have read-only access to a channel (will only receive data), may read and write to a channel (both send and receive data) or no access at all (**no data from this channel will be received by the user and he/she won't be able to use the channel to broadcast data**).

(b) Isto significa que um utilizador pode apenas ter acesso de leitura a um canal (irá apenas receber dados), pode ler e escrever num canal (tanto enviar como receber dados) ou não ter nenhum acesso (**o utilizador não irá receber dados desse canal e não conseguirá usá-lo para transmitir dados**).

(Texto nº 3)

Como podemos observar, no exemplo de cima, a alteração efetuada afeta o excerto *“no data from this channel will be received by the user”*. Aqui, a manutenção da construção passiva iria criar, na nossa opinião, alguma estranheza ao leitor. Uma

tradução mais literal levar-nos-ia a construir uma frase como “não serão recebidos dados deste canal [pelo utilizador]”. Mas esta frase pareceu-nos transmitir a informação de uma forma pouco clara, pelo que optámos por utilizar uma frase ativa, com o sujeito numa posição inicial, de modo a que não haja segundas interpretações por parte do leitor.

O exemplo que apresentamos em seguida ilustra uma situação em que a construção passiva do texto em inglês poderia ter sido mantida sem causar problemas ao nível da interpretação.

32. (a) The management and software maintenance is provided by us.  
(b) Nós providenciamos a gestão e a manutenção do *software*.  
(Texto nº 2)

Em 32, a sequência “*the management and software maintenance is provided by us*” poderia ter sido traduzida para “a gestão e manutenção do *software* é garantida pela nossa empresa”, substituindo apenas o pronome pessoal “nós” pelo referente em questão. De qualquer modo, esta opção não nos pareceu a mais adequada, dado que, mais uma vez, a frase ativa apresenta a informação de uma forma mais clara, permitindo enfatizar o papel da empresa na situação descrita, dado que a situação é perspectivada a partir do sujeito.

A construção passiva, como diz Baker (1992: 102), “*is extremely common in many varieties of written English*”. A autora acrescenta ainda que “*scientific and technical writing in English, for instance, relies heavily on passive structures. This is done to give the impression of objectivity and to distance the writer from the statements made in the text*”.

## 1.5 – Clíticos

Nesta secção, iremos analisar as diferenças entre o português e o inglês ao nível da posição dos elementos clíticos. Estas diferenças poderão apresentar problemas de tradução, caso o tradutor não esteja atento.

Em português, os pronomes clíticos, também denominados pronomes átonos, como referem Brito, Duarte e Matos (2003a), “*correspondem prototipicamente às formas átonas do pronome pessoal que ocorrem associadas à posição dos complementos dos verbos*”. As mesmas autoras acrescentam ainda que os clíticos “*não se limitam a denotar a pessoa gramatical, podendo exibir uma função predicativa, ou revestir-se de propriedades morfo-sintáticas características de alguns sufixos derivacionais*”. Em qualquer caso, nesta língua, os clíticos têm sempre um hospedeiro verbal. Eis dois exemplos das situações referidas, apresentados na obra mencionada:

33. Ele viu-**me** ontem na praia.

34. Os cafés entornaram-**se** devido ao desequilíbrio do empregado.

No exemplo 33, vemos um caso dos pronomes clíticos na forma de pronome pessoal, enquanto em 34, podemos observar um caso de clítico com função predicativa, já que tem como função “*destransitivisar o verbo*” (op. cit.).

Podemos ainda observar que os pronomes clíticos apresentam diferentes padrões de colocação. Em português, os clíticos podem ocorrer em três posições distintas, são elas a próclise, a ênclise e a mesóclise. A próclise ocorre quando os pronomes clíticos estão colocados numa posição imediatamente antes do seu hospedeiro, isto é, à esquerda da forma verbal (“A Maria só **lhe** disse a verdade”). A ênclise dá-se quando os clíticos se encontram numa posição ulterior ao hospedeiro, portanto à direita da forma verbal (“A Maria disse-**lhe** a verdade”). Finalmente, a mesóclise ocorre quando os clíticos estão no interior do seu hospedeiro. Esta posição constitui uma marca do português antigo, “*em que as formas de futuro e de condicional eram ainda analisadas como formas analíticas, constituídas pela forma infinitiva do verbo principal e pelo auxiliar haver no presente e no imperfeito do indicativo*” (“Se me fizesse essa pergunta, recusar-**me**-ia a responder”) (Brito, Duarte e Matos, 2003a).

De notar, como afirmam as autoras referidas, que a ênclise constitui a posição padrão de colocação dos clíticos em português europeu, ocorrendo a próclise apenas quando ocorrem fatores que o obriguem, caso que será referido mais adiante nesta secção.

Para o inglês, Marantz (1988) – *apud* Hudson (s/d) – define clíticos como “*an independent syntactic constituent which shows up phonologically as part of a derived word*”. Nevis (1994) acrescenta “*in English, various forms of auxiliary verbs have “reduced” variants that are phonologically dependent on the word immediately preceding them*”. O autor apresenta o seguinte exemplo, onde se pode observar o verbo “*to be*”, na 3ª pessoa do singular, adjacente à palavra “*Chicago*”:

35. Your friend from Chicago’s going to arrive soon.

Mas os clíticos em inglês não são apenas visíveis na forma contraída de alguns verbos. Com efeito, nesta língua, também a marca do possessivo “ ‘s ” é um elemento clítico. Eis o exemplo apresentado por Hudson (s/d):

36. The man’s name is John.

Como podemos ver pelos exemplos 35 e 36, o clítico apresenta-se anexado a outro elemento, isto é, ao seu hospedeiro, que, nestes casos, é um elemento nominal.

Seguidamente, iremos apresentar alguns exemplos retirados das traduções efetuadas no estágio. Os grupos de exemplos serão divididos consoante o padrão de colocação em que ocorrem os clíticos. Assim, iremos apresentar alguns exemplos de ênclise, tanto no inglês como no português, de próclise e de mesóclise. Para estes dois últimos casos, partiremos de exemplos na língua portuguesa e analisaremos as diferenças que ocorrem ao nível dos clíticos entre as duas línguas.

**a) Ênclise** – A ênclise, tal como referido anteriormente, consiste na colocação do clítico depois do seu hospedeiro, sendo esta a posição padrão para os pronomes átonos em português europeu. Em inglês, como refere Nevis (1994), várias formas de verbos auxiliares apresentam variantes reduzidas que são fonologicamente dependentes da palavra que vem imediatamente antes. Vejamos, de seguida, alguns exemplos em inglês e em português.

Como podemos ver nos exemplos seguintes, no texto em inglês, ocorre a partícula “ ‘s”, que corresponde a uma forma clítica do possessivo. Em português, não existe um clítico correspondente. A expressão “*developer’s license*”, por exemplo, significa o mesmo que “*license of developer*”, mas a primeira é mais natural e usual do

que a segunda. Uma vez que, em português, não temos uma construção semelhante, temos de traduzir para “licença de *developer*”, onde, como se pode observar, não existe o clítico, dado que, em português, o possessivo se realiza ou usando um pronome possessivo ou através da utilização de uma expressão preposicionada.

37. (a) Realtime launches with \$100M to create “Live Web”. The company’s technology allows any Web page to go live in real-time

(b) A *Realtime* lança 100 milhões de dólares para criar a “*Web Viva*”. A tecnologia da empresa permite que qualquer página web seja vista “em direto” em tempo real

(Texto nº 8)

38. (a) Apply for a developer’s license here and get coding!

(b) Peça aqui a sua licença de *developer* e comece a codificação.

(Texto nº 7)

Trata-se, pois, de casos em que a diferença entre as línguas obrigou a uma reestruturação das frases.

O grupo seguinte apresenta dois exemplos de clíticos em inglês, com a contração de certos verbos com os pronomes pessoais “*you*” e “*we*”. Assim, no exemplo 39, vemos a forma contraída de “*you will*”, que corresponde a “*you’ll*”, e no exemplo 40, a contração de “*we are*”, originando a forma “*we’re*”. Devemos, mais uma vez, ter em atenção que os clíticos em inglês não correspondem necessariamente a clíticos em português, como podemos ver pelas respetivas traduções, onde estes elementos não estão presentes.

39. (a) Here you'll be able to experiment with xRTML demos in action, test their actions and realize their potential.

(b) Aqui poderá experimentar as demos xRTML e vê-las em ação, testar as suas ações e verificar todo o seu potencial.

(Texto nº 7)

40. (a) We're looking forward to hear from you and what do you think about xRTML.

(b) Aguardamos com expectativa o seu contato<sup>3</sup> e queremos muito saber qual é a sua opinião sobre o xRTML.  
(Texto nº 5)

Veremos agora alguns exemplos partindo de dados em português. Estes também são importantes para percebermos os mecanismos deste fenómeno que são os pronomes clíticos.

Nos exemplos abaixo, observamos a ocorrência de pronomes clíticos, em português, que correspondem, na língua inglesa, a pronomes não clíticos ou tónicos. No exemplo 41, ocorre o clítico “-lhes”, enquanto, em inglês, se observa a ocorrência não de um pronome clítico, mas do pronome pessoal tónico “*them*”. No exemplo 42, vemos o clítico “-nos”. Em inglês, contudo, este clítico não existe, pelo que é necessário utilizar o pronome pessoal tónico “*us*”. Finalmente, no exemplo 43, ocorre o clítico “-os”, que, em inglês, equivale ao pronome tónico “*them*”.

41. (a) Esta tecnologia permite à TMN seguir os seus clientes, dando-**lhes** apoio quando mais precisam: agora.

(b) TMN, the leading telecommunications company in Portugal, has decided to turn the tables by the adoption of Realtime® PowerMarketing, that will allow **them** to track their customers and provide custom support when it most counts: now.  
(Texto nº 9)

42. (a) Envie-**nos** as suas dicas.

(b) (...) send **us** a line!  
(Texto nº 5)

43. (a) A empresa projeta, analisa e controla redes sociais, constrói portais, desenvolve cursos de formação à distância e projeta aplicações para clientes, deixando-**os** numa posição vantajosa em relação aos seus concorrentes.

(b) The company plans, analyses and monitors social networks, builds portals, develops distance education courses and designs apps for clients, leaving **them** in advantageous positions against competitors.  
(Texto nº 4)

---

<sup>3</sup> Palavra grafada em português do Brasil a pedido da empresa de acolhimento onde realizámos o estágio.

**b) Próclise** – Como já foi referido atrás, em português europeu, a próclise, ao contrário da ênclise, decorre da presença de certos elementos na frase. Estes, denominados desencadeadores de próclise, forçam a colocação do clítico à esquerda da forma verbal, isto é, antes do verbo. Os fatores que impõem o uso desta colocação dos clíticos são os seguintes: operadores de negação frásica e sujeitos negativos (“A Maria não te cumprimentou” / “Ninguém te cumprimentou”); pronomes ou advérbios interrogativos (“Quem é que te cumprimentou?”), relativos (“Conheço o rapaz que te cumprimentou.”) ou exclamativos (“Que quantidade de gente me cumprimentou!”); conjunções subordinativas integrantes ou completivas (“O Pedro disse que a Maria o cumprimentou.”); conjunções ou locuções subordinativas que introduzem as orações subordinativas adverbiais (“O Pedro saiu quando a Maria o cumprimentou.”); conjunções coordenativas correlativas (“Ou me cumprimentas ou te vais embora.”); certos advérbios (“Já o cumprimentei.”); certos quantificadores ou expressões indefinidas na posição de sujeito (“Alguém me cumprimentou.”); algumas preposições (“A Maria gosta de o cumprimentar.”); e o gerúndio quando precedido da preposição “em” (“Em te cumprimentando, vou-me embora.”). Esta é uma das diferenças que se verificam entre as línguas que trabalhamos, uma vez que o inglês praticamente não dispõe de próclise. Alguns autores consideram, no entanto, que, na forma coloquial “’twas”, resultante da contração de “it” com “was”, o primeiro elemento tem uma natureza clítica, sendo este, pois, um caso de próclise.

Seguidamente, apresentaremos alguns exemplos em que ocorrem desencadeadores de próclise como os referidos atrás, obrigando, por isso, a que, no texto em português, o clítico ocorra antes do verbo.

Como já vimos, um dos fatores que obrigam à próclise é a ocorrência de um elemento negativo. No exemplo que se segue, podemos notar a presença da negação através do advérbio “não”. Outras palavras ou expressões negativas, como “nunca”, “jamais”, “nenhum”, “nada”, “ninguém”, “nem”, entre outras, obrigariam, igualmente, ao uso da próclise. Em inglês, podemos constatar que não existe nenhum clítico na frase selecionada.

44. (a) Este é um ambiente com um servidor compartilhado embora as suas próprias aplicações estejam sempre protegidas dos outros e você não possa aceder a dados que não **lhe** pertençam (e vice versa).

(b) This is a shared server environment, although your own applications are always shielded from others and you cannot access data that doesn't belong to **you** (and vice-versa).

(Texto nº 2)

A ocorrência da próclise também é obrigatória quando a frase contém pronomes ou advérbios relativos e interrogativos. No exemplo 45, ocorre a palavra “como”, um advérbio interrogativo. O tradutor tem de ter em mente que este elemento obriga a uma construção específica, no que diz respeito à colocação do clítico. Já no exemplo 46, ocorre “que” como conjunção subordinativa, que implica, da mesma forma, a realização do clítico numa posição pré-verbal.

45. (a) – Como se chama ele?

(b) ‘What is his name?’

(Texto nº 22)

46. (a) No entanto, alguns alunos afirmaram que se sentiram muito felizes por saberem que estavam a fazer algo para ajudar outras pessoas, apesar de os resultados não terem sido aqueles que esperavam.

(b) However, several students state how happy they felt to know that they were doing something to help other people despite the results not having been the ones they wanted.

(Texto nº 20)

Outro dos elementos desencadeadores de próclise são os advérbios. No exemplo 47, ocorre o advérbio “também”, no exemplo 48 ocorre o advérbio “pouco” e no exemplo 49 o advérbio “cedo”. Estes três casos obrigam-nos à utilização da próclise, pois a ênclise não seria possível nestes contextos.

47. (a) O mesmo também se aplica para o Desktop Application (em cima) e para o servidor WebSocket (canto inferior esquerdo).

(b) The same is true for the Desktop Application (top) and the WebSocket Server (lower left).

(Texto nº 2)

48. (a) Atualmente existem estudos sobre o modo como a RSE e a ética são ensinadas nas universidades, mas pouco se sabe acerca de como os estudantes entendem estes assuntos.

(b) Currently, research exists on how CSR and ethics are being taught at universities, but little is known about how students perceive these issues.  
(Texto nº 20)

49. (a) O Sr. Bingley cedo se tornou conhecido de todas as principais pessoas da sala.

(b) Mr. Bingley had soon made himself acquainted with all the principal people in the room;  
(Texto nº 22)

No seguinte exemplo, podemos ver a locução “para que” a obrigar a utilização do clítico numa posição pré-verbal. Neste caso, o pronome clítico “lhe” corresponde ao pronome tónico “*him*”, no exemplo em inglês.

50. (a) – Gostava que estivesse estado lá, meu querido, para que **lhe** desse uma das suas reprimendas.

(b) I wish you had been there, my dear, to have given him one of your set-downs.  
(Texto nº 22)

c) **Mesóclise** – Por fim, a mesóclise constitui, como mencionámos atrás, uma marca do português antigo que se manifesta através da colocação de um pronome pessoal átono no meio de uma forma verbal. Este fenómeno, como anteriormente foi também referido, só é possível no Condicional e no Futuro do Indicativo. Este tipo de colocação de clíticos é mais usual nos textos literários, dado que os referidos tempos verbais, por estarem associados a um registo formal, ocorrem sobretudo em textos deste género. Como tal, durante a tradução de *Orgulho e Preconceito*, deparámo-nos com uma situação em que seria necessário o uso da mesóclise, exemplo que passaremos a apresentar.

No exemplo 51, podemos ver o uso da mesóclise em “ser-lhe-á”. Esta construção é mais apropriada do que “será impossível que ela nos apresente...”, ou “será impossível para ela apresentá-lo”, exemplos de alternativas para evitar a utilização da mesóclise. Estes, contudo, não nos parecem tão adequados, pelo que preferimos

utilizar a mesóclise. O clítico “-lhe”, no interior da forma verbal do verbo “ser” no Futuro do Indicativo, refere-se à 3ª pessoa do singular, neste caso “ela”. Este pronome pode ser visto no exemplo em inglês, onde a não ocorrência de clítico obriga à realização do pronome tónico “her”.

51. (a) – Sim, é verdade – disse a sua mãe – e a Sra. Long não volta senão na véspera, portanto **ser-lhe-á** impossível apresentar-no-lo, pois ela ainda não o terá conhecido.

(b) Aye, so it is,’ cried her mother, ‘and Mrs. Long does not come back till the day before; so it will be impossible for **her** to introduce him, for she will not know him herself.’

(Texto nº 22)

Os dados apresentados nesta secção ilustraram, então, as diferenças entre o português e o inglês relativamente aos elementos clíticos, que se estabelecem quer no que diz respeito ao tipo de unidades que lhes correspondem, quer no que se relaciona com o seu comportamento, nomeadamente no que concerne à ordem de palavras. Dadas as diferenças registadas, este é um aspeto ao qual o tradutor terá de estar atento, de forma a respeitar, nas suas traduções, a sintaxe de cada língua.

## 1.6 – Sujeito Nulo e o Sujeito Realizado

Como sabemos, o português é uma língua de sujeito nulo, o que significa que, nas frases finitas, nem sempre existe obrigatoriedade de o realizar. Contrariamente, a língua inglesa não é uma língua de sujeito nulo, pelo que exige a sua realização lexical.

Nos casos em que o sujeito não está explicitamente presente na frase, Cunha e Cintra (1984) apresentam uma distinção entre três tipos de sujeito, que vale a pena citar aqui. Um deles é o sujeito oculto ou determinado. Segundo os autores, este sujeito “*é aquele que não está materialmente expresso na oração, mas pode ser identificado*”.

O outro tipo de sujeito é o indeterminado. Este, segundo os mesmos autores, “*não se refere a uma pessoa determinada, ou por se desconhecer quem executa a acção ou por não haver interesse no seu conhecimento*”. Brito, Duarte e Matos (2003b) denominam este tipo de sujeito “*sujeito nulo “indeterminado” ou de referência arbitrária*”. Aqui, o sujeito está realizado lexicalmente, mas é “*identificado pela concordância verbal como uma terceira pessoa do plural*”. As autoras afirmam ainda que o sujeito nulo de 3ª pessoa do plural tem duas interpretações distintas: pode designar “*um conjunto contextualmente definido*” ou pode “*expressar o chamado sujeito indeterminado ou de referencia arbitrária (“alguém”)*”. Também o pronome clítico “se” é uma forma de expressar o sujeito indeterminado, tal como afirmado no texto referido.

Por fim, Cunha e Cintra (1984) fazem referência à “oração sem sujeito”. Neste caso, contrariamente ao caso do sujeito indeterminado, o sujeito não pode estar presente na oração. Este tipo de sujeito ocorre em frases com verbos impessoais, tais como “haver”, “chover” e “parecer”, por exemplo. Em relação a este último, Brito, Duarte e Matos (2003b) denominam-no “sujeito nulo expletivo”. Segundo estas autoras, “*espera-se que em frases com verbos que não seleccionam um argumento externo não seja necessário ocupar a posição de sujeito com um pronome “suporte”, um “sujeito expletivo” lexicalmente realizado*”.

Em contraste, o inglês é uma língua em que o sujeito é obrigatoriamente realizado. Segundo Huddleston e Pullum (2012), “*it is typical for the subject of a clause to be an noun phrase. The only other form of subject common enough to merit mention here is a subordinate clause*”. Como podemos observar, os autores não descartam a existência de outras formas de sujeito, mas a sua ocorrência na língua inglesa não é suficientemente significativa para justificar a análise de outros sujeitos.

De seguida, veremos alguns exemplos, bem como o tipo de sujeito que está presente. Podemos ver que nos exemplos originais o sujeito está sempre realizado. Em português, como já vimos, tal não é obrigatório. Nos exemplos que se seguem, veremos como o sujeito realizado em inglês pode ser traduzido, para português, de diversas formas.

52. (a) **We're** looking forward to hear from you and what do **you** think about xRTML.

(b) Aguardamos com expectativa o seu contato<sup>4</sup> e queremos muito saber qual é a sua opinião sobre o xRTML.

(Texto nº 5)

53. (a) This means that a user may have read-only access to a channel (will only receive data), may read and write to a channel (both send and receive data) or no access at all (no data from this channel will be received by the user and **he/she** won't be able to use the channel to broadcast data).

(b) Isto significa que um utilizador pode apenas ter acesso de leitura a um canal (irá apenas receber dados), pode ler e escrever num canal (tanto enviar como receber dados) ou não ter nenhum acesso (o utilizador não irá receber dados desse canal e não conseguirá usá-lo para transmitir dados).

(Texto nº 2)

54. (a) **We** take security very seriously and it was one of the main concerns of ORTC since day one. A good communication system is only as good as its security and content injection is a real issue with internet-based systems. Users need to feel the information **they** are sending or receiving is secure.

(b) Levamos a segurança muito a sério, sendo esta, desde o início, uma das principais preocupações do ORTC®. Um bom sistema de comunicação só é benéfico se a segurança e injeção de conteúdo for um problema real nos Internet-based Systems. Os utilizadores precisam de sentir que a informação que enviam ou recebem está segura.

(Texto nº 2)

Os exemplos acima contêm frases finitas em que o sujeito, em inglês, está realizado lexicalmente. Na tradução para o português, contudo, nem sempre se torna necessário realizar o sujeito.

A diferença entre línguas de sujeito nulo e línguas que não o permitem tem sido relacionada com questões de riqueza morfológica: a interpretação de um sujeito sem realização lexical pode ser, em certas línguas, viabilizada pelas marcas flexionais associadas às formas verbais.

Yebra (1989), a este respeito, refere que *“la frecuencia del uso de los pronombres personales es inversamente proporcional a la diferenciación de las formas*

---

<sup>4</sup> Palavra grafada em português do Brasil a pedido da empresa de acolhimento onde realizámos o estágio.

*verbales.*” Yebra continua, fazendo a comparação com a língua inglesa. Nesta língua, as desinências verbais só assumem duas formas diferentes, pois “*sólo la 3ª de sing. se diferencia de las otras cinco*”. Assim, a realização lexical do sujeito é obrigatória. No caso do português, Yebra afirma que “*el pronombre sólo acompaña al verbo para destacar el sujeto, oponiéndolo de algún modo a otros. Cuando el pronombre no ejerce esta función distintiva, su uso es redundante, e debe evitarse*”.

Nos casos apresentados em 52 a 54, existem frases em que, em português, o sujeito foi omitido, dado que a presença de morfemas flexionais na forma verbal é suficiente para identificar a sua referência. Veja-se, por exemplo, em 54, que a forma verbal “levamos” implica a presença de um sujeito associado à 1ª pessoa do plural, pelo que a sua realização não se torna necessária.

O mesmo se verifica em frases complexas, em que, em português, o sujeito não precisa de ser reiterado, contrariamente ao que acontece em inglês. Eis alguns exemplos:

55. (a) Sir William and Lady Lucas are determined to go, merely on that account, for in general, you know, they visit no newcomers.

(b) *Sir William e Lady Lucas* estão decididos a ir, somente por esta razão, pois, como sabe, geralmente não visitam recém-chegados.

(Texto nº 22)

56. (a) ... when the first tumult of joy was over, she began to declare that it was what she had expected all the while.

(b) No entanto, quando o primeiro tumulto de alegria terminou, ela declarou que era aquilo que esperava que o marido fizesse.

(Texto nº 22)

57. (a) ... and he seemed quite struck with Jane as she was going down the dance.

(b) Ele pareceu muito impressionado com Jane à medida que ela dançava.

(Texto nº 22)

Como podemos observar nos exemplos acima, o inglês é uma língua de sujeito obrigatório, como mencionado anteriormente. Em 55, “*they visit no newcomers*”, necessita do pronome “*they*” realizado na segunda oração para referir quem pratica a

ação. Já na tradução, “geralmente não visitam recém-chegados”, o pronome “eles” não tem de estar presente. Aqui, o sujeito realizado poderia levar a problemas de compreensão, já que o leitor poderia ficar com dúvidas se “eles” se referiria a “Sir William e Lady Lucas” ou a outra entidade, como podemos comprovar na frase “Sir William e Lady Lucas estão decididos a ir, somente por esta razão, pois, como sabe, geralmente eles não visitam recém-chegados.” O mesmo acontece com o exemplo 56, onde podemos ver que o sujeito realizado na frase “ela declarou que era aquilo que **ela** esperava que o marido fizesse”, pode levar ao mesmo problema de compreensão, razão pela qual o segundo sujeito não deve ser realizado, garantindo-se, desta forma, uma interpretação de correferência.

Por outro lado, no exemplo 57 acontece o oposto, isto é, a obrigatoriedade de o sujeito estar presente na tradução. Como podemos na frase “Ele pareceu muito impressionado com Jane à medida que dançava”, a omissão do pronome “ela” leva a ambiguidades, não sendo explícito quem dançava, se “ele” ou “Jane”. Nestes casos, e de modo a evitar problemas de compreensão, é necessário realizar o sujeito na frase.

## **2. Problemas de Léxico**

Muitos dos problemas com que o tradutor se depara, na sua atividade de tradução, estão relacionados com aspetos lexicais respeitantes às línguas com as quais trabalha. Ao longo do trabalho de tradução realizado durante o estágio, podemos encontrar diversos problemas relacionados com aspetos lexicais. Um dos problemas referidos nesta secção é a problemática das questões culturais, abordada com base em alguns exemplos surgidos durante o estágio em que é possível examinar a interferência na tradução de diferenças culturais entre as línguas trabalhadas (ou seja, neste caso, o inglês e o português). Outro dos assuntos aqui referidos prende-se com problemas relacionados com equivalência de palavras ou expressões entre as duas línguas. Como veremos, existem muitos termos do inglês que não apresentam uma equivalência com termos do português. Nestes casos, tornou-se necessário procurar o termo mais adequado, de modo a transferir para a tradução a mensagem presente no texto original. A ausência de equivalentes atestados na língua de chegada torna frequentemente

necessária a opção por estratégias de tradução alternativas. Assim, referiremos alguns casos em que se nos afigurou mais adequada uma tradução recorrendo à perífrase. Por outro lado, existem certas sequências e expressões que, devido à sua natureza idiomática ou quase fixa, impossibilitam, à partida, uma tradução literal, obrigando o tradutor a um trabalho de pesquisa na procura de uma expressão equivalente. Esta secção termina com uma referência à tradução de termos, em que se apresentam algumas situações concretas surgidas ao longo do trabalho de tradução realizado no âmbito do estágio.

## 2.1 – Acrónimos, siglas e abreviaturas

Um dos problemas com que nos deparámos aquando da tradução realizada no âmbito do estágio diz respeito à presença de siglas, acrónimos e abreviaturas no texto de partida. Antes de mais, será necessário fazer uma distinção entre estes três processos de construção de palavras. A sigla é, segundo o Dicionário Terminológico, uma “*palavra formada através da redução de um grupo de palavras às suas iniciais, as quais são pronunciadas de acordo com a designação de cada letra*”. De acordo com a mesma fonte, o acrónimo, por sua vez, é definido como uma “*palavra formada através da junção de letras ou sílabas iniciais de um grupo de palavras, que se pronuncia como uma palavra só, respeitando, na generalidade, a estrutura silábica da língua*”. Por último, a abreviatura corresponde a uma “*forma convencionalizada de representação gráfica de uma palavra através da escrita de apenas um subconjunto das suas letras seguido de um ponto*”.

De acordo com Byrne (2006), o uso de acrónimos pode afetar a clareza e, conseqüentemente, a compreensão de um texto. Embora existam muitos acrónimos, sobretudo aqueles relacionados com informática, já conhecidos dos falantes em geral, como refere Mancuso (1990) – *apud* Byrne (2006) –, muitos outros continuam desconhecidos da maior parte dos leitores, podendo constituir um obstáculo à compreensão do texto. Como tal, como apontado por D’Agenais & Carruthers (1985) – *apud* Byrne (2006) –, os acrónimos e as siglas que não forem do entendimento comum devem ser explicados de alguma forma no texto. Os mesmos autores referem que uma

das possíveis maneiras de ultrapassar este problema corresponde à construção de glossários.

Durante o estágio, deparámo-nos com diversos exemplos que ilustram a ocorrência de unidades como as referidas nesta secção. Apresentaremos, seguidamente, alguns desses exemplos, bem como a estratégia de tradução pela qual optámos ao longo do nosso trabalho. Perante as unidades encontradas, decidimos dividi-las em dois tipos: (i) as que precisam de uma explicitação de forma a permitir o seu reconhecimento pelo leitor; (ii) as que já estão integradas na língua, não necessitando, por isso, desta explicação.

O primeiro tipo de unidades referido atrás diz respeito a um grupo de siglas ou acrónimos específicos de uma determinada área, que, para serem compreendidos, necessitam de ser acompanhados de uma breve explicação. Esta explicação, na maioria das vezes, foi feita, no texto de partida, colocando o termo em questão na sua forma por extenso. Eis alguns exemplos:

58. (a) On top of this, you can use **SSL (Secure Socket Layer)** to further guarantee you user's or company privacy.

(b) Para além disso, poderá utilizar o **SSL (Camada de Conexões Securizada)** para garantir a privacidade da empresa e dos seus utilizadores de uma forma mais adequada.

(Texto nº 2)

59. (a) This working paper analyses students' perceptions on issues related to **Social Responsibility (SR)** in relation to a Marketing degree in a Portuguese university.

(b) Este documento de trabalho analisa as perceções dos estudantes em assuntos relacionados com a **responsabilidade social (RS)** num curso de *Marketing* de uma universidade portuguesa.

(Texto nº 20)

60. (a) In order to understand the students' perceptions, opinions and experience regarding SR incorporated in marketing degrees, two **focus groups (FG)** were carried out with students of two different years of a marketing degree (3-year course).

(b) Para melhor compreender as percepções dos estudantes, opiniões e experiências relacionadas com a RS incluída nos cursos de *Marketing*, foram formados dois **grupos-alvo (GA)** constituídos por estudantes, de anos diferentes, da licenciatura em *Marketing*.

(Texto nº 20)

Como podemos ver pelos exemplos acima, muitas das siglas e acrónimos são acompanhados pelo termo na sua forma extensa, o que permite o seu reconhecimento pelo leitor. No entanto, existem, nos textos traduzidos, duas variantes distintas, relacionadas com a forma de apresentação da informação. Assim, no exemplo 58, a sigla SSL ocorre antes da sua explicitação. Ainda neste exemplo, poderíamos ter alterado a sigla usando as iniciais da tradução em português, isto é “CCS (Camada de Conexões Securizada)”. Contudo, optámos por não seguir esta estratégia, uma vez que, mesmo em português, e na área da informática, é utilizada a sigla “SSL” na sua forma inglesa. Ao alterarmos esta sigla, estaríamos, pois, a criar interferência na compreensão do texto, por introduzirmos uma sigla que seria estranha para o leitor.

Nos exemplos 59 e 60, e contrariamente ao que aconteceu no exemplo anterior, ocorre primeiramente a forma extensa e seguidamente a forma reduzida do mesmo termo. Esta estratégia é frequentemente utilizada quando o autor do texto pretende dar a indicação ao leitor de que, de aí em diante, será usada a forma reduzida da expressão, caso que foi observado nos exemplos 59 e 60. Uma vez que estas siglas não se referem a um conceito específico, decidimos alterar a sigla para que esta estivesse em conformidade com a tradução em português. Assim, traduzimos, por exemplo “*focus groups*” para “grupos-alvo”, e alterámos a sigla correspondente para “GA”.

O segundo tipo de unidades que referimos atrás diz respeito às siglas que já estão integradas na língua, isto é, que já fazem parte do uso, sendo, por isso, facilmente reconhecidas pelo leitor, pelo que não precisam de qualquer explicitação no texto. Eis alguns exemplos:

61. (a) This simple application when connected to the ORTC server will subscribe the PING-CHANNEL and upon reception of a message will send a new message at the PONG-CHANNEL containing the timestamp, it's session **id** and the PONG string.

(b) Uma vez ligada ao servidor ORTC ®, esta simples aplicação irá subscrever o PING-CHANNEL e, após recepção de uma mensagem, enviar uma nova mensagem no PONG-CHANNEL, contendo o horário, o **ID** da sua sessão e a PONG *string*.

(Texto nº 3)

62. (a) U-Near brings intelligence and personalization in the relationship between companies and their customers, through a platform that works across all contact channels such as email, **SMS**, Internet, **ATM**, Call Center, among others.

(b) A U-Near traz inteligência e personalização ao relacionamento entre as empresas e os seus clientes, através de uma plataforma que atua em todos os canais de contatos<sup>5</sup>, como o *email*, as **SMS**, a *Internet*, o **ATM**, o *Call Center*, entre outros.

(Texto nº 4)

63. (a) Real-time Web Pioneer Realtime Raises \$100M for Major **U.S.** Push

(b) A *Realtime*, pioneira da *web* em tempo real, obtém 100 milhões de dólares para um importante avanço nos **Estados Unidos**

(Texto nº 8)

Como podemos ver pelos exemplos apresentados, existem determinadas siglas e acrónimos que, devido ao seu uso generalizado, já são tão familiares para o leitor dos textos que não se torna necessária uma explicitação do termo correspondente por extenso. Apesar de, por vezes, não ser imediata a identificação de certas formas reduzidas se estas ocorrerem isoladas, quando num contexto, torna-se possível perceber o seu sentido. Assim, por exemplo, em 61, a sigla **ID** remete-nos claramente para a identificação da sessão. Mas esta sigla só faz sentido quando ocorre em textos da área de informática. Assim, e visto que este exemplo se insere no conjunto de textos que traduzimos do *site*, o significado da sigla é claramente identificado pelos leitores, pelo que não considerámos necessário apresentar este termo na sua forma extensa.

Também no exemplo 62, os leitores não precisam de ser informados de que **SMS** significa *Short Message System* e de que **ATM** é uma sigla que corresponde a *Automatic Teller Machine*. É do conhecimento comum que **SMS** é uma mensagem de texto enviada a partir de um telemóvel e que **ATM** refere a caixa de Multibanco. Ao contrário do que acontecia nos exemplos anteriores, estas siglas não precisam de ocorrer num

---

<sup>5</sup> Palavra grafada em português do Brasil a pedido da empresa de acolhimento onde realizámos o estágio.

contexto específico para serem devidamente reconhecidas, uma vez que o seu uso é muito generalizado, não requerendo a sua interpretação um conhecimento especializado. A tradução de ambas estas siglas, no entanto, não nos pareceu uma solução viável. No primeiro caso, SMS traduz-se para português como “serviço de mensagens curtas”, mas este nome não é, na maioria das vezes, reconhecido pelo leitor como referente a SMS, razão pela qual deixámos a sigla pela qual este serviço é conhecido. No segundo caso, a sigla ATM apenas poderia ter sido traduzida para “Multibanco”, de modo a ser compreendida pelos leitores. Contudo, e após algumas pesquisas, constatámos que o nome “Multibanco” é uma marca registada, pelo que optámos por manter a sigla ATM, já que esta é igualmente reconhecida pelos leitores, não causando, portanto, entraves à compreensão do texto.

Por último, no exemplo 63, decidimos seguir uma estratégia de tradução diferente. Uma vez que U.S. é uma forma reduzida de *United States*, poderíamos ter optado por adotar a sigla correspondente em português, E.U. No entanto, esta sigla poderia ser confundida com a sigla normalmente usada como forma reduzida de União Europeia (“*European Union, E.U.*”), gerando uma situação de ambiguidade. Também não optámos pelo uso da sigla E.U.A., por acharmos que não se enquadrava tão bem na frase (note-se, no entanto, que esta foi uma opção estilística, já que esta última sigla seria facilmente reconhecida pelo leitor do texto). Assim, decidimos, neste caso, pela colocação da designação por extenso, “Estados Unidos”.

No exemplo seguinte, salientamos a ocorrência da abreviatura da palavra em inglês “*million*” para “M”. Tal como nos exemplos anteriores, a opção de tradução que seguimos levou em conta a facilidade da compreensão, pelo que a abreviatura “M” foi substituída pela palavra correspondente em português, nomeadamente “milhão”.

64. (a) Realtime lands \$100M in funding to actually make the Web real-time

(b) A *Realtime* consegue 100 **milhões** de dólares em financiamento para criar a *Web* em tempo real

(Texto nº 8)

Os exemplos apresentados permitiram ilustrar, então, a existência de alguma diversidade de situações envolvendo o uso de formas abreviadas. Como foi notado ao longo desta secção, estas situações devem ser consideradas individualmente, de forma a que o tradutor utilize, em cada caso, a estratégia de tradução mais adequada, com o objetivo de tornar o texto de chegada claro e de permitir a sua compreensão pelo leitor.

## 2.2 – Empréstimos e Estrangeirismos

Num mundo globalizado como aquele em que vivemos hoje em dia, o contacto entre as línguas é inevitável. Uma das manifestações desse contacto é visível através da transferência de unidades lexicais de uma língua para outra (Correia, 2005). As unidades lexicais integradas numa língua através deste processo são designadas por empréstimos ou estrangeirismos.

O termo estrangeirismos, tal como o termo empréstimos, é um termo utilizado, como referem Freitas *et al* (2003), “*para designar as palavras que passam do léxico de uma determinada língua para outra*”. Veremos, então, o que se compreende por empréstimo e estrangeirismo, bem como as diferenças que se estabelecem entre eles. Segundo Freitas *et al* (2003), “*o termo estrangeirismo aplica-se [...] a todas as palavras estrangeiras que não estão integradas no léxico do português*”. Também Mattoso (1977) – *apud* Andrade (s/d) – define estrangeirismo como “*os empréstimos vocabulares não integrados na língua nacional, revelando-se estrangeiros nos fonemas, na flexão e até na grafia, ou os vocábulos nacionais com a significação dos vocábulos estrangeiros de forma semelhante*”. Por outro lado, o termo empréstimo designa “*o fenómeno que consiste na passagem de unidades lexicais, morfemas ou acepções de um sistema A para um sistema B*” (Andrade, s/d). Podemos, então, concluir que a diferença entre empréstimo e estrangeirismo reside no nível de integração na língua que recebe a unidade lexical.

Ainda acerca deste fenómeno de transferência de palavras de uma língua para outra, Andrade (s/d) afirma o seguinte:

*O português europeu tem alargado o seu léxico através da adopção frequente de unidades lexicais estrangeiras. Este facto, deve-se, em parte, ao inevitável e saudável contacto que se estabelece entre as línguas, inseridas num mundo cada vez mais globalizado e também ao facto de Portugal ser um país importador de ciência e tecnologia.*

De facto, a grande maioria dos empréstimos é observada na área das tecnologias, em grande expansão nos últimos anos. A terminologia de várias áreas científicas, sobretudo das que têm apresentado um desenvolvimento mais recente, apresenta um grande número de empréstimos (Correia, 2005). Como apontado por Vilela (1995), a utilização de empréstimos nesta área dá-se, sobretudo, por duas razões: em casos onde não é possível uma tradução, como em *bit* (unidade de informação), ou quando a tradução possível não é satisfatória, como em *hardware* (ferramenta).

Seguidamente, iremos apresentar alguns exemplos ocorridos na tradução que ilustram situações em que optámos pela utilização de empréstimos. De notar que todos os termos que estão presentes nesta secção foram retirados dos textos traduzidos do *site*, o que mostra que esta área é, realmente, rica em empréstimos. Estes, como poderemos também ver, provêm da língua inglesa. Vilela (1995), a este respeito, refere o seguinte:

*tomemos a informática como modelo de léxico do nosso tempo: o prestígio dos USA, o primado do económico e do científico, a necessidade de comércio e troca, a imposição da standardização de produtos, enfim, a globalização (aldeia global) da vida das sociedades, e por outro lado, as palavras curtas e facilmente memorizáveis do inglês levaram à inundação dos anglicismos e dos americanismos.*

Podemos ainda acrescentar às palavras do autor que os Estados Unidos foram um dos países impulsionadores das descobertas nestes campos científicos e tecnológicos, pelo que os termos criados para designar os novos conceitos e os novos objetos resultantes desta evolução científica e tecnológica são, na sua grande maioria, de origem inglesa.

As opções pela utilização de empréstimos serão explicadas caso a caso, pois nem sempre a razão que esteve na sua base foi a mesma. Houve também uma tentativa, na

análise dos exemplos que se seguem de mostrar que os empréstimos, seguindo os modelos de Freitas *et al* (2003), apresentam níveis diferentes de adaptação à língua que os recebe.

Segue-se a apresentação de alguns dados retirados dos textos trabalhados no âmbito do estágio. Por se tratar de dados correspondentes a diferentes situações, iremos apresentá-los de acordo com a seguinte organização: (i) exemplos de termos especializados para os quais não existe uma tradução para português; (ii) exemplos de termos especializados correspondentes a empréstimos consagrados pelo uso; (iii) exemplos de termos não especializados correspondentes a termos consagrados pelo uso.

Começemos, então, pela observação de alguns dados que ilustram a ocorrência de termos especializados para os quais não existe uma tradução para português:

65. (a) for **Developers**

(b) Para *Developers*  
(Texto nº 1)

No exemplo 65, *developer* é um termo que designa alguém com conhecimentos na área da informática com capacidades ao nível de um programador, inteiramente conhecedor da linguagem informática. Como traduções possíveis para este termo, temos “programador” ou “desenvolvedor”. O primeiro termo diz respeito a um especialista encarregado de preparar um programa de computador. Uma vez que não nos pareceu que “*developer*” se referisse, concretamente, a um especialista, decidimos não traduzir por este termo. Por sua vez, “desenvolvedor” não nos pareceu um termo que estivesse diretamente relacionado com a informática, e com uma pessoa com capacidades de “quase-programador”. Assim, decidimos, neste caso, usar esta palavra como um empréstimo no texto de chegada.

Observemos, em seguida, os dados apresentados em 66 e 67, que ilustram a ocorrência de expressões correspondentes a denominações:

66. (a) The **Realtime® Web**

(b) A *Realtime®Web*  
(Texto nº 1)

67. (a) **ORTC (Open Real-time Connectivity)** is a secure, fast and highly scalable **cloud-hosted** real-time many-to-many messaging system for web and mobile apps.

(b) O **ORTC® (Open Real-time Connectivity)** é um sistema de mensagens de muitos para muitos, para aplicações *Web* e móveis em tempo real que é seguro, rápido e altamente escalável, e **armazenado na Cloud**.

(Texto nº 2)

Relativamente ao exemplo 66 e 67, em que ocorrem, respetivamente, as expressões *Realtime® Web* e *ORTC®*, por serem denominações de marcas registadas, considerámos que não faria sentido procurar uma tradução, pelo que mantivemos a designação oficial. Com efeito, Correia (2005) refere esta situação, afirmando que os termos que correspondem a marcas registadas não devem ser alvo de intervenção, isto é, de tradução.

De notar que a transposição, para o texto português, destas denominações acarreta o problema da escolha da forma do determinante que as deve preceder, nomeadamente no que diz respeito às marcas de género. Assim, no exemplo 66 optámos pela utilização do artigo definido feminino devido à ocorrência da palavra “*Web*”, que, normalmente, é usada, em textos em português, associada ao género feminino. Este termo, juntamente com termos como “*password*” e “*homepage*”, como referem Freitas *et al* (2003), são exemplos de um processo denominado atração sinonímica e, neste caso em particular, atraem o género feminino no que diz respeito ao artigo. Este é, segundo referem os mesmos autores, o “*processo pelo qual o estrangeirismo adquire o género feminino por estar associado a uma palavra vernácula [+fem] que designa um conceito equivalente*”. Por outro lado, no exemplo 67, evidencia-se o fenómeno contrário, isto é, a utilização de um artigo no género masculino. Esta é, segundo Freitas *et al* (2003), uma característica da primeira fase de integração dos termos numa língua estrangeira. “*Aos nomes comuns provenientes do inglês é normalmente atribuído o género masculino*”, afirmam os mesmos autores. Assim, como “*ORTC*” corresponde à sigla que abrevia a denominação “*Open Real-time Connectivity*”, para a qual não existe uma tradução atestada, como já referido, decidimos optar pelo género masculino. Note-se que, para além do motivo já referido, apesar de esta sigla corresponder a uma expressão cujo elemento central é a palavra “*connectivity*” – que, sendo equivalente à palavra

portuguesa “conectividade”, naturalmente seria associada ao género feminino –, o facto de se tratar da denominação de um sistema de mensagens (por vezes referido como “o sistema ORTC”) pareceu-nos mais um fundamento para a utilização de um artigo no género masculino. Ainda no exemplo 67, a palavra “*cloud*” corresponde a um termo relativamente recente, relativamente ao qual estamos a assistir à coexistência do empréstimo e do equivalente português. Ou seja, é comum tanto a utilização do empréstimo (“*cloud*”) como do seu equivalente (“nuvem”). No entanto, decidimo-nos pela utilização do empréstimo por este ser, por enquanto, bastante mais comum na área da informática, tal como nos foi possível constatar através da consulta de diversos textos inscritos na mesma área.

Observemos, em seguida, um outro exemplo:

68. (a) **Cool Vendor** by Gartner

(b) Considerado *Cool Vendor* pela Gartner  
(Texto nº 6)

Na tradução da expressão apresentada em 68, seguimos a mesma estratégia utilizada nas situações referidas anteriormente, pois *Cool Vendor* corresponde, tanto quanto pudemos averiguar, a uma designação específica utilizada pela empresa Gartner. Mais concretamente, pelo que verificámos, *Cool Vendor* é uma espécie de prémio, de “carimbo de qualidade” que a empresa Gartner dá às empresas que produzem produtos ou serviços originais e interessantes no âmbito das tecnologias. Como tal, considerámos que a expressão em causa deveria manter-se na língua original, pois esta designação não possui equivalente em português e não possuímos autoridade para criar uma designação para o português, já que esta estaria a cargo da empresa Gartner. Note-se que a pesquisa em textos paralelos nos permitiu constatar que, efetivamente, a expressão em causa é sistematicamente usada na sua forma inglesa, em textos escritos em português.

Também no exemplo 69, “*Load Balancer*” é o nome de um dispositivo específico e, uma vez que não tem nenhuma designação atestada em português, optámos por, tal como nas situações descritas anteriormente, utilizar o termo como um

empréstimo. Pelas razões já mencionadas atrás, também neste caso optámos pela utilização de um artigo no masculino na construção da expressão nominal.

69. (a) By using its **Load Balancer**, ORTC distributes load between two or more servers, vastly increasing the processing power and, therefore, the throughput of the whole ORTC system.
- (b) Usando o **Load Balancer**, o ORTC® distribui a carga entre dois ou mais servidores, aumentando enormemente a capacidade de processamento e, portanto, a produtividade de todo o sistema ORTC®.  
(Texto nº 3)

O segundo grupo de dados que apresentamos permite-nos ilustrar a ocorrência de alguns empréstimos já consagrados pelo uso em português.

70. (a) You browse the **web** a lot and you're probably used to the refresh button by now.
- (b) Como navega muito na **internet**, está, provavelmente, habituado ao botão atualizar.  
(Texto nº 1)
71. (a) Display Advertising, Social Media Advertising, Search Engine Advertising, Search Engine Optimization, Mobile Advertising, **Email** Marketing, Web Marketing Consulting and **Webdesign**.
- (b) publicidade gráfica, publicidade nos *media* sociais, publicidade em motores de busca, otimização de motores de busca, publicidade móvel, *marketing* por **e-mail**, consultoria de **webmarketing** e **webdesign**.  
(Texto nº 4)

72. (a) Customize your Javascript **download**
- (b) Personalize o **download** do seu Javascript  
(Texto nº 6)

73. (a) Traditional training actions do not have a “**just-in-time**” logic,
- (b) As ações de formação tradicionais não possuem uma lógica “**just-in-time**”.  
(Texto nº 19)

Como afirma Correia (2005), quando estamos perante termos como os que reunimos neste grupo, após termos verificado a inexistência de um termo equivalente

em português, devemos adotar o empréstimo, mantendo a sua forma já dicionarizada. Os termos “*web*”, “*download*” ou “*e-mail*”, são alguns dos muitos exemplos de empréstimos com que nos deparámos nos nossos textos que já estão completamente integrados na língua e dicionarizados, pelo que considerámos adequado mantê-los como empréstimos nos textos que trabalhámos.

Note-se que, relativamente aos empréstimos referidos, verifica-se, por vezes, a coexistência de algumas variantes. É o que acontece, por exemplo, com “*e-mail*”, no exemplo 71, cujo significado pode, alternadamente, ser referido pelos termos “*email*” (alteração gráfica) ou apenas “*mail*” (redução).

De notar também que, no exemplo 70, o termo em inglês “*web*” foi substituído pelo termo equivalente “*internet*”. Esta opção foi tomada pelo facto de o termo “*internet*” ter um uso mais frequente do que “*web*” em português, apesar de todos eles constarem, por exemplo, no dicionário *online* da língua portuguesa Priberam (<http://www.priberam.pt/>).

Também os termos “*webmarketing*” e “*webdesign*”, ilustrados em 71, foram mantidos como empréstimos. Estas situações em particular, referem Bergström e Reis (1975), evidenciam um caso de composição. Como referem os autores, este é uma das formas “*mais abundantes na formação de vocábulos. Por este processo reúnem-se duas ou mais palavras, ainda que de diversas categorias, a fim de formarem uma só palavra*”. Segundo os mesmos autores, “*nas palavras compostas nota-se que cada vocábulo possui sentido distinto, e a significação de um deles (principal) é determinada e restringida pelo sentido do outro ou dos outros (determinantes)*”. Podemos ver que a palavra “*web*” se juntou, respetivamente, às palavras “*marketing*” e “*design*” (por si só, estrangeirismos já integrados no léxico), criando duas novas palavras na língua cujo significado é extrapolado pela junção das duas palavras. Para nenhum destes termos existem equivalentes em português, pelo que optámos pela utilização do empréstimo, à semelhança do que acontece em vários outros textos da especialidade escritos em português.

Finalmente, no exemplo 73, ocorre uma outra expressão muito utilizada em português. Esta expressão pode ser vista de duas maneiras: ou, na língua comum, como equivalente da expressão que significa “na hora certa” ou “mesmo a tempo”, ou, em contextos de língua especializada, como uma expressão utilizada pelas organizações que

designa um sistema de administração da produção que determina que algo deve ser produzido, transportado ou comprado antes da hora certa. Uma vez que esta expressão se refere a um nome de um sistema de controlo e gestão utilizado nas empresas, este não deve ser traduzido, uma vez que não possui um equivalente atestado na língua.

Todos os exemplos apresentados neste grupo dizem respeito a empréstimos que ocorrem sistematicamente em textos da especialidade. Estes, tal como afirmado por Correia (2005), correspondem a empréstimos terminológicos já consagrados pelo uso, quer seja por especialistas quer seja por não-especialistas da área da informática.

Finalmente, o último grupo de exemplos que apresentamos ilustra a ocorrência de expressões importadas de outra língua, mas que, contrariamente aos casos anteriormente referidos, são usadas na língua comum, ou seja, sem estarem associadas a uma área do conhecimento especializada.

O exemplo que apresentamos em 74 contém uma expressão que significa “saber-fazer”, ou seja “perícia”. Podemos verificar que a expressão de origem inglesa “*know-how*” já se encontra atestada na nossa língua, pelo que optámos por manter o empréstimo. A tradução para outra expressão poderia não permitir transmitir a mensagem da mesma forma, podendo, eventualmente, causar problemas de compreensão por parte do leitor.

74. (a) It facilitates **know-how**.

(b) Facilita o *know-how*.

(Texto nº 19)

O exemplo 75, que apresentamos em seguida, ilustra também a ocorrência de uma expressão bastante frequente em português. A expressão “*status quo*”, proveniente do latim, é uma abreviatura da expressão mais complexa “*in statu quo res erant ante bellum*” (“no estado em que as coisas estavam antes da guerra”), significando “o estado atual das coisas”. Como esta expressão também é usual na língua portuguesa, decidimos utilizar este latinismo.

75. (a) This is important to both enable these future managers/marketers, but also to continue to question the **status quo**.

(b) Isto é importante tanto para habilitar os futuros gestores/ vendedores, como para continuar a questionar o **status quo**.

(Texto nº 20)

Como podemos verificar pelos exemplos apresentados nesta secção, a maioria dos empréstimos que encontramos nos textos que traduzimos são anglicismos, isto é, palavras importadas do inglês. Tal deve-se ao facto, já referido anteriormente, de esta área de estudo ter sido desenvolvida, sobretudo, nos Estados Unidos. Assim, e na falta de termos equivalentes em português, é visível um elevado número de empréstimos relacionados com a informática provenientes da língua inglesa.

Retomando a questão dos estrangeirismos e do processo de adaptação que conduz à sua integração no léxico de uma língua, os autores Freitas *et al* (2003), afirmam que essa integração se processa por fases. A primeira fase de integração evidencia algumas transformações imediatas. Entre elas, contam-se a atribuição de um género, a integração numa classe de palavras, a monossemia e a identidade da grafia relativamente à da língua de origem. Podemos, então, verificar que os seguintes exemplos, retirados dos dados apresentados atrás, se encontram nesta primeira fase: “*developers*”, “*Realtime® Web*”, “*ORTC®*”, “*cloud*”, “*Cool Vendor*” e “*Load Balancer*”. Na segunda fase, de acordo com os autores, evidencia-se a possibilidade de formação de novas palavras por composição e prefixação e certas palavras apresentam uma grafia alternativa à da língua de origem. Nesta situação, podemos integrar os seguintes casos: “*email*”, “*webdesign*” e “*webmarketing*”. Finalmente, na última fase, estão os termos já integrados no léxico. Como exemplos desta situação, podemos referir termos como “*internet*” e “*download*”. Nesta última fase, denominada, por Freitas *et al* (2003), como de “*integração no léxico*”, os termos podem apresentar algumas das seguintes propriedades: estabilização fonológica, isto é, fixação do acento; integração morfo-sintática, ou seja, a fixação do género e da forma de plural; integração no sistema morfológico da língua, quer dizer, possibilidade de derivação; polissemia, isto é, tendência para a extensão, restrição ou modificação do significado da forma original; e atestação lexicográfica normativizada, ou seja, a existência de uma grafia adaptada à língua na qual o empréstimo se insere. A este propósito, Freitas *et al* (2003) referem,

como exemplo, que a palavra “*internet*”, recentemente integrada no léxico português, “*deixou de significar apenas ‘rede informática X’ para significar também ‘ligação à rede X’, ‘serviço de acesso à rede X’*”.

## **2.3 – Sinonímia**

A sinonímia pode ser definida como a relação semântica que se estabelece entre palavras que possuem significados equivalentes. Nesta secção, partimos da distinção feita por diversos autores entre a sinonímia intralinguística e a sinonímia interlinguística, centrando-nos nesta última através de uma reflexão acerca dos problemas que se colocaram durante o trabalho de tradução efetuado no âmbito do estágio.

### **2.3.1 Sinonímia Intralinguística**

A sinonímia intralinguística verifica-se nos casos em que, numa língua, diferentes palavras estão associadas a um mesmo significado. Assim, e segundo Contente (2008), “*designa-se por sinonímia intralinguística a sinonímia no interior de um mesmo sistema linguístico em que a identidade conceptual das denominações concorrentes é fundamental*”. A mesma autora acrescenta ainda que “*um conceito é composto por caracteres distintivos, podendo ser descritos e enumerados numa definição. Estes caracteres ou traços distintivos são intrínsecos ou inerentes, mas podem ser extrínsecos ou relacionais*”. Na sinonímia, refere Vilela (1994), “*há a denotação e a conotação, diferenças de registo [...], diferenças provindas das áreas dialectais ou popular em relação à língua comum [...], diferenças diafásicas*”, entre outros. Assim, quando o tradutor se depara com um conjunto de sinónimos, a escolha do mais adequado recai, sobretudo, tendo em conta a sua natureza estilística e, preferências idiossincráticas, contextuais e textuais, por exemplo, refere ainda o mesmo autor.

No decurso de uma tarefa de tradução, a existência de palavras sinónimas na língua de chegada levanta frequentemente o problema da seleção daquela que, num determinado contexto, poderá ser a mais adequada. Em seguida, apresentaremos alguns excertos dos textos trabalhados, que ilustram algumas das questões com que nos confrontámos e as situações em que foi necessário optar por uma das palavras à partida possíveis.

No exemplo 76 (a), podemos observar a presença de uma expressão inglesa traduzida para uma única palavra portuguesa, neste caso um advérbio.

76. (a) Despite its being small, the transfer of knowledge between employees takes place **on a daily basis**, in a chaotic and non-systematised way.

(b) Apesar do seu tamanho reduzido, a transferência de conhecimento entre trabalhadores ocorre **diariamente**, de um modo caótico e não sistematizado.

(Texto 19)

No caso ilustrado pelo exemplo 76, o significado da expressão em inglês “*on a daily basis*” encontra um equivalente, em português, em palavras como “quotidianamente” ou “diariamente”. Embora ambos os advérbios apresentem o mesmo significado – referente a algo que acontece ou se faz todos os dias – optámos pela palavra “diariamente” por esta apresentar uma maior frequência de utilização.

O exemplo seguinte mostra-nos a ocorrência de uma expressão “*fly about*”. A tradução desta expressão mostrou-se, como iremos ver, problemática devido ao texto em que ocorre.

77. (a) She could not imagine what business he could have in town so soon after his arrival in Hertfordshire; and she began to fear that he might be always **flying about** from one place to another, and never settled at Netherfield as he ought to be.

(b) Não conseguia imaginar que negócios podia ele ter na cidade e tão cedo após a sua chegada a Hertfordshire, e receou que ele pudesse estar sempre a **deslocar-se** de um lado para o outro e que nunca se instalasse definitivamente em Netherfield como era suposto.

(Texto nº 22)

Como podemos ver, a expressão assinalada em (a) – “*fly about*” – pode apresentar os seguintes significados: “atividade ou movimento irregular, informal, sem propósito” (Merriam-Webster); “mudanças frequentes num curto período de tempo” (*The Free Dictionary*); “instável”, “correr de um lado para o outro” e “andar a voar de um lado para o outro” (Infopedia). Pelas definições que encontramos, o equivalente mais indicado para esta expressão seria “voar de um lado para o outro”, de modo a manter a imagem dada pela expressão original. Contudo, neste texto em particular, não foi possível optarmos por esta expressão, uma vez que esta transmite a ideia de deslocação por meio de um transporte aéreo. A utilização desta expressão, como podemos então inferir, poderia induzir o leitor em erro ao transmitir uma ideia errada. Visto que o trecho em questão pertence a um texto do século XVIII, não seria possível, para a personagem, deslocar-se através de um transporte aéreo. Tendo este facto em mente, tivemos de traduzir “*fly about*” utilizando uma palavra que transmitisse o significado presente na expressão em causa. De entre as opções disponíveis – mover, circular, deslocar, andar ou correr – escolhemos “*deslocar-se*”, por considerarmos que esta é a que melhor transmite o significado da expressão em análise.

Eis outro exemplo onde tivemos de optar por um dos diversos sinónimos disponíveis na língua portuguesa.

78. (a) And when the party entered the **assembly room** it consisted of only five altogether—Mr. Bingley, his two sisters, the husband of the eldest, and another young man.

(b) E quando o grupo entrou no **salão de baile**, eram apenas cinco: o Sr. Bingley, as suas duas irmãs, o marido da mais velha, e outro jovem.

(Texto nº 22)

Nesse exemplo, a expressão a negrito, “*assembly room*”, designa uma sala ou salão onde um grupo de pessoas se reúne para realizar uma determinada atividade, normalmente dançar. Mais uma vez, e como aconteceu no exemplo anterior, a nossa escolha fundamenta-se, sobretudo, tendo em conta a época histórica em que se passa a ação deste texto. Assim, optámos por traduzir “*assembly room*” por “*salão de baile*” e não por “*salão de festas*”. Com efeito, a palavra “festa” está conotada com um tipo de celebração ou divertimento um pouco diferente de “baile”. À primeira, “festa”, associamos, frequentemente, a aniversários, e a música, a comida, a diversão e a ruído,

celebrados num ambiente informal entre amigos e conhecidos. Já “baile” remete-nos para outro tipo de celebração, onde também existe música e comida, mas é passado num ambiente mais formal. Assim, e de modo a transmitir a ideia, presente no original, de formalidade.

O exemplo seguinte evidência um caso de sinonímia intralinguística entre os termos “*propriedade*”, “*quinta*” e “*herdade*”, equivalentes do termos inglês “*estate*”.

79. (a) Mr. Bingley, and he was looked at with great admiration for about half the evening, till his manners gave a disgust which turned the tide of his popularity; for he was discovered to be proud; to be above his company, and above being pleased; and not all his large **estate** in Derbyshire could then save him from having a most forbidding, disagreeable countenance, and being unworthy to be compared with his friend.

(b) Então, descobriram que era orgulhoso, presunçoso, difícil de agradar, e nem a sua extensa **propriedade** em Derbyshire o puderam salvar de ser visto como alguém de uma aparência intimidante e de desagradável semblante, indigno de ser comparado ao seu amigo.

(Texto nº 22)

A palavra “*estate*” designa “*a large area of land in the country that is owned by a family or an organization and is often used for growing crops or raising animals*” (Cambridge Dictionary). De entre as traduções possíveis – quinta, propriedade e herdade –, optámos por propriedade, dado esta ser a palavra que melhor transmite o significado de “*estate*” e, por outro lado, ser de uso mais frequente na época retratada do texto.

### 2.3.2 Sinonímia Interlinguística e tradução por equivalência

A sinonímia intralinguística, como vimos, verifica-se nos casos em que, numa língua, diferentes palavras estão associadas a um mesmo significado. Por outro lado, a sinonímia interlinguística, também denominada como equivalência interlinguística, ocorre quando existem equivalentes entre dois sistemas linguísticos diferentes, neste caso entre o inglês e o português.

A propósito da questão da sinonímia interlinguística que afeta unidades terminológicas, Duquet-Picard (1986) – *apud* Contente (2008) – afirma o seguinte : “*il est bien évident que l’existence d’équivalents terminologiques entre systèmes linguistiques différents ne peut être niée ; tout le processus traductionnel repose sur l’identification de tels équivalents. Ces équivalents peuvent exprimer exactement la même notion mais ils peuvent également exprimer des notions qui ne sont pas en tous points identiques dans les systèmes linguistiques*”. Com efeito, tal como é observado também por Contente (2008), a existência de realidades extralinguísticas diferentes torna difícil a existência de verdadeiros sinónimos interlinguísticos, aspeto que traz ao tradutor a responsabilidade adicional de avaliar a adequação dos termos, à partida considerados equivalentes, selecionados para o texto de chegada.

Passamos à apresentação de alguns excertos dos textos trabalhados, a partir dos quais referiremos as questões concretas com que nos confrontámos no decurso da tradução.

O exemplo que apresentamos em seguida ilustra uma das situações referidas: aquela em que uma palavra da língua de partida – neste caso, a palavra inglesa “*hands-on*” – pode ter diferentes equivalentes na língua de chegada, por estar associada a mais do que um significado (instanciando aquilo a que, em termos latos, podemos chamar polissemia). Com efeito, nestes casos, o tradutor deve, antes de mais, aperceber-se dessa situação, que torna necessária uma análise cuidada do contexto em que ocorre a palavra, no texto de partida, de forma a permitir-lhe optar pelo equivalente mais adequado.

80. (a) All this is however not limited to the web applications running in a browser since ORTC brings the same benefits to the development of native mobile applications for iOS (iPhones/iPads), Android and Windows Phone devices, providing the **hands-on solution** for real time web and platform integrations with maximum ROI for businesses and minimum coding effort for developers.

(b) No entanto, tudo isto não é limitado às aplicações *Web* em funcionamento num *browser*, já que o ORTC® traz as mesmas vantagens para o desenvolvimento de aplicações móveis para os *iPhones/iPads*, dispositivos *Android* e *Windows Phone*, fornecendo a **solução prática** para a *Web* em tempo real e a integração de plataformas com um ROI máximo para as empresas e um esforço de codificação mínimo para os responsáveis pelo desenvolvimento.

(Texto 3)

No exemplo acima, a palavra “*hands-on*” apresenta, efetivamente, vários significados, podendo, por isso, ter diferentes equivalentes em português. Segundo a Infopedia, as traduções possíveis para este adjetivo são: “*prático*”, “*efetivo*”, “*real*” e “*interativo*”. Por outro lado, no *site* <http://www.wordreference.com/>, os resultados para o mesmo termo são: “*prático*” e “*manuseável*”. Já no dicionário da Porto Editora, encontramos apenas “*prático*” como tradução deste adjetivo. Depois de analisada a frase, e tendo em conta o contexto, concluímos que o equivalente mais adequado seria, neste caso, o adjetivo “*prático*”, uma vez que os outros significados não transmitiriam a ideia contida no texto de partida.

A tradução do excerto que apresentamos em seguida levantou-nos um outro tipo de problema na determinação do equivalente da palavra assinalada: “*chaise*”. Neste caso, dado tratar-se de um termo que designa um objeto em desuso na atualidade, situação agravada pelo facto de se tratar de um francesismo, a procura de um equivalente na língua de chegada foi dificultada pela inexistência de informação em vários dicionários consultados.

81. (a) ‘Why, my dear, you must know, Mrs. Long says that Netherfield is taken by a young man of large fortune from the north of England; that he came down on Monday in a **chaise** and four to see the place, and was so much delighted with it, that he agreed with Mr. Morris immediately; that he is to take possession before Michaelmas, and some of his servants are to be in the house by the end of next week.’

(b) – A razão, meu caro, de precisar de saber, é que a Sra. Long disse que Netherfield foi alugada por um jovem possuidor de grandes fortunas proveniente do norte de Inglaterra. Veio na segunda-feira numa **charrete** e acompanhado de mais quatro para ver o lugar, e ficou tão enlevado que acordou com o Sr. Morris nesse mesmo momento. Vai tomar posse antes da Festa de S. Miguel, e alguns dos seus serviçais são esperados na casa no final da próxima semana.  
(Texto 23)

Com efeito, não encontramos nenhum equivalente em português para o tipo de veículo em questão. No *site* <http://www.britannica.com>, o significado de “*chaise*” é definido como “*originally a closed, two-wheeled, one-passenger, one-horse carriage of French origin, adapted from the sedan chair*”. Num outro dicionário *online*, o <http://www.wordreference.com/>, este termo é traduzido para “*carruagem*”. No entanto,

não nos pareceu adequada esta tradução, já que este termo não nos remete imediatamente para um veículo puxado por um cavalo. Fazendo uma pesquisa mais alargada, através de imagens, “*chaise*” pareceu-nos equivaler a uma charrete. Através de uma pesquisa de significado, vimos que, efetivamente, este termo designa um veículo de tração animal com quatro rodas. Existem, portanto, diferenças ao nível do significado. Este caso ilustra a situação referida por Baker (1992) em que a língua fonte e a alvo apresentam diferenças ao nível do significado. Como referido pela autora, “*the target language may make more or fewer distinctions in meaning than the source language.*” Na altura da realização deste relatório, deparámo-nos com a palavra “cabriolé”. O seu significado é definido, no dicionário *online* Priberam, como “*carruagem leve de duas rodas para um só cavalo*”. Apesar de, na altura da realização da tradução, não conhecermos este termo, consideramos que a tradução de “*chaise*” pela qual optámos não está errada. “Charrete” é uma palavra muito mais conhecida do público leitor do que “cabriolé”. Caso tivéssemos optado por esta última, teria, provavelmente, sido necessário acrescentar uma nota de rodapé para explicar o significado da palavra, pois esta é desconhecida da maioria das pessoas, facto comprovado pelo reduzido número de resultados obtidos após efetuar uma pesquisa na internet. Não cremos que a distinção entre “charrete” e “cabriolé” seja fundamental para a compreensão da obra. Com efeito, tal como é afirmado por Baker (1992), “*what one language regards as an important distinction in meaning another language may not perceive as relevant*”.

O exemplo seguinte apresentou, igualmente, alguns problemas, visto que o termo “*servants*” possui vários significados possíveis. Foi, então, necessário analisar o texto em que ocorre e optar pelo termo em português que melhor se aplica ao exemplo que apresentamos.

82. (a) ‘Why, my dear, you must know, Mrs. Long says that Netherfield is taken by a young man of large fortune from the north of England; that he came down on Monday in a chaise and four to see the place, and was so much delighted with it, that he agreed with Mr. Morris immediately; that he is to take possession before Michaelmas, and some of his **servants** are to be in the house by the end of next week.’

(b) – A razão, meu caro, de precisar de saber, é que a Sra. Long disse que Netherfield foi alugada por um jovem possuidor de grandes fortunas proveniente do norte de Inglaterra. Veio na segunda-feira numa charrete e acompanhado de mais quatro para ver o lugar, e ficou tão enlevado que acordou com o Sr. Morris na hora. Vai tomar posse antes da Festa de S. Miguel, e alguns dos seus **serviçais** são esperados na casa no final da próxima semana.

(Texto nº 22)

O termo que analisamos neste trecho, “*servant*”, é, como referido pelo dicionário online Cambridge, “*a person who is employed in another person's house, doing jobs such as cooking and cleaning, especially in the past*”. Ao efetuarmos uma pesquisa em dicionários bilíngues, deparamo-nos com as seguintes traduções: empregado, funcionário, servo, servidor e criado. Contudo, nenhum destes termos nos pareceu adequado. Por um lado, empregado e funcionário remetem para alguém que trabalha num determinado estabelecimento. Já servo e servidor apresentam uma conotação com a escravatura, pelo que a escolha de qualquer uma destas palavras iria distorcer o texto traduzido. Restou-nos, por uma exclusão de termos que considerámos inapropriados, a palavra “*criado*”. Uma vez que este exemplo foi retirado do texto literário, decidimos fazer uma pesquisa de termos sinónimos mas que pudessem ser considerados mais “formais” e mais “antiquados”. Depois de efetuada essa pesquisa, decidimo-nos pela palavra “serviçal”.

Nos exemplos 83, poderemos ver um caso em que, após analisado o sentido da frase, tivemos de utilizar um equivalente capaz de transmitir o significado da frase original, ainda que as palavras assinaladas em (b) este não sejam uma tradução plena das apresentadas em (a).

83. (a) What a **fine thing** for our girls!’

(b) Que **grande oportunidade** para as nossas meninas!

(Texto nº 22)

Como podemos ver, a expressão assinalada em cima, “*fine thing*”, pode ser traduzida, nesta frase em questão, como: “que coisa tão boa para as nossas meninas”, “que coisa excelente para as nossas meninas” ou ainda “que coisa tão agradável para as nossas meninas”, por exemplo. No entanto, optámos, por traduzir para “que grande oportunidade para as nossas meninas”. Esta frase mantém patente que um

acontecimento agradável pode vir a acontecer às personagens, ideia que também é expressa no original.

O seguinte exemplo mostra um outro caso de polissemia, já que a palavra em questão apresenta vários equivalentes possíveis. Assim, após compreendermos qual o sentido da frase, temos de optar pelo melhor equivalente.

84. (a) ‘Is that his **design** in settling here?’

(b) – É esse o seu **desígnio** de instalar-se aqui?

(Texto nº 22)

No exemplo 84, podemos ver a ocorrência da palavra “*design*”. Esta palavra polissémica apresenta os seguintes como significados: desenho, *design*, traçado, padrão; projeto, plano, propósito, intenção e objetivo. Dado que neste exemplo em particular, “*design*” não poderia ter sido traduzido por “desenho”, “traçado”, “*design*” e “padrão”, tivemos de optar por um dos outros significados. Em relação a estes efetuámos, ainda, uma pesquisa de sinónimos, onde decidimos traduzir “*design*” para “desígnio”, palavra mais formal e mais adequada ao estilo de escrita deste texto literário, e sinónima de “intenção” e “propósito”.

Finalmente, tomemos em consideração o exemplo 85:

85. (a) ‘You mistake me, my dear. I have a high **respect** for your nerves. They are my old friends. I have heard you mention them with consideration these last twenty years at least.’

(b) – Está equivocada, minha querida. Tenho muito **apreço** pelos seus nervos. São meus velhos amigos. Oiço-a falar deles com consideração durante os últimos vinte anos, pelo menos.

(Texto nº 22)

Neste exemplo, e após verificarmos que os equivalentes possíveis para “*respect*” são: “respeito”, “admiração” e “consideração”, optámos por traduzir este não pelos seus equivalentes mais imediatos e diretos, mas por um dos seus sinónimos. Assim, “apreço” é um sinónimo de “respeito”, contendo ainda dentro do seu significado “estima” e “consideração”.

## 2.4 – Tradução por Perífrase

De acordo com o Dicionário Terminológico, a perífrase é “uma figura retórica, também conhecida por circunlóquio ou circunlocução, que consiste em dizer com várias palavras o que se poderia dizer com uma única palavra”. A tradução por perífrase consiste, então, na utilização de várias palavras para explicar um único conceito. Esta estratégia pode ser utilizada por várias razões, sendo uma delas o facto de não existir uma palavra na língua de chegada que contenha o significado de determinada palavra da língua de partida.

Observemos o seguinte exemplo, em que se verifica a situação referida: no texto de partida, ocorre uma palavra – “*bootstrapping*” – que não tem nenhum equivalente direto em português, pelo que tivemos de optar por uma tradução usando uma expressão mais longa:

86. (a) After Years of **Bootstrapping**, Realtime Backed by \$100M for Realtime Web
- (b) Após anos de **desenvolvimento por sua própria iniciativa**, a Realtime é agora apoiada por 100 milhões de dólares para criar a Realtime Web  
(Texto 8)

Podemos, então, considerar o exemplo acima como um caso de uma palavra que exprime um conceito não lexicalizado na língua-alvo. Esta situação é referida por Baker (1992): “*the source-language word may express a concept which is known in the target culture but simply not lexicalized, that is not “allocated” a target-language word to express it*”. Ou seja, a palavra “*bootstrapping*”, que significa, segundo o *site* [www.thefreedictionary.com](http://www.thefreedictionary.com), “*to promote and develop by use of one's own initiative and work without reliance on outside help*”, não apresenta um equivalente fixo, dependendo antes do contexto em que o termo se encontra. Este facto é visível na tradução presente no dicionário inglês português da Porto Editora, que apresenta o significado “*subir a pulso*” como tradução. Posto isto, na tradução da expressão que ocorre neste exemplo, e na falta de um termo único que abarque o significado deste termo inglês, optámos pela construção de uma perífrase, seguindo o significado apresentado no *site* [www.thefreedictionary.com](http://www.thefreedictionary.com), mais inteligível para o leitor e adequado ao contexto.

No exemplo seguinte, ocorre, igualmente, um termo na língua inglesa que não possui equivalente em português, pelo que torna-se necessário utilizar uma expressão mais longa de modo a transmitir um significado presente no termo original.

87. (a) It's 100% **Cross-browser/platform**.

(b) Poderá utilizar em **várias plataformas e browsers**.

(Texto nº 6)

Neste exemplo, ocorrem dois termos distintos: “*cross-platform*” e “*cross-browser*”. Após efetuarmos uma pesquisa evidenciamos que “*cross-platform*” apresenta “*multi-platform*” como sinónimo. Esta é a capacidade que um determinado programa possui de funcionar em diversas plataformas. De igual modo, “*cross-browser*” designa a habilidade de uma aplicação ou *site* suportar vários *browsers*. Tendo estas definições em mente, e uma vez verificada a inexistência de termos mais apropriados, optámos por utilizar uma perífrase. Com efeito, a tradução que efetuámos, “várias plataformas e browsers” explica ao leitor a capacidade deste produto poder funcionar em várias plataformas e de utilizar vários *browsers*.

O exemplo 88 mostra outro exemplo em que tivemos de recorrer á perífrase de modo a transmitir o significado correto da frase apresentada em (a).

88. (a) The participants tend to try to not lose sight of what the **trainer** is doing.

(b) Os participantes tentam não perder de vista o **técnico de formação**, observando tudo o que faz.

(Texto nº 19)

O termo assinalado em (a), “*trainer*”, pode designar “treinador”, “instrutor” e “formador”. Tendo em consideração que este excerto foi retirado dos textos publicitários da “*Knowledge Pills Methodology*”, “treinador” e “instrutor” não são opções viáveis de tradução de “*trainer*”, já que o primeiro está ligado ao desporto e o segundo à educação. Já formador designa uma “pessoa que acompanha, orienta e avalia outras que estão em período de aprendizagem e de prática inicial de uma atividade”. Apesar de este termo apresentar o significado pretendido, “técnico de formação” é mais usual, principalmente em contexto de organizações e empresas. Assim, optámos por traduzir “*trainer*” por “técnico de formação” em vez de apenas “formador”.

A expressão presente no exemplo 89 teve, igualmente, de ser traduzida por perífrase, já que uma tradução mais literal não seria completamente transparente para o leitor.

89. (a) ‘But I hope you will get over it, and live to see many young men of **four thousand a year** come into the neighbourhood.’

(b) – Mas espero que se consiga restabelecer, e que viva para ver muitos jovens com **lucros de quatro mil libras anuais** a mudarem-se para a vizinhança.

(Texto nº 22)

No exemplo apresentado acima, tivemos de acrescentar a palavra “lucros” de modo a tornar a frase mais perceptível para o leitor. Com efeito, a expressão visível em (a), “*four thousand a year*”, traduzida mais à letra, não é suficiente para transmitir a mensagem contida no original, pelo que foi necessário incluir o termo “lucros”. Deste modo, a frase torna-se acessível ao leitor da tradução.

Finalmente, o exemplo seguinte mostra a ocorrência, em inglês, de um verbo traduzido por uma expressão composta por um verbo e um adjetivo.

90. (a) Elizabeth **felt** Jane’s pleasure.

(b) Elizabeth **estava feliz** pela alegria de Jane.

(Texto nº 22)

Como pudemos ver pelo exemplo 90, achámos necessário, de modo a transmitir o significado presente na frase apresentada em (a), construir uma perífrase. Com efeito, uma tradução mais à letra – “Elizabeth sentiu a alegria de Jane” – não transmite o significado presente no original, pelo que foi essencial alterar um pouco a frase, de forma a passar a mensagem de que Elizabeth estava feliz pela irmã, Jane. De outra forma o leitor poderia não compreender o que se pretendia.

## 2.5 – Colocações

“Colocações” é a designação a sequências de palavras que ocorrem em conjunto com uma frequência muito elevada. Nas palavras de Halliday e Hassan (1976) – *apud* Hatim

e Mason (1990) – “*in general, any two lexical items having similar patterns of collocation – that is, tending to appear in similar contexts – will generate a cohesive force if they occur in adjacent sentences*”. Os mesmos autores afirmam ainda o seguinte: “*in translation, the collocations should in general be neither less unexpected (i.e. more banal) nor more unexpected (i.e. demanding greater processing effort) than in the ST*”.

Seguidamente, apresentaremos alguns exemplos, onde podemos ver a ocorrência deste fenómeno.

No exemplo que se segue, podemos ver a expressão de língua inglesa “*whole new experience*”. Quando o tradutor encontra esta expressão, esta é, na grande maioria das vezes, senão sempre, traduzida por “experiência completamente nova”. No entanto, “experiência inteiramente nova” ou “nova experiência” são traduções igualmente possíveis, mas estas opções não podem ser consideradas colocações. Assim, o tradutor deve, perante expressões deste género, optar por encontrar a combinatória de palavras que é mais usual.

91. (a) It makes shopping online a **whole new experience**.

(b) A *Realtime®Web* torna as compras *online* numa **experiência completamente nova**.

(Texto nº 1)

Podemos observar a ocorrência de outra colocação no exemplo que se segue. A expressão “*in that precise moment*” é geralmente traduzida por “nesse mesmo instante”, como podemos ver em (b). Outras traduções possíveis seriam: “nesse mesmo momento”, “nesse preciso instante”, “nesse preciso momento” ou “nesse exato momento”. Porém, estas não são combinatórias típicas de palavras, pelo que a utilização de uma destas expressões não seria considerada correta.

92. (a) Interact with any website **in that precise moment** in real-time.

(b) Interaja com qualquer *site* em tempo real **nesse mesmo instante**.

(Texto nº 1)

Em 93, observamos outro exemplo de colocação. A tradução de “*come a long way*”, não pode ser diferente de “percorrer um longo caminho”, expressão bastante usual na nossa língua e que dificilmente admite a ocorrência de outra combinação de palavras.

93. (a) xRTML has **come a long way**.

(b) O xRTML **percorreu um longo caminho**.

(Texto nº 16)

Finalmente, o exemplo apresentado em seguida ilustra outra situação onde ocorre a colocação. Em inglês, a expressão “*sprain the ankle*” é, na grande maioria das vezes, traduzida por “torcer o pé”, uma colocação comum em português. Se tomarmos em consideração cada elemento desta expressão, “*sprain*” pode ser traduzido como: “torcer” ou “distender”. Já “*ankle*” é, geralmente, traduzido por “tornozelo”. Contudo, em situações em que uma pessoa tem uma entorse, é mais usual dizer “torcer o pé” do que “torcer o tornozelo”, e nessa mesma situação não dirá “distender o tornozelo” ou “distender o pé”. Assim, perante a expressão assinalada em (a), o tradutor poderá traduzi-la de duas maneiras: “torcer o pé” ou “torcer o tornozelo”. Escolhemos a primeira por considerarmos que esta, na linguagem falada, é mais comum do que a outra.

94. (a) Oh! that he had **sprained his ankle** in the first place!’

(b) Tomara que tivesse **torcido o pé** logo na primeira dança.

(Texto nº 22)

Como pudemos observar, a ocorrência de uma colocação, no texto de partida, tem de ser traduzida para uma colocação que ocorram na língua de chegada, de modo a que o leitor não fique perante expressões que lhe sejam estranhas.

## 2.6 – Unidades Fraseológicas

Durante a análise dos textos que traduzimos, podemos observar a ocorrência de alguns elementos denominadas unidades fraseológicas. As unidades fraseológicas, o objeto de estudo da Fraseologia, podem ser definidas como “*todas as construcciones lingüísticas formadas por combinacão fixa de duas ou mais palavras*” (Zuluaga, 1980 *apud* Silva, 2006). Por sua vez, Pastor (1997) – *apud* Silva (2006) – define este mesmo termo como “*unidades léxicas, formadas por más de dos palabras gráficas en su límite inferior cuyo límite superior se sitúa en el nível de la oracón compuesta*”. Já Gurillo (1997) – *apud* Silva (2006) – denomina de unidade fraseológica a combinacão fixa de palavras que apresenta algum grau de fixacão e eventualmente de idiomacidade. Podemos, então, concluir, que as unidades fraseológicas apresentam duas ou mais palavras, encontra-se lexicalizada, revela alguma estabilidade sintática e semântica e não pode ser decomposta, já que a substituiçã, a omissã ou o acréscimo de outras palavras podem pôr em causa a compreensã e interpretaçã dessa mesma unidade fraseológica.

As unidades fraseológicas apresentam, frequentemente, marcas culturais próprias, o que as torna, por isso, de difícil traduçã. Dado que as unidades fraseológicas detêm um significado próprio, que não é adquirido através da soma dos significantes dos seus constituintes, não é possível encontrar um equivalente através da traduçã à letra. O problema está, pois na dificuldade em encontrar um equivalente adequado. Assim, de modo a tentar ultrapassar este problema, Baker (1992) – *apud* Arrouyo (2009) – sugere cinco estratégias para o tradutor:

- a) Utilizar uma unidade fraseológica com um significado e forma similar;
- b) Utilizar uma unidade fraseológica com significado similar;
- c) Traduzir utilizando uma paráfrase;
- d) Omitir a unidade fraseológica;
- e) Omitir a unidade fraseológica no momento em que ocorre, mas introduzi-la noutra ponto do texto.

De seguida, analisaremos alguns exemplos onde podemos observar a ocorrência de unidades fraseológicas.

Começemos pela observação do seguinte exemplo:

95. (a) With Knowledge Pills, a new employee can **measure out in doses** the information received in the amount that is necessary, in this way ensuring the consolidation of the acquired knowledge.

(b) Com as *KnowledgePills*, um novo funcionário pode **dosear** a informação recebida na quantidade necessária, assegurando assim a consolidação do conhecimento adquirido.

(Texto 18)

O exemplo acima ilustra a ocorrência de uma unidade fraseológica em inglês, “*measure out in doses*”, que, neste caso, pode ser traduzida para uma só palavra do português, uma vez que esta língua possui um verbo que abarca todo o significado contido na referida expressão. Assim, “*measure out in doses*”, que significa literalmente “medir em doses”, pode traduzir-se usando o verbo “dosear”. Perante a utilização deste verbo, o leitor compreende que a informação referida vai sendo recebida na quantidade de que ele necessita, estabelecendo-se, ainda que de forma subjacente, a ligação a “*Pills*”, medicamento ou comprimido, que também pode ter de ser tomado em diferentes doses.

O problema que ilustramos em seguida, que ocorreu durante a tradução do texto literário, deveu-se à ocorrência de uma expressão inglesa atualmente em desuso e, por isso, mais difícil de reconhecer. Também neste caso, esta expressão pode ser considerada uma unidade fraseológica:

96. (a) **Tomorrow fortnight.**

(b) **De amanhã a quinze dias.**

(Texto 23)

Com efeito, esta expressão corresponde a uma forma inglesa arcaica que significa “*two weeks from tomorrow*”. O principal problema ao traduzir esta expressão foi identificar o seu significado, ausente nos dicionários correntes. Tornou-se, então, necessário alargar a nossa pesquisa. No *site* [forum.wordreference.com](http://forum.wordreference.com), encontramos a solução para este problema. Traduzimos, então, esta expressão utilizando uma outra que tem, igualmente, uma natureza fraseológica – “de amanhã a quinze dias” –, de modo a que o leitor não tenha problemas de compreensão do texto.

No exemplo seguinte, embora a unidade fraseológica em causa – “*to go live*” – tenha um equivalente em português, foi necessário proceder a algumas alterações da frase, de forma a torná-la suficientemente clara para o leitor do texto em português:

97. (a) Realtime launches with \$100M to create "Live Web". The company's technology allows any Web page **to go live** in real-time

(b) A *Realtime* lança 100 milhões de dólares para criar a “*Web Viva*”. A tecnologia da empresa permite que qualquer página *web* **seja vista “em direto”** em tempo real

(Texto 8)

Neste caso, foi, naturalmente, necessário perceber o significado da expressão original, de forma a transmiti-lo na tradução. A expressão “*to go live*”, que significa “em direto, ao vivo”, já inclui a ideia de uma transmissão ser emitida ou visualizada em tempo-real. No texto português, contudo, foi necessário utilizar a expressão “seja vista em direto”, de modo a que o leitor compreenda a informação. Uma tradução mais “à letra” – como “A tecnologia da empresa permite que qualquer página *web* esteja em direto em tempo real” – correria o risco de não ser suficientemente clara.

No exemplo que apresentamos em seguida, ocorre a expressão em inglês “*far into the future*”, que não possui uma correspondência direta em português com nenhuma expressão que decorra de uma tradução literal. Com efeito, expressões como “muito para o futuro” ou “num futuro distante” não seriam adequadas nem transmitiriam a mensagem presente no texto de partida. Optámos, então, por traduzi-la para a expressão usual em português “durante muitos anos”. Deste modo, foi possível manter o sentido do texto original sem introduzir uma expressão que parecesse estranha ao leitor.

98. (a) Watchwith is in the business of helping content owners create new licensable related content properties that will generate profits across media **far into the future**.

(b) A *Watchwith* auxilia os proprietários do conteúdo a criarem novas propriedades de licenciáveis que irão gerar lucros nos media **durante muitos anos**.

(Texto nº 4)

O exemplo seguinte, como podemos ver, contém uma expressão de natureza fraseológica que ocorre frequentemente em certo tipo de textos – “*read more*” –, que considerámos, tal como nos casos referidos anteriormente, não dever ser alvo de uma tradução literal, que daria origem à expressão em português “leia mais”. Com efeito, é frequente encontrarmos nestes textos a expressão “saiba mais”, com uma ligação para outra parte de um *site* com mais informação sobre o assunto em questão. Assim, foi esta a expressão por que optámos na tradução deste excerto.

99. (a) Fullsix is the leading digital marketing agency in Portugal. We deliver a ...

**Read more**

(b) Fullsix é a agência de marketing digital líder em Portugal. Nós distribuímos ...**Saiba mais**

(Texto nº 4)



A expressão “*breathes new life*” que ocorre no exemplo que apresentamos em seguida, de natureza fraseológica, foi traduzida por uma expressão em português que considerámos equivalente. “Dar nova vida” é uma expressão bastante comum em português, pelo que a sua utilização não coloca entraves à compreensão da frase. Já se tivéssemos optado por uma tradução mais literal, “respira uma nova vida”, o leitor poderia não compreender o significado desta expressão no contexto em que ela ocorre, o que poderia dificultar a compreensão de toda a frase.

100. (a) Because it **breathes new life** into an age-old tradition that was under serious threat of disappearing.

(b) Porque **dá uma nova vida** a uma tradição antiga, tradição essa que esteve em sérios riscos de desaparecer.

(Texto nº 22)

O exemplo abaixo, retirado dos textos técnicos, contém uma expressão que nos pareceu um pouco criativa, tendo em conta o texto em que se inseria. Perante a expressão inglesa “*fresh new*” num texto desta natureza, deparámo-nos com duas opções de tradução: “novo em folha” ou “fresquinho”. Optámos pela primeira, uma vez que “*Downloads* fresquinhos para si” não nos pareceu uma tradução adequada. Assim, “*Downloads* novinhos em folha para si” faz uso de uma expressão corrente em português – “novo em folha” –, permitindo, ao mesmo tempo, manter o sentido presente no texto de partida. O sentido desta expressão é também mais imediato para o leitor. Quanto à tradução escolhida, Neves (2000) apresenta ambas as expressões – “novo em folha” e “novinho em folha” – como válidas, mas após fazermos uma pesquisa de resultados entre as duas, verificámos que a segunda apresenta um maior número de resultados, razão pela qual optámos por esta tradução.

101. (a) **Fresh new downloads** for you, just take a pick and start developing in realtime with xRTML.

(b) **Downloads novinhos em folha** para si. Dê uma olhadela e comece a desenvolver em tempo-real com o xRTML.

(Texto nº 17)

Seguidamente, apresentamos um excerto que contém duas expressões de natureza fraseológica que trouxeram alguns problemas aquando da sua tradução: “*for Heaven’s sake!*” e “*you tear them to pieces*”.

102. (a) ‘Don’t keep coughing so, Kitty, for **Heaven’s sake!** Have a little compassion on my nerves. **You tear them to pieces.**’

(b) – Pare de tossir assim, Kitty, pelo **amor de Deus!** Tenha alguma compaixão pelos meus nervos. **Está a dar cabo de mim.**

(Texto nº 23)

A primeira expressão, “*for Heaven’s sake*”, tem um valor exclamativo. É normalmente usada para transmitir sentimentos e emoções, podendo, eventualmente, ter uma conotação religiosa. Foi, por isso, nossa preocupação encontrar uma expressão em português que fosse idêntica quanto à simbologia transmitida. Neste sentido, optámos

pela utilização da expressão “pelo amor de Deus”, mais usual do que qualquer outra decorrente de uma tradução mais literal.

No que diz respeito à segunda unidade fraseológica que ocorre neste excerto, “*you tear them to pieces*”, trata-se de uma expressão idiomática que contém uma metáfora como figura de estilo. Na tradução para português, procurámos uma expressão de significado equivalente e que, tal como a que ocorre no texto de partida, também contivesse uma metáfora: “está a dar cabo de mim”. Desta forma, para além de preservarmos o significado da expressão, mantivemos os recursos estilísticos usados no texto original. Note-se que, em português, é mais usual esta expressão do que uma expressão mais literal como “está a fazê-los [aos nervos] em cacos”, que seria bastante estranha para o leitor.

No exemplo que se segue, a tradução da expressão “*she times them ill*” teve de sofrer alguma adaptação, pois de outro modo pareceria demasiado estranha ao leitor português. Uma tradução mais próxima da literal seria “ela tem mau sentido de oportunidade”. No entanto, como a ideia transmitida por esta frase é a de que a altura em que a personagem tosse nunca é das melhores, e à falta de uma unidade fraseológica em português que transmitisse ao leitor exatamente o mesmo sentido, optámos por traduzir usando uma expressão que transmite de forma mais direta o significado pretendido: o facto de a personagem tossir em alturas inconvenientes é devido a não ser capaz de controlar a tosse, logo, propusemos a tradução “ela não consegue controlar a tosse”.

103. (a) ‘Kitty has no discretion in her coughs,’ said her father; ‘**she times them ill.**’

(b) – A Kitty não sabe tossir discretamente. – Disse o seu pai – **Ela não consegue controlar a tosse.**

(Texto nº 23)

Os excertos que apresentámos ao longo desta secção permitiram-nos ilustrar o tipo de questões decorrentes da presença de unidades fraseológicas no texto de partida que se levantam no decurso da tradução. Tratando-se, como afirmámos no início, de expressões com um carácter relativamente fixo, uma tradução literal não se afigura, em geral, adequada. Assim, neste caso, após a identificação da fraseologia, o papel do

tradutor centrar-se-á na procura de uma expressão de sentido equivalente na língua de chegada, que permita manter não só o significado, mas também o estilo presente no texto de partida.

## 2.7 – Termos

Os textos especializados, como já referimos, são ricos em terminologia especializada, pelo que, durante o processo de tradução, uma das questões com as quais o tradutor terá de lidar é, necessariamente, a da tradução dos termos. Os termos, como também já foi referido, designam “*unidades lexicais que assumem significados específicos quando usadas em discurso especializado, significados esses que lhes permitem denominar conceitos científicos e técnicos*” (Correia, 2005 – *apud* Cruz, 2012). Sager (2000) – *apud* Contente (2008) – refere a existência de três aspetos que caracterizam a natureza do termo, que são a significação, o modo de designação e a função:

*Do ponto de vista da significação, o termo faz parte da terminologia do domínio, isto é, a sua significação é limitada pelo sistema cognitivo ao qual pertence. No que respeita à designação, o termo é criado deliberadamente e especificamente; esta criação limita-se, por vezes, à afectação de uma significação mais restrita por uma unidade lexical da língua geral por um processo de terminologização. Quanto à sua função, os termos reenviam ao referente que designam, permitindo uma transmissão eficaz do conhecimento.*

Nesta secção, referiremos alguns dos termos que surgiram nas nossas traduções, bem como o modo como os traduzimos, procurando os seus equivalentes. Estabeleceremos uma distinção entre situações que assumiram contornos distintos. Assim, em primeiro lugar, referiremos alguns casos que ilustram a situação em que o termo não foi, na realidade, traduzido, uma vez que tomámos a opção de o usar como empréstimo, dada a frequência da sua ocorrência em textos da mesma área escritos em português. Seguidamente, apresentamos, a título ilustrativo, casos em que os termos

constantes do texto de partida têm um equivalente atestado em português. Finalmente, referimos ainda uma situação em que, perante a mesma unidade, seguimos duas opções de tradução distintas, tendo em conta o contexto.

No exemplo que começamos por apresentar, iremos considerar o termo “*e-commerce*”. Embora este termo também possa ser traduzido para “comércio eletrónico”, devido à expansão da informática e das tecnologias de informação, o empréstimo já está bastante disseminado na língua portuguesa, pelo que não achámos necessário utilizar o seu equivalente em português. Aliás, como já referimos em secções anteriores, na área das tecnologias, é bastante comum a utilização dos termos sob a forma de empréstimos, dado que a procura de equivalentes nas diferentes línguas poderá pôr em causa o seu reconhecimento e a compreensão do seu significado. Neste caso concreto, a nossa opção foi igualmente fundamentada no facto de, através de uma pesquisa de resultados, constatarmos que existe um maior número de ocorrências, em textos em português, do termo “*e-commerce*” do que do seu equivalente “comércio eletrónico”.

104. (a) User engagement and support is a vital part of every **e-commerce** website, but very often hard to achieve.

(b) O envolvimento e o apoio ao cliente são partes vitais de todos os *sites* de **e-commerce**, porém são muito difíceis de alcançar.

(Texto nº 9)

O excerto abaixo apresentou-nos algumas dificuldades de tradução do termo apresentado a negrito. Após algumas pesquisas, não encontramos nenhuma proposta de tradução e que ocorresse um equivalente em português para este termo. Reparámos, contudo, que, mesmo em textos portugueses, ele ocorre, como empréstimo, com bastante frequência, ainda que essencialmente em *sites* de especialidade. Como tal, decidimos manter o termo original, uma vez que o texto de onde o exemplo foi retirado pertence, igualmente, a um *site* dedicado às tecnologias de informação.

105. (a) However if HTML5 WebSockets are not available because the user has an old browser then ORTC will automatically fallback to the best method available to deliver and receive the real-time messages (e.g. AJAX **long-polling** HTTP calls) so the development team can code as if all users have modern browsers like Google Chrome or Safari.

(b) No entanto, se o HTML5 *WebSockets* não estiver disponível, por o utilizador possuir um *browser* antigo, o ORTC® irá recorrer automaticamente ao melhor método disponível para distribuir e receber as mensagens em tempo real (por exemplo, o método de ligação HTML AJAX *long-polling*) para que a equipa de desenvolvimento possa codificar como se todos os utilizadores possuíssem *browsers* modernos como o *Google Chrome* ou o *Safari*.

(Texto nº 2)

No excerto que apresentamos em seguida, ocorre o termo “*low latency*”. Neste caso, dada a existência de um equivalente já atestado em português, utilizámos o termo correspondente, “baixa latência”.

106. (a) Taking advantage of the amazing traffic-driven automatic scalability of ORTC, these **low-latency** applications will be able to scale to millions of simultaneous users ...

(b) Aproveitando a escalabilidade automática de tráfego orientado do ORTC®, estas aplicações de **baixa latência** poderão ser escaladas a milhões de utilizadores em simultâneo ...

(Texto nº 3)

Finalmente, os exemplos 107 e 108 ilustram uma situação peculiar, já que o mesmo termo foi alvo de diferentes opções de tradução. No exemplo 107, ocorre um termo que corresponde ao nome de uma metodologia de trabalho – “*Knowledge Pill*” –, pelo que considerámos adequada a opção de manter a designação na sua forma original, visto não existir nenhuma atestação da sua tradução para a língua portuguesa. Contudo, no exemplo 108, devido à utilização de “*Knowledge Pill*” como um trocadilho entre a designação do produto e a referência a um comprimido ou uma pílula, que tomamos em caso de doença ou como suplemento vitamínico, optámos por uma tradução. Assim, decidimos traduzir “*Knowledge Pill*” para “Pílula de Conhecimento”, pois caso mantivéssemos a designação original, a frase “já tomou o seu *Knowledge Pill*?”, não teria o impacto pretendido, já que não iria ser transposto para o texto de chegada o trocadilho presente no texto de partida.

107. (a) This tool is the **Knowledge Pill**, a small unit of explicit knowledge in a multimedia format to be used from the “just-in-time” training perspective.

(b) Este instrumento é a *Knowledge Pill*, uma pequena unidade de conhecimento explícito em formato multimédia, para ser utilizado numa perspectiva de formação “*just-in-time*”.

(Texto nº 19)

108. (a) Have you had your **Knowledge Pill**?

(b) Já tomou a sua **Pílula de Conhecimento**?

(Texto nº 19)

A tradução de termos, como acabámos de ver, também não está isenta de problemas e dificuldades. Nem sempre é fácil para o tradutor saber como traduzir certos termos, sobretudo nas áreas em constante desenvolvimento, e onde não existe uma tradução atestada para todos os termos. Sem se poder apoiar numa regra específica, o tradutor terá de analisar cada caso em particular e decidir, fazendo as pesquisas necessárias, sobre qual a melhor forma de tradução.

### 3. Outros Problemas

Como referido no início do capítulo, nesta secção serão apresentados dois tipos de problemas que não se inserem nem nos problemas de sintaxe nem nos problemas de léxico. São eles os sinais de pontuação e os símbolos.

#### 3.1 – Sinais de Pontuação

Os sinais de pontuação têm uma função muito específica na frase. Essa função consiste em tentar “*reproduzir, sob forma escrita, o ritmo da frase falada*” (Maillot, 1975). Como também afirmado por Cunha e Cintra (1984), a língua falada apresenta ritmo e melodia, características de que a língua escrita não dispõe. Os sinais de pontuação tentam reconstituir essas características. Os sinais de pontuação dividem-se, então, em dois grupos, um que consiste nos sinais que marcam uma pausa e outro grupo

que compreende sinais que marcam entoação. Além do mais, os sinais de pontuação podem ter, também, um valor expressivo, e ajudam a manter a coesão e a coerência num texto, ajudando a leitura e a compreensão deste.

Note-se que, embora esta ideia não esteja presente em textos mais tradicionais, a pontuação pode, também, representar a presença de determinadas construções, apresentando uma relação direta com a estrutura das frases.

Os sinais de pontuação obedecem a um código convencionado e, portanto, estão sujeitos a regras específicas que condicionam a sua utilização, regras essas que variam de uma língua para outra (Maillot, 1975).

Este subcapítulo tem como objetivos demonstrar as diferenças de utilização de certos sinais de pontuação nas línguas trabalhadas durante o estágio. Para o português, partiremos das regras de pontuação apresentadas em Bergström & Neves Reis (2004).

No exemplo que apresentamos em 109, a pontuação da frase foi alterada. A vírgula é um sinal de pontuação que indica uma breve pausa na leitura. Utiliza-se para separar certos elementos de uma oração, para isolar modificadores apositivos, orações coordenadas, orações participiais e orações gerundivas, entre outros. Neste exemplo, não seria adequado utilizar a vírgula sem modificarmos um pouco a frase de modo a que ocorresse algum tipo de conector que permitisse relacionar as sequencias justapostas: “Estamos sempre abertos a novas ideias e sugestões, envie-nos as suas dicas” poderia ser alterado para “Estamos sempre abertos a novas ideias e sugestões, por isso envie-nos as suas dicas”. Optámos, antes, por eliminar o problema, substituindo a vírgula do texto original por um ponto final, criando duas frases independentes. Por outro lado, preferimos, no final da frase, trocar o ponto de exclamação por um ponto final porque achamos que a frase final traduzida não denota, em especial, expressividade ou entoação.

109. (a) We're always open to new ideas and suggestions, send us a line!

(b) Estamos sempre abertos a novas ideias e sugestões, Envie-nos as suas dicas.  
(Texto nº 5)

No exemplo 110, podemos ver, igualmente, uma alteração na pontuação entre o texto original e a tradução. No exemplo original, ocorre uma vírgula a separar orações que, em português, foi substituída por um ponto final. Esta alteração teve como resultado a presença de dois períodos mais curtos, que tornaram o texto mais claro.

110. (a) SIX:am is the Fullsix Group online media agency, specialized in communication on the various digital channels, has as main goal the strategy development, planning and online media buying, focused on measurement and results optimization (ROI), innovation and creativity.

(b) Six:am é a agência de media online do Fullsix Group especializada em comunicação nos vários canais digitais. O seu principal objetivo é o desenvolvimento de estratégias, o planeamento e a compra online de media, estando focada na medição e otimização de resultados (ROI), na inovação e na criatividade.

(Texto nº 4)

No exemplo que apresentamos em 111, a alteração da pontuação foi introduzida para isolar, por duas vezes, uma expressão iniciada por um conector que permite a particularização (ou exemplificação) da informação anterior. Assim, as expressões “como comentários dos utilizadores” e “como jogos para vários utilizadores” foram colocadas entre vírgulas, evidenciando-se, desta forma, o seu estatuto parentético. No texto em inglês, estas vírgulas não estavam presentes.

111. (a) Taking advantage of the amazing traffic-driven automatic scalability of ORTC, these low-latency applications will be able to scale to millions of simultaneous users and can range from simple real-time activity streams like user comments, to complex collaborative applications like multiplayer games, never forgetting the increasingly important notifications of new e-commerce product promotions or new content becoming available.

(b) Aproveitando a escalabilidade automática de tráfego orientado do ORTC®, estas aplicações de baixa latência poderão ser escaladas a milhões de utilizadores em simultâneo e podem variar entre simples atividades em tempo real, como comentários dos utilizadores, e aplicações mais complexas de colaboração, como jogos para vários utilizadores, sem nunca esquecer os cada vez mais importantes avisos de novas promoções de produtos e-commerce ou novos conteúdos disponíveis.

(Texto nº 2)

Também o exemplo 112 ilustra uma alteração da pontuação relacionada com uma diferença no que diz respeito à utilização da vírgula. Como realçado por Bergström & Neves Reis (2004), em português, os modificadores da frase devem ser isolados por vírgulas. Assim, no presente excerto, o modificador adverbial “provavelmente” foi delimitado por vírgulas, contrariamente ao que acontecia no texto de partida.

112. (a) You browse the web a lot and you're probably used to the refresh button by now. Well with real-time technology that simple action becomes obsolete, that and so much more.

(b) Como navega muito na internet, está, provavelmente, habituado ao botão atualizar. Com a tecnologia real-time, essa simples ação torna-se obsoleta. Essa e muitas mais.

(Texto nº 1)

No exemplo 113, também tivemos de alterar um pouco a pontuação da frase, substituindo uma vírgula por um ponto final, pelo que o parágrafo em questão passou a ser constituído por dois períodos e não apenas por um. Com efeito, para mantermos apenas um período, teríamos de acrescentar um conector – como “por isso”, “então”, “assim” ou “portanto” – que permitisse ligar as duas partes da informação.

113. (a) In the world of development a demonstration speaks louder than words, so check our realtime demos and get in touch with us.

(b) No mundo do desenvolvimento, uma demonstração vale mais do que palavras. Veja as nossas demos *Realtime* e entre em contato<sup>6</sup> connosco.

(Texto nº 7)

No exemplo 114, está ilustrada uma das maiores diferenças de utilização dos sinais de pontuação que observámos existir entre as duas línguas. Está relacionada com a forma como são representados os fragmentos de diálogos nos textos.

114. (a) ‘Design! Nonsense, how can you talk so! But it is very likely that he MAY fall in love with one of them, and therefore you must visit him as soon as he comes.’

(b) ‘Desígnio! Que disparate! Como pode falar assim? Mas é muito provável que ele possa enamorar-se por uma delas, e portanto deve visitá-lo assim que ele chegar.’

---

<sup>6</sup> Palavra grafada em português do Brasil a pedido da empresa de acolhimento onde realizámos o estágio.

Em inglês, como se pode observar em 114 (a), as aspas são o sinal de pontuação por excelência para marcar diálogos e discurso direto. No entanto, em português, o sinal que marca os diálogos é o travessão, o que conduziu à alteração que podemos observar em 114 (b).

O ponto de exclamação é outro dos sinais presentes neste exemplo. Como referido por Cunha e Cintra (1984), o ponto de exclamação é “*o sinal que se põe a qualquer enunciado de entoação exclamativa. Mas, como a melodia das exclamações apresenta muitas variedades, o seu valor só pode ser depreendido do contexto. Cabe, pois, ao leitor a tarefa, extremamente delicada, de interpretar a intenção do leitor*”. Foi, pois, através da interpretação desta passagem que alterámos a pontuação na tradução. A expressão “Que disparte!”, na nossa opinião, deve fazer-se acompanhar de um ponto de exclamação, de modo a que o leitor perceba o tom de indignação presente na personagem, algo que pode perder-se no texto original.

Finalmente, no fragmento “Como pode falar assim?”, interpretámos a frase com um valor mais interrogativo do que exclamativo, razão pela qual o sinal de pontuação, na tradução, foi alterado, passando de um ponto de exclamação a um ponto de interrogação. Alternativamente, haveria a possibilidade de opção por um ponto de interrogação seguido de um ponto de exclamação, “Como pode falar assim?!”, transmitindo-se, desta forma, ao leitor a ideia de surpresa e espanto. Com efeito, Cunha e Cintra (1984) afirmam que “*nas perguntas que denotam surpresa, ou naquelas que não têm nem endereço nem resposta, empregam-se por vezes combinados o ponto de interrogação e o ponto de exclamação*”.

Por fim, o exemplo 115 ilustra outra divergência do uso da pontuação. Desta vez, está relacionada com a forma de representação de interrupções nos diálogos.

115. (a) Then the two third he danced with Miss King, and the two fourth with Maria Lucas, and the two fifth with Jane again, and the two sixth with Lizzy, and the BOULANGER—‘

(b) Depois dançou com a Menina King, a seguir com Maria Lucas, outra vez com Jane, depois com Lizzy, e a Boulanger...  
(Texto nº 22)

Como se pode observar em 115 (a), em inglês, as interrupções dos diálogos são representadas através de um travessão. Esta norma é indicada explicitamente em vários textos. Veja-se, por exemplo em <http://grammar.ccc.commnet.edu/>, “*in writing dialogue, the dash is used to show breaks in thought and shifts in tone*”. No exemplo acima, podemos ver que o diálogo é, efetivamente, interrompido por outra personagem. Na tradução para o português, de um texto com esta marca, é necessário alterar o sinal de pontuação, usando as reticências. Com efeito, Cunha e Cintra (1984) referem: “*empregam-se também as reticências para reproduzir, nos diálogos, não uma suspensão do tom da voz mas o corte da frase de um personagem pela interferência da fala de outro*”.

### **3.2– Símbolos**

A ocorrência de símbolos nos textos trabalhados no âmbito do estágio não foi muito significativa, mas, por a sua representação resultar de convenções distintas, decidimos fazer uma breve referência a alguns exemplos encontrados.

A presença de símbolos num texto pode apresentar alguns problemas ao nível da tradução, que podem ser ultrapassados seguindo algumas estratégias. Maillot (1975) indica qual é, na sua opinião, o melhor método de encontrar equivalentes para os diferentes tipos de símbolos. Primeiramente, o autor refere que os símbolos se dividem em duas famílias: os símbolos literais e os gráficos. Os primeiros dizem respeito a símbolos de grandeza e de unidade, como o metro, a grama, a polegada, o litro, o volt, o minuto, os graus Kelvin, entre muitos outros. Estes símbolos são identificados pela letra inicial do nome que representam ou por abreviatura. Os símbolos gráficos, por outro lado, dizem respeito à identificação de aparelhos ou dispositivos, às placas sinaléticas e aos símbolos matemáticos, por exemplo. Estes são “puramente convencionais”, como refere o autor e, geralmente, universais.

Podemos afirmar que os símbolos que se seguem nos exemplos abaixo se inserem, seguindo a classificação proposta por Maillot (1975), na categoria de símbolos gráficos, pois são convencionais, universais, no sentido em que o seu símbolo é

reconhecido sem que seja necessário uma tradução, e não constituem abreviaturas da designação do seu nome. Eis os exemplos que ocorreram nos textos traduzidos durante o estágio:

116. (a) Realttime lands \$100M in funding to actually make the Web real-time

(b) A *Realttime* consegue 100 milhões de **dólares** em financiamento para criar a *Web* em tempo real

(Texto nº 8)

117. (a) £64 million investment to help Realttime develop 'live web'

(b) Um investimento de 64 milhões de **libras** para ajudar a *Realttime* a desenvolver a “*web viva*”

(Texto nº 8)

118. (a) How Realttime® works

(b) Como é que a *Realttime*® funciona?

(Texto nº 6)

Como se pode ver, nestes casos, a estratégia seguida passou pela substituição do símbolo pela palavra que representa o respetivo conceito. Assim, no exemplo 116, o símbolo “\$” foi substituído pela palavra “dólar” e no exemplo 117, o símbolo “£” foi substituído pela palavra “libra”. Tal como afirmado por Maillot (1975), os símbolos devem ser exprimidos “*pelos seus nomes, escritos com todas as letras*”, segundo diversas regras que variam consoante o símbolo. Foi necessário seguir esta estratégia de modo a tornar o texto mais inteligível. De notar ainda que os símbolos em questão deve ser exprimidos pelo nome equivalente na língua alvo. Ou seja, no exemplo 116, a tradução correta é “100 milhões de dólares” e não “100 milhões de *dollars*”. Também no exemplo 117, a tradução correta é “64 milhões de libras” e não “64 milhões de *pounds*”. Isto é, o tradutor deve “*respeitar a língua de chegada, no que diz respeito à escrita dos nomes de unidades, o que nem sempre acontece, mesmo em textos técnicos*” (Maillot, 1975).

Por outro lado, no exemplo 118, o símbolo que ocorre não precisa de uma tradução, nem tal seria possível se quiséssemos manter a coerência do texto ou da frase. O símbolo “®” designa uma marca registada. Este é igualmente um símbolo gráfico universal, usado nos diferentes países, pelo que não é passível de tradução.

### 3.3 – Questões Culturais

A interferência de questões culturais na tradução, aspeto já referido no Capítulo II, é uma das questões que mais preocupa o tradutor. Como foi já mencionado, a cultura e a língua são indissociáveis, pelo que o tradutor, profissional que trabalha com várias línguas, tem obrigatoriamente de lidar com questões relacionadas com as diferenças entre as culturas associadas às línguas com que trabalha. A este propósito, Newmark (1988) afirma o seguinte:

*Frequently where there is cultural focus, there is a translation problem due to the cultural “gap” or “distance” between the source and target languages.*

Também Robinson (2006) faz alusão a esta problemática, referindo as várias opções que estão à disposição do tradutor quando este tipo de questões se coloca, de forma a que os problemas que surgem sejam ultrapassados. Segundo o autor (op. cit.):

*Long debates have been held over when to paraphrase [...], when to use the nearest local equivalent [...], when to coin a new word by translating literally [...], and when to transcribe [...].*

Cabe, no entanto, ao tradutor analisar o texto e elege a melhor opção de tradução para cada palavra ou expressão culturalmente marcada. A escolha de uma das possíveis estratégias de tradução, para um determinado problema, não deve ser generalizada a todos os problemas com que o tradutor se depara.

Entre os exemplos encontrados durante o estágio, vamos referir as diferenças existentes no que diz respeito aos diferentes sistemas monetários, as diferenças relativamente ao modo de representar as datas e as diferenças que dizem respeito a denominações de profissões, por exemplo.

O exemplo que apresentamos em 119 ilustra, então, as diferenças entre as línguas decorrentes da existência de diferentes sistemas monetários:

119. (a) Realtime gets **\$100M** to create a real-time overlay for the web

(b) Realtime recebe **100 milhões de dólares** para criar uma segmentação em tempo real para a Web

(Texto 8)

Uma vez que não nos foi pedido, pelo supervisor do estágio, para procedermos ao câmbio de dólares para euros, mantivemos, na tradução, o valor e a referência da moeda original. Foi, no entanto, necessário proceder a algumas alterações no texto. Para além da substituição do símbolo “\$” pela designação correspondente – questão abordada na subsecção “Símbolos” – e da abreviatura “M” pelo termo correspondente – referida na secção “Abreviaturas” –, foi necessário realizar algumas adaptações, de forma a que o texto resultante se tornasse mais claro, facilitando a sua compreensão pelo público da língua de chegada.

As datas são outro tipo de expressões que podem ter de sofrer algumas alterações ao serem traduzidas, sobretudo se a ordem pela qual ocorrem os elementos que as compõem for diferente de cultura para cultura. Como podemos ver no exemplo que apresentamos em seguida, o texto de partida segue o método referido por Maillot (1975), que corresponde à “*maneira antiga de enunciar a data, colocando em primeiro lugar o nome do mês, em segundo o dia do mês*”. Como referido pelo autor, os norte-americanos seguem este modo de escrever datas. De modo a ser mais inteligível para o leitor português, o tradutor terá, neste caso, de adaptar a data ao modo que é mais usual nesta língua, colocando, em primeiro lugar, o dia, seguido do mês e, por fim, do ano.

120. (a) **August 8, 2012**

(b) **8 de agosto de 2012**

(Texto 8)

O exemplo que apresentamos em 120 foi retirado dos textos traduzidos do *site* e ocorria, concretamente, na parte do texto correspondente ao separador dos contactos. O texto original contém várias expressões de saudação de formas diferentes, em inglês, e uma em francês. Na tradução para o português, não faria, neste caso, sentido traduzir todas estas expressões, visto não ser esse o objetivo. Decidimos, portanto, traduzir para português apenas uma das expressões em inglês e deixar as outras duas na língua

original, alcançando o objetivo pretendido, de mostrar que a *Realtime* está presente em vários países e que qualquer pessoa pode entrar em contacto com a empresa, independentemente do país em que viva ou da língua que fale.

121. (a) **Hello! Hi there! Salut!**

(b) **Olá! Hello! Salut!**

(Texto 5)

Podemos considerar o exemplo 122 como um caso daquilo que Baker (1992) chama de “*translation by cultural substitution*”.

122. (a) Moreover, the students were also responsible to distribute the flyers and present the campaigns in classes, “selling” the ideas to other students, **lecturers and members of staff**.

(b) Para além disso, os estudantes foram também responsáveis pela distribuição de folhetos e pela apresentação das campanhas na aula, “vendendo” as ideias a outros estudantes, a **professores e aos funcionários auxiliares**.

(Texto 20)

Segundo a autora, “*this strategy involves replacing a culture-specific item or expression with a target-language item which does not have the same propositional meaning but is likely to have a similar impact on the target reader*” (op.cit.). Esta estratégia “*gives the reader a concept with which s/he can identify something familiar and appealing*” (idem). Neste caso, está em causa a tradução de “*lecturer*”. Segundo o dicionário *Oxford Student's*, este nome designa “*a person who gives talks to teach people about a subject, especially as a job in a university*”. Por outro lado, no dicionário da Porto Editora, “*lecturer*” é traduzido para “conferencista” ou “professor”. Visto que a frase apresentada e 122 (a) foi retirada de um texto em que refere uma Faculdade, será natural utilizar os termos correspondentes em português, que sejam utilizados no âmbito do ensino universitário. “Leitor” é outra das traduções possíveis apresentadas no site da Infopédia, mas, em Portugal, esta designação é utilizada para referir uma determinada categoria de docentes universitários (normalmente, professores de línguas estrangeiras). Por esta razão, optámos por traduzir “*lecturer*” por “professor”, termo mais usual em português e que não está forçosamente associado a uma categoria específica. No caso da

sequência “*members of staff*”, esta é frequentemente traduzida genericamente para “pessoal”. No entanto, tendo em conta o contexto da frase, considerámos mais adequado optar por traduzir “*members of staff*” para “funcionários auxiliares”, termo mais apropriado à área académica.

O seguinte exemplo apresentou-nos dois tipos de problemas, um relacionado com questões culturais, apresentado em seguida, e outro relacionado com questões de equivalência, que será apresentado mais adiante. O problema cultural que surgiu na tradução do presente excerto diz respeito ao termo “*Michaelmas*”, usado para referir uma festa religiosa inexistente em Portugal. O significado desta palavra é definido, no site <http://www.britannica.com/>, como “*Christian feast of St. Michael the Archangel, celebrated in the Western churches on September 29 and in the Eastern (Orthodox) Church on November 8*”. O termo original não tem um equivalente direto em português, mas, através da definição apresentada acima, pudemos fazer uma pesquisa, partindo da data associada. Uma vez comprovado que o dia 29 de setembro corresponde ao dia de S. Miguel, optámos por uma tradução por paráfrase. Tendo em conta que a definição encontrada na *Encyclopaedia Britannica* é “festa do arcanjo S. Miguel”, decidimos traduzir para “Festa de S. Miguel” e não apenas para “Dia de S. Miguel”. Com efeito, apenas a primeira expressão transmite a ideia de celebração, ideia que é necessário transmitir ao leitor, uma vez que este constitui um conceito cultural específico.

123. (a) ‘Why, my dear, you must know, Mrs. Long says that Netherfield is taken by a young man of large fortune from the north of England; that he came down on Monday in a chaise and four to see the place, and was so much delighted with it, that he agreed with Mr. Morris immediately; that he is to take possession before **Michaelmas**, and some of his servants are to be in the house by the end of next week.’

(b) – A razão, meu caro, de precisar de saber, é que a Sra. Long disse que Netherfield foi alugada por um jovem possuidor de grandes fortunas proveniente do norte de Inglaterra. Veio na segunda-feira numa charrete e acompanhado de mais quatro para ver o lugar, e ficou tão enlevado que acordou com o Sr. Morris nesse mesmo momento. Vai tomar posse antes da **Festa de S. Miguel**, e alguns dos seus serviçais são esperados na casa no final da próxima semana.

(Texto 23)

Em relação a estes conceitos de natureza cultural, Baker (1992) afirma o seguinte: *“the source-language word may express a concept which is totally unknown in the target culture. The concept in question may be abstract or concrete; it may relate to a religious belief, a social custom, or even a type of food. Such concepts are often referred to as ‘cultural-specific’”*.

## Conclusão

O presente relatório teve como objetivo a apresentação e análise das traduções efetuadas durante o estágio na *Ayr Consulting*.

No primeiro capítulo deste trabalho, procedemos a uma descrição e caracterização dos textos traduzidos. Tendo em conta que traduzimos textos de diferentes géneros e integrados em diferentes áreas, mas que a quantidade de textos traduzidos de cada área não foi idêntica, não foi possível analisá-los conjuntamente, razão pela qual os textos que apresentaram maior expressão foram, igualmente, aqueles relativamente aos quais apresentámos e desenvolvemos mais informação. Assim, foi dada uma maior relevância ao texto técnico, dado que foi aquele que se destacou no que diz respeito à quantidade de textos traduzidos. Com efeito, esta maior quantidade de textos técnicos trabalhados permitiu-nos refletir mais profundamente sobre as questões que a tradução deste tipo de textos levanta, bem como sobre as estratégias que o tradutor pode seguir para ultrapassar os problemas com que se depara.

Ainda no primeiro capítulo, apresentámos um conjunto de glossários, organizados por área de especialidade. Os glossários mostram, de igual modo, a quantidade de textos traduzidos de cada área. A sua construção mostrou-se importante pela economia de tempo na procura de tradução de termos já anteriormente traduzidos, bem como por facilitar a manutenção de uma terminologia coerente ao longo das traduções. Julgamos, ainda, que os glossários construídos poderão ser úteis para traduções futuras, constituindo, por um lado, um auxílio ao trabalho do tradutor, e, por outro lado, um contributo para a uniformização das traduções no que diz respeito a aspetos terminológicos.

No segundo capítulo deste trabalho, desenvolvemos algumas questões que considerámos pertinentes, não só por estarem interligadas com o trabalho apresentado neste relatório, como também para melhor conhecermos o papel do tradutor e da tradução, num mundo onde as relações internacionais são cada vez mais importantes e onde a tradução automática começa a alcançar alguma notoriedade.

Finalmente, no terceiro capítulo deste relatório, apresentamos algumas das dificuldades e problemas de tradução que nos surgiram ao longo das traduções

realizadas no âmbito do estágio. Para ilustrar cada tipo de problema analisado, apresentamos um conjunto de exemplos significativo, com o original, em inglês, e a respetiva tradução, em português, bem como a justificação para a escolha de cada opção de tradução. Consideramos, no entanto, que nem sempre a nossa escolha é a única possível, dado que o tradutor dispõe de muitas formas de traduzir adequadamente um mesmo texto, mantendo a sua correção formal. As questões abordadas ao longo deste capítulo foram divididas em duas secções centrais: uma primeira secção em que são referidos aspetos relacionados com a sintaxe das duas línguas, e uma segunda secção em que são abordados problemas que dizem respeito ao léxico.

Para finalizar, gostaríamos de acrescentar que consideramos que o estágio realizado constituiu uma experiência bastante interessante e enriquecedora, dando-nos a oportunidade de perceber como funciona, neste caso, um departamento de tradução dentro de uma empresa, e quais são as exigências que estão associadas às tarefas de tradução num ambiente profissional. Permitiu-nos ainda uma aplicação das aprendizagens resultantes dos seminários realizados no primeiro ano de Mestrado em Tradução.

## Bibliografia

ALBIR, Amparo Hurtado (2001). *Traducción y Traductología. Introducción a la Traductología*. Madrid: Ediciones Cátedra.

AL-HASSNAWI, Ali R. A. (s/d). *Aspects of Scientific Translation: English into Arabic Translation as a Case Study*. Dissertação de Doutorado. Ibr College Of Education.

ALMEIDA, Teresa (1998). Crítica a *Fábulas* de La Fontaine. Referido em: DURÃO, Maria do Rosário Frade (2007). *Tradução Científica e Técnica: Proposta para a Formação de Tradutores Pluricompetentes Especializados na Produção de Documentação Científica e Técnica do Inglês para o Português*. Dissertação de Doutorado em Estudos Portugueses. Universidade Aberta.

ALVES, Ana Teresa Pintasilgo da Costa (2012). *Transcreation: Desafios e potencialidades da tradução do texto publicitário*. Dissertação de Mestrado. Universidade Nova de Lisboa.

AMMAN, M & H.J. Vermeer (1990). *Entwurf eines Curriculumums für einen Studiumgang Translatologie und Translatorik*. Heidelberg: Institut für Übersetzen und Dolmetschen.

ANDRADE, Ana Rebello (2002). A Terminologia do empréstimo linguístico no Português Europeu: uma terminologia ambígua? In Duarte, Isabel Margarida, Joaquim Barbosa, Sérgio Matos, Thomas Hüsgen (org.). *Encontro Comemorativo dos 25 Anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto*. Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto. Pp. 35-44.

ARAÚJO, Juliana Geórgia Gonçalves & Lia Raquel Vieira de Andrade (2012). O olhar da análise do discurso sobre o texto publicitário. In *Eutomia, Revista de Literatura e Linguística*. Pp. 492-505.

ARROYO, Marisa Díez (2009). Phraseological Units: Persuasion and Translation. In *Revista Alicantina de Estudios Ingleses*. Vol. 22. Pp.45-62.

BAAKES, K. (1994). *Key issues of syntax in the special languages of science and technology*. (s/l): Julius Groos Verlag.

BAKER, Mona (1992). *In other words, a coursebook on translation*. New York: Routledge.

BAKR-SEREX, M. (1997). *On Language Varieties and Translation*. Cairo.

BAR-HILLEL, Y. (1959). *Report on the State of Machine Translation in the United States and Great Britain: Technical Report 15 February 1959*. Jerusalem: Hebrew University.

BASSNET, Susan (1991). *Translation Studies*. Revised edition London and New York: Routledge.

BASSNETT, Susan (2001). “Da Literatura aos Estudos de Tradução”, versão portuguesa de João Duarte, *In* Helena Buescu, João Duarte, Manuel Gusmão e Dionisio Soler (eds) *A Floresta Encantada. Novos Caminhos da Literatura Comparada*, Lisboa: Publicações D. Quixote. Pp.289-311.

BASSOLS, Margarida & Anna Maria Torrent (2003). *Modelos textuales – Teoría y práctica*. Barcelona: Ediciones Octaedro.

BELHAAG, A.E. (1997). *Papers on Translation: Theory and Practice*. Allisan Al-Arabi. Vol.43. Pp. 3-32.

BELLOC, Hilaire (1931). *On Translation*. Oxford: The Clarendon Press.

BERGSTRÖM, Magnus e Reis, Neves (2004). *Prontuário Ortográfico e Guia da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Notícias.

BERNARDO, Ana Maria García (2012). Tipo, género e espécie de texto. Para uma classificação textual relevante para a tradução. Artigo não publicado cedido pela autora.

BOTELHO, Anette Pierrette Rapenne, Estrela Pinto Ribeiro Lamas e Maria do Carmo Castelo Branco (orgs.). (2010). *Dicionário de Metalinguagens da Didáctica*. Porto: Porto Editora.

BRITO, Ana Maria (2003). Categorias Sintáticas. In Mateus, M. H., A. M. Brito, I. Duarte, I. H. Faria (orgs.). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho. 5ª Edição revista e aumentada. Pp 323-432.

BRITO, Ana Maria e I. Duarte (2003). Orações relativas e construções aparentadas. In Mateus, M. H., A. M. Brito, I. Duarte, I. H. Faria (orgs.). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho. 5ª Edição revista e aumentada. Pp 653-694.

BRITO, Ana Maria, I. Duarte e G. Matos (2003a). Tipologia e distribuição das expressões nominais. In Mateus, M. H., A. M. Brito, I. Duarte, I. H. Faria (orgs.). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho. 5ª Edição revista e aumentada. Pp 795-867.

BRITO, Ana Maria, I. Duarte e G. Matos (2003b). Estrutura da frase simples e tipos de frases. In Mateus, M. H., A. M. Brito, I. Duarte, I. H. Faria (orgs.). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho. 5ª Edição revista e aumentada. Pp 433-505.

BYRNE, Jody (2006). *Technical Translation. Usability Strategies for Translating Technical Documentation*. Dordrecht: Springer.

CATFORD, J. C. (1965). *A Linguistic Theory of Translation*. London: Oxford University Press.

- CAVACO-CRUZ, Luís (2012). *Manual Prático e Fundamental de Tradução Técnica*. Independence, USA: Arkonte
- CHESTERMAN, Andrew (1997). *Memes of Translation: the spread of ideas on translation theory*. Amsterdam: Benjamins.
- CHESTERMAN, Andrew & Emma Wagner (2002). *Can theory help translators? A dialogue between the ivory tower and the wordface*. Manchester, UK: St. Jerome Publishing.
- COE, Norman, Mark Harrison & Ken Paterson (2007). *Grammar Spectrum for Portuguese Students*, Oxford: Oxford University Press.
- CONTENTE, Maria Madalena Dias Marques (2008). *Terminocriatividade, sinonímia e equivalência interlinguística em medicina*, Lisboa: Edições Colibri.
- CORREIA, Margarita (2005). Terminologia, neologia e normalização: como tratar os empréstimos neológicos. In *Terminómetro*, número especial: A terminologia em Portugal. Pp. 15-20.
- CUNHA, Celso & Lindley Cintra (1984). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- D'AGENAIS, J. & J. Carruthers (1985). *Creating Effective Manuals*. Cincinnati, USA: South Western Publishing Co.
- DELABASTITA, Dirk & Lieven D'Hulst (1993). *European Shakespeares: Translating Shakespeare in Romantic Age*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins.
- DERRIDA, J. (1985). Des Tours de Babel. In *Difference in Translation* (ed. Joseph F. Graham). Nova Iorque: Cornell University, Pp. 209-248.
- DUARTE, I. (2003). A família das construções inacusativas. In Mateus, M.H., A. M. Brito, I. Duarte & I. H. Faria (orgs). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho. 5ª Edição revista e aumentada, pp.507-535.
- DUARTE, I. e F. Oliveira (2003). Referência nominal. In Mateus, M.H., A. M. Brito, I. Duarte & I. H. Faria (orgs). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho. 5ª Edição revista e aumentada, pp.205-242.
- DUBOIS, Jean *et al.* (1973). *Dictionnaire de Linguistique*. Paris
- DUQUET-PICARD, Diane (1986). *La synonymie en langues de spécialité: étude du problème en terminologie*, Québec, GIRSTERM, Université Laval.
- DURÃO, Maria do Rosário Frade (2007). *Tradução Científica e Técnica: Proposta para a Formação de Tradutores Pluricompetentes Especializados na Produção de Documentação Científica e Técnica do Inglês para o Português*. Dissertação de Doutoramento em Estudos Portugueses. Universidade Aberta.

- EVEN-ZOHAR, Itamar (1979). Polysystem Theory. *In Poetics Today* 1. Vol.1-2. Pp. 283-305.
- FISHBACH, H. (1998). Guest Editor's Preface. *In Translation and Medicine*, American Translators Association Series. Vol. X. Pp. 1-12.
- FLOR, João Almeida (1988). Traduzir – Algumas linhas para reflexão. *In Revista ICALP*. Vol.11. Pp. 16-23.
- FREITAS, Manuel de (2006). Crítica a *Poesia e Cultura* de Jorge de Sena. Referido em: DURÃO, Maria do Rosário Frade (2007). *Tradução Científica e Técnica: Proposta para a Formação de Tradutores Pluricompetentes Especializados na Produção de Documentação Científica e Técnica do Inglês para o Português*. Dissertação de Doutoramento em Estudos Portugueses. Universidade Aberta.
- FREITAS, Tiago, Maria Celeste Ramilo & Elisabete Soalheiro. O processo de integração dos estrangeirismos no português europeu. In Freitas, Tiago (2010). *Estudos de Corpora. Da teoria à prática*. Lisboa: Colibri.
- GAMERO PÉREZ, S. (2001). *La traducción de textos técnicos*. Barcelona: Editorial Ariel.
- GONÇALVES, Lourdes Bernardes (1999). Avaliando a Tradução Literária. *In Revista de Letras*. Vol. 1 (21). Pp. 42-46.
- GÖPFERICH, S. (1993). Die Translatorische Behandlung von Textsortenkonventionen in technischen Texten. *In Lebenden Sprachen*. Vol. 2. Pp. 49-52.
- GREGOLINE, Brenda, Ann Contl Morcos, Diane Howard, Bethany Thivierge, Lauren A. Ransome (2002). Translating Scientific Text: Practicalities and Pitfalls. *In Annual Meeting Reports*. Science Editor. Vol. 25 (Nº 6). Pp. 188.
- GRICE, H.P. (1975). Logic and Conversation. In Cole, P & J.L. Morgan (org.). *Syntax and Semantics 3. Speech Acts*. New York: Academic Press. Pp. 41-58.
- GRIZE, J.B. (1981). L'argumentation: explication ou seduction. *In L'argumentation. Linguistique et semiology*. Lión: Publications de l'Université de Lyon.
- GROSSMAN, Edith (2010). *Why Translation Matters*. New Haven: Yale University Press.
- GUIDERE, Mathieu (s/d). *The Translation of Advertisements: from Adaptation to Localization*. Disponível em <http://www.translationdirectory.com/article60.htm>
- GURILLO, L. Ruiz (1997). *Aspectos de Fraseología Teórica Española*, Valência: Universidade de Valência.
- GUTT, E. A. (1990). A theoretical account of translation – without a translation theory. *In Target*. Vol. 2 (Nº 2). Pp. 135-164.

- GUTT, E. A. (1991). *Translation and Relevance: cognition and context*. Oxford: Basil Blackwell.
- HALLIDAY, M. A. K. & R. Hassan (1976). *Cohesion in English*, London: Longman.
- HASSAN, Bahaa-eddin Abulhassan (2011). *Literary Translation: Aspects of Pragmatic Meaning*. Newcastle, UK: Cambridge Scholars Publishing.
- HATIM, Basil & Ian Mason (1990). *Discourse and the Translator*. Harlow: Longman.
- HATIM, Basil & Jeremy Munday (2004). *Translation, An advanced resource book*. New York, USA: Routledge.
- HERMANS, Theo (1985). *The Manipulation of Literature: Studies in Literary Translation*. London: Croom Helm.
- HOFFMANN, L. (1991). Texts and text types in LSP. In Schröder, H. (ed.). *Subjectoriented Texts*. Walter de Gruyter. Pp. 158-166.
- HOLMES, James S. (1975). *The Name and Nature of Translation Studies*. Amsterdam: University of Amsterdam.
- HOLZ-MÄNTTÄRI, Justa (1984). *Translatorisches Handeln. Theorie und Methode*. Helsinki: Suomalainen Tiedeakatemia.
- HÖNIG, Hans G. & Kussmaul, Paul (1982). *Strategie der Übersetzung. Ein Lehr- und Arbeitsbuch*. Tübingen: Narr.
- HOORICKX-RAUCQ, Isabelle (2005). Mediating the Scientific Text. A Cultural Approach to the Discourse of Science in some English and French Publications and TV Documentaries. In *The Journal of Specialized Translation*. N° 3. Pp. 97-108.
- HOUSE, Juliane (1981). *A model for translation quality assessment*. Tübingen: Gunter Naar Verlag.
- HUDDLESTON, Rodney & Geoffrey K. Pullum (2012). *A Student's Introduction to English Grammar*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HUDSON, Richard (s/d). *Clitics in Word Grammar*. (s/l). Pp. 243-297.
- HURTADO ALBIR, Amparo (2001). *Traducción y Traductología. Introducción a la Traductología*. Madrid: Ediciones Cátedra.
- JOHANSSON, Rolf (2003). *How to write a scientific text, Lecture Notes*. Royal Institute of Technology, Stockholm.
- JAKOBSON, R. (1959). On Linguistic Aspect of Translation. In R. Brower (ed.) (1959) *On Translation*. Cambridge MA: Harvard University Press.

- KAY, Martin (1980). The Proper Place of Men and Machines in Language Translation. *In Research Report CSL-80-11*. Palo Alto, California: Xerox Palo Alto Research Center.
- KEEGAN, Warren, Sandra Moriarty & Tom Duncan (1992). *Marketing, Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall*.
- KELLY, Louis (1979). *The True Interpreter. A History of Translation Theory and Practice in the West*. Oxford: Basil Blackwell.
- KINGSCOTT, G. (2002). Technical Translation and Related Disciplines. *In Perspectives: Studies in Translatology*. Vol.10:4. Nº2. Pp. 355-356.
- KOCH, I. G. V. & L. L. Fávero (1998). *Linguística textual: introdução*. (s/l): Cortez.
- LAMPREIA, J. M. (s/d). *Técnicas da Comunicação*, Mem Martins: Publicações Europa-América.
- LANDERS, Clifford E. (2001). *Literary Translation, A Practical Guide*. Clevedon: Multilingual Matters.
- LEE-JAHNKE, H. (1998). Training in Medical Translation with Emphasis on German. *In F. Massadier-Kenney and H. Fishbach (eds.). Translation and Medicine*. American Translators Association Series. Vol. X. Pp. 1-12.
- LERVAD, S. (1999). *The European Association for Terminology (EAFT): Background, Objectives and Perspectives*. Snow Landsc. Pp.263-267.
- LIMA, Conceição (2010). *Manual de Teoria da Tradução*. Lisboa: Edições Colibri.
- LÖRSCHER, W. (1991). *Translation Performance, Translation Process, and Translation Strategies. A Psycholinguistic Investigation*. Tübingen: Gunter Narr.
- MAILLOT, Jean (1975). *A Tradução Científica e Técnica*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil.
- MANCUSO, J.C. (1990). *Mastering Technical Writing*. Menlo Park, USA: Addison-Wesley Publishing Company.
- MARANTZ, A. (1988). Clitics, morphological merger and the mapping to phonological structure. *In Hammond, M. & M. Noonan (eds.). Theoretical Morphology. Approaches in Modern Linguistics*. San Diego: Academic Press. Pp. 253-270
- MARINELLO, Adriane Fogali, Odete Maria Benetti Boff & Vanilda Salton Köche (2008). O Texto instrucional como um gênero textual. *In the ESPecialist*. Vol. 29. Nº especial. Pp. 61-77.
- MAROUZEAU, Jules (1946). *Précis de stylistique française*. Paris: Masson.

MATEUS, Maria Helena; Ana Maria Brito, Inês Duarte, Isabel Hub Faria, Sónia Frota, Gabriela Matos, Fátima Oliveira, Marina Vigário & Alina Villalva (2003) (orgs.). *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa: Editorial Caminho.

MATTOSO CAMARA JR., J. (1992). *Dicionário de Linguística e Gramática*, Petrópolis: Ed. Vozes.

MOOIJ, Marieke de (2004). Translating Advertising, Painting the Tip of an Iceberg. *In The Translator*. Manchester: St Jerome Publishing. Vol.10. nº 2. Pp.179-198.

NEMET-NEJAT, Murat (1991). Translation and Style. *In Talisman, a Journal of Contemporary Poetry and Poetics*.

NEVES, Orlando (2000). *Dicionário de Expressões Correntes*, Lousã: Círculo de Leitores.

NEVIS, Joel Ashmore (1994). *Clitics: a comprehensive bibliography*. Amsterdam: John Benjamins.

NEWMARK, Peter (1988). *A Textbook of Translation*. Hemel Hempstead, UK: Prentice Hall.

OLIVEIRA, Sandra (2010). Semiótica da publicidade: a criação do texto publicitário *In Rev. Estud. Comun.*, Curitiba. Vol. 11. Nº. 26. Pp. 273-276.

PASTOR, Glória Corpas (1997). *Manual de fraseologia española*. Madrid: Gredos.

PAZ, Octavio (1970). *Traducción: literatura y literariedad*. Cambridge

PINCHUCK, Isadore (1977). *Scientific and Technical Translation*. London: André Deutsch.

PLANTIN, Ch. (1990). *Essais sur l'argumentation*. Paris: Kimé.

PYM, Anthony (1992). *Translation and Text Transfer: An Essay on the Principles of Intercultural Communication*. Frankfurt am Main: Peter Lang.

Real Academia de la Lengua Española, *Diccionario de la Lengua Española* (21 ed), Madrid, 1992

REISS, Katharina & Hans Vermeer (1984). *Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie*. Tübingen: Niemeyer.

REMI-GIRAUT, S. (1987). Delimitation et hierarchisation des échanges dans le dialogue, *In Cosnier, J et al.* (ed.). *Decrire la conversation*. Lión: Presses Universitaires de Lyon. Pp. 13-72.

REQUENA, J. González & A. Ortiz de Zárate (1995). *El Esport Publicitário*, Madrid: Ediciones Cátedra.

- RIFFATERRE, M. (1992). Transposing Presuppositions on the Semiotics of Literary Translation. In R. Schulte & J. Biguenet (eds.). *Theories of Translation: An Anthology of Essays from Dryden to Derrida*. Chicago & London: The University of Chicago Press. Pp. 204-217.
- ROBINS, R. H., (1968). *General Linguistics. An Introductory Survey*. London: Longmans, Green and Co.
- ROBINSON, Douglas (2006). *Becoming a Translator, an introduction to the Theory and Practice of Translation*. London & New York: Routledge
- SAGER, Juan C. (2000). Pour une approche fonctionnelle de la terminologie. In Béjoint, Henri ; Philippe Thoiron (dir.). *In Les Sens en Terminologie*. Lyon : Presses Universitaires de Lyon. Pp. 40-60.
- SAID, Fábio M. (2011). *Fidus Interpres : a prática da tradução profissional*, São Paulo: edição do autor.
- SANTANA, Vanete Dutra (2008). *A dicotomia do tradutor/autor na leitura de “A tarefa do tradutor”, de Benjamin, por Derrida*. Disponível em: [www.scielo.br/scielo.php?pid=S010318132008000100015&script=sci\\_arttext#nt01](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010318132008000100015&script=sci_arttext#nt01)
- SAVORY, Theodore H. (1960). *The Art of Translation*. Dufour Editions.
- SCHLEIERMACHER, Friedrich (2003). Sobre os Diferentes Métodos de Traduzir. In *Über die Verschiedenen Methoden des Übersetzens*. Porto: Porto Editora
- SCHULTE, Rainer (2012). What is Translation. In *Translation Review*. Vol. 83. Pp. 1-4
- SENNA, L. A. G. (2003). O texto técnico-científico. In *Projetos Acadêmicos de Pesquisa-Ação em Educação*. (s/l).
- SILVA, Moisés Batista da (2006). Uma palavra só não basta: Estudo teórico sobre as unidades fraseológicas. In *Revista de Letras*. Vol. 1/2. (Nº 28).
- SNELL-HORNBY, Mary (1995). *Translation Studies: An Integrated Approach*. Revised edition Amsterdam and Philadelphia, PA: John Benjamins.
- STEINER, G. (1998). *After Babel: Aspects of Language and Translation*. London, Oxford & New York: Oxford University Press.
- TABER, Ch. R. & Eugene A. Nida (1971). *La Traduction: théorie et méthode*. Londres.
- TARUTZ, J. (1992). *Technical Editing: The Practical Guide for Editors and Writers*. Reading: Perseus Books.
- TOURY, Gideon (1995). The Nature and Role of Norms in Translation. In *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins

- TOURY, Gideon (2010). Translation: a Cultural-Semiotic Perspective. In Sebeok, Thomas A. et al. (Eds.). *In Encyclopedic Dictionary of Semiotics*. Berlin, New York & Amsterdam: Mouton de Gruyter.
- TRAVAGLIA, L. C. (1991). *Um estudo textual-discursivo do verbo no português do Brasil*. Dissertação de Doutoramento em Linguística. Universidade Estadual de Campinas.
- VALDEZ, Susana (2009). *O Autor Anónimo. A Invisibilidade do tradutor no contexto português*. Dissertação de mestrado. Universidade de Lisboa.
- VAN DIJK, T. (1983). *La ciencia del texto*. Barcelona: Paidós.
- VANDEPITTE, Sonia (2008). Translating instructive texts. In *Hermes – Journal of Language and Communication Studies*. Nº 40. Pp. 69-82.
- VILELA, Mário (1994). *Estudos de Lexicologia do Português*. Coimbra: Livraria Almedina.
- VILELA, Mário (1995). *Ensino da Língua Portuguesa: Léxico, Dicionário, Gramática*, Coimbra: Livraria Almedina.
- VOLLI, Ugo (2003). *Semiótica da publicidade: a criação do texto publicitário*, Lisboa: Edições 70.
- WERLICH, E. (1982). *A Text Grammar of English*. Heidelberg: Quelle & Meyer.
- WHITE, F.D. (1996). *Communicating Technology: Dynamic Process and Models for Writers*. New York & USA: HarperCollins College Publishers.
- WILLIAMS, Jenny, e Andrew Chesterman (2002). *The Map: A Beginner's Guide to Doing Research in Translation Studies*. Manchester: St. Jerome Publishing.
- YEBRA, Valentín García (1989). *Teoría y Práctica de la Traducción*. Madrid: Editorial Gredos.
- ZETHSEN, Karen Korning (1999). The Dogmas of Technical Translation – Are They Still Valid? In *Hermes, Journal of Linguistics*. (Nº 23). Pp. 65-75.
- ZULUAGA, Alberto (1980). *Introducción al estudio de las expresiones fijas*. Tübingen: Max Hueber.

## Webgrafia

Empresa de acolhimento: <http://www.ayr-consulting.com/pt/>

Realtime: <http://www.realtime.co/pt>

Knowledge Pills Methodology: <http://pt.edupills.eu/>

IATE: <http://iate.europa.eu/>

Linguee: <http://www.linguee.pt/>

Dicionários e Enciclopédia da Porto Editora: Infopédia: <http://www.infopedia.pt/>

Dicionário Terminológico: <http://dt.dgicd.min-edu.pt/>

Dicionário *online* Cambridge: <http://dictionary.cambridge.org/>

Dicionário *online* Merriam Webster: <http://www.merriam-webster.com/>

Dicionário *online* The free dictionary: <http://www.thefreedictionary.com/>

## Dicionários

*Oxford Student's Dictionary of English* (2002). Oxford: Oxford University Press.

*Dicionário da Língua Portuguesa* (2003). Porto: Porto Editora.

*Dicionário Inglês Português* (2005). Porto: Porto Editora.

## Anexos

Anexo nº 1: Tabela, fornecida pela empresa de acolhimento, que contém os termos em português europeu e português do Brasil. Esta tabela foi-nos facultada de modo a traduzirmos certas palavras usando os termos na coluna da direita.

<b>Termos em Português – Portugal</b>	<b>Termos em Português – Brasil</b>
Ficheiro	Arquivo
Armazenado/armazenar =	Alojado/alocar
Secção	Seção (já o acto de “seccionar” permanece igual)
Contacto	Contato
“Empurrar conteúdos”	Fazer o “push” de conteúdos
Aplicação	Aplicativo
Espectro	Espectro
Controlo	Controle
Consola	Console
Em directo	Ao vivo
Em simultâneo	Simultaneamente
Equipa	Equipe
Acentos agudos e tônicos(Ex): António	Acentos agudos e tônicos (Ex): Antônio (Geralmente, o agudo daqui passa ao tónico, ou tónico de lá)
Perceção/Receção	Percepção/Recepção
Fazer download	Baixar
Registo	Registro
Password	Palavra-passe